

**Ernesto Bozzano**

## **Fenômenos de “Transporte”**

(Extraordinários e comentados casos de *transporte*  
e de *desintegração e reintegração* da matéria)



A Escada do Céu



### **Conteúdo resumido**

O ilustre professor e cientista italiano Ernesto Bozzano estudou os fenômenos de transporte, de objetos e pessoas, através de

longos anos de experimentação. A presente obra é o resultado desse criterioso trabalho de pesquisa.

*Fenômenos de "Transporte"* é, como os outros livros do autor, um trabalho essencialmente científico. O fenômeno de transporte é um dos mais objetivos e também dos mais extraordinários de todos os fenômenos de além-túmulo.

No decorrer da obra Bozzano relata uma série de fatos, todos eles documentados, comprovados, capazes de enfrentar a crítica mais exigente, mais rigorosa.



## Sobre o Autor

Ernesto Bozzano foi um dos mais eruditos sábios dos últimos tempos. Nascido em Savona, província de Gênova, na Itália, no ano de 1861, ele veio a desencarnar em Gênova, no dia 7 de julho de 1943.

Dado o seu inusitado interesse pelo estudo do Espiritismo, em cujo afã dedicou metade de sua profícua existência de 81 anos, mereceu o cognome de “Grande Mestre da Ciência da Alma”. Trabalhando catorze horas diárias, durante cinquenta e dois anos, elaborou um estudo que se fosse enfeixado num livro de tamanho médio, resultaria num volume de 15.000 páginas. Para colimar seus estudos contou com o concurso valioso de 76 médiuns, tendo ainda deixado nove monografias inconclusas.

Com apenas 16 anos de idade, Bozzano já se interessava por temas abrangendo assuntos filosóficos, psicológicos, astronômicos, ciências naturais e paleontológicas. Além disso, desde a sua juventude, sentia inusitada atração para os problemas da personalidade humana, principalmente os que conduziam às causas dos sofrimentos, a finalidade e a razão da vida humana.

O seu nome alcançou notável projeção internacional, tendo sido escolhido como Presidente de Honra do V Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona, Espanha, de 1º a 10 de setembro de 1934.

Conforme notícia estampada no famoso jornal inglês *Two Worlds*, em sua edição de maio de 1939, os espíritas britânicos ofereceram-lhe belíssima medalha de ouro, tendo em uma de suas faces uma figura simbólica segurando uma coroa de louro na mão direita, com a divisa latina *Aspera ad Astra*, e na outra face uma legenda cuja tradução é a seguinte: “Ao Grande Mestre da Ciência da Alma, Ernesto Bozzano, que abriu novos horizontes à humanidade sofredora, seus amigos e admiradores.”

Bozzano foi intransigente defensor do Espiritismo, tendo tomado a incumbência de tamanha relevância após estudá-lo minuciosamente.

Numa época em que o Positivismo de Augusto Comte empolgava muitas consciências, Bozzano passou a engrossar suas fileiras, demonstrando nítida inclinação por todos os ramos do saber humano e entregando-se resolutamente ao estudo das obras dos grandes filósofos de todas as épocas. Dos postulados positivistas gravitou para uma forma intransigente de materialismo, o que o levou a proclamar, mais tarde: “Fui um positivista-materialista a tal ponto convencido, que me parecia impossível pudessem existir pessoas cultas, dotadas normalmente de sentido comum, que pudessem crer na existência e sobrevivência da alma.”

Nos idos de 1891, recebeu do professor Ribot, diretor da *Revista Filosófica*, a informação sobre o lançamento da revista *Anais das Ciências Psíquicas*, dirigida pelo Dr. Darieux, sob a égide de Charles Richet. A sua opinião inicial sobre essa publicação foi a pior possível, dada a circunstâncias de considerar verdadeiro escândalo o fato de representantes da Ciência oficial levarem a sério a possibilidade da transmissão do pensamento entre pessoas que vivem em continentes diferentes, a aparição de fantasmas e a existência das chamadas casas mal-assombradas.

Nessa mesma época, o professor Rosenbach, de S. Petersburgo (atual Leningrado), publicou violento artigo na *Revista Filosófica*, situando-se numa posição antagônica à introdução desse novo misticismo no domínio da psicologia oficial. Na edição subsequente, o Dr. Charles Richet, refutou, ponto por ponto, as afirmações de Rosenbach, as quais reputava errôneas, mostrando em seguida as suas conclusões lógicas sobre a matéria. Esse artigo do sábio francês teve o mérito de diminuir as dúvidas de Bozzano.

Os últimos resquícios dessa dúvida foram completamente destruídos na mente de Bozzano, quando ele leu o livro *Fantasmas dos Vivos*, de autoria de Gurney, Podmore e Myers. As dúvidas que alimentava sobre os Fenômenos telepáticos foram assim completamente eliminadas. Dali por diante dedicou-se, com afincado e verdadeiro fervor, ao estudo aprofundado dos fenômenos espíritas, fazendo-o através das obras de Allan Kar-

dec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Paul Gibier, William Crookes, Russel Wallace, Du Prel, Alexander Aksakof e outros.

Como medida inicial para um estudo mais profundo, Bozzano organizou um grupo experimental, do qual participaram o Dr. Giuseppe Venzano, Luigi Vassalo e os professores Enrico MorSELLI e Francisco Porro da Universidade de Gênova.

No decurso de cinco anos consecutivos, graças ao intenso trabalho desenvolvido, esse pequeno grupo propiciou vasto material à imprensa italiana e, ultrapassando as fronteiras da península, chegou a vários países, pois praticamente havia-se objetivado a realização de quase todos os fenômenos, culminando com a materialização de seis Espíritos, de forma bastante visível e com a mais rígida comprovação.

O seu primeiro artigo intitulou-se *Espiritualismo e Crítica Científica*, porém o sábio levou cerca de nove anos estudando, comparando e analisando, antes de publicar as suas idéias. Polemista de vastos recursos, sustentou quatro acérrimas e importantes polêmicas com detratores do Espiritismo. A fim de pulverizar uma obra de ataque, publicada na época, fez editar um livro de duzentas páginas, o qual levou o título *Em Defesa do Espiritismo*.

A primeira obra por ele publicada, com o fito de sustentar a tese espírita foi a *Hipótese Espírita e a Teoria Científica*, à qual se seguiram outras não menos importantes: *Dos Casos de Identificação Espírita*, *Dos Fenômenos Premonitórios*, e *A Primeira Manifestação de Voz Direta na Itália*.

As seguintes obras de Bozzano foram vertidas para o português: *Animismo ou Espiritismo?*, *Pensamento e Vontade*, *Os Enigmas da Psicometria*, *Metapsíquica Humana*, *A Crise da Morte*, *Xenoglossia*, *Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte* e *Fenômenos de Transporte*.

O seu devotamento ao trabalho fez com que o grande sábio italiano se tornasse de direito e de fato um dos mais salientes pesquisadores dos fenômenos espíritas, impondo-se pela projeção do seu nome e pelo acendrado amor que dedicou à causa que

havia esposado e defendido com todas as forças de sua convicção inabalável.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação da sua mãe, em julho de 1912, serviu de ponte para a demonstração da sobrevivência da alma. Bozzano realizava na época sessões semanais com um reduzido grupo de amigos e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se comemorava o transcurso do primeiro aniversário de desencarnação da sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixaram assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Durante os anos de 1906 e 1939, Bozzano colaborou intensamente na revista espírita *Luce e Ombra*, escrevendo também centenas de artigos para as revistas do gênero, que se publicavam na Itália, França, Inglaterra e outros países.

## Prefácio

Ernesto Bozzano é ainda, sem a menor dúvida, a maior expressão espírita nos dias que correm. Falecido já há alguns anos, o grande mestre italiano continua a ser o autor citado na literatura espírita contemporânea no campo da fenomenologia.

É verdade que nenhum dos grandes autores espíritas, de Crookes a Bozzano, de Flammarion a Geley, destruiu o cerne da obra de Allan Kardec. Terminologia nova, interpretações mais desenvolvidas até certo ponto, eis o que se tem notado, depois de Kardec, mesmo porque todo ramo de conhecimento recebe enriquecimentos com a marcha dos anos. No fundo, porém, no que diz respeito aos princípios gerais do Espiritismo, nenhum autor, da Terra ou do Além, sobrepujou a codificação de Kardec.

Ernesto Bozzano trouxe inestimável contribuição à ciência espírita. Basta dizer que os trabalhos de Bozzano são sempre uma fonte universal. Não se pode atualmente discutir a ciência espírita, sem, depois de conhecer a obra de Kardec, citar Bozzano. Seus livros são considerados clássicos em matéria espírita.

*Fenômenos de "Transporte"* é, como os outros livros do grande professor italiano, um trabalho essencialmente científico. O próprio título, aliás, o diz, porque o fenômeno, como se sabe, é o objeto, a razão de ser da ciência espírita. Sem o fenômeno não haveria ciência espírita, não teríamos o Espiritismo, embora o Espiritismo (corpo de doutrina) não seja apenas fenômeno. O fenômeno de *transporte* é um dos mais objetivos, mais característicos de todos os fenômenos de além túmulo. Bozzano estudou o assunto através de longos anos de experimentação, o que lhe dá autoridade científica. Nas suas muitas páginas cita uma série de fatos, todos eles documentados, comprovados, capazes de enfrentar a crítica mais exigente, mais rigorosa. Consta do livro, como fecho, aliás, bem apropriado, o trecho de uma carta do Dr. Charles Richet, nome consagrado mundialmente nos meios científicos, como médico famoso e professor de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Paris, relatando um interessante caso de *transporte* ocorrido em Buenos Aires, Argentina, no ano de

1891 e que lhe foi comunicado pelo próprio protagonista, o visconde Saul de Vitray.

Este, pois, trata-se de um livro muito curioso e interessante, que deve ser lido por todos os adeptos do Espiritismo.

Deolindo Amorim

## Introdução

Percorrendo os numerosos resumos, com relativos comentários e observações, feitos na Itália e no estrangeiro, acerca de nossas experiências em Millesimo, tive ocasião de observar, de modo geral, que as manifestações supranormais que pareciam mais duvidosas a muitos cétricos não eram as *vozes diretas* e sim os fenômenos de *transportes*,<sup>1</sup> e não do ponto de vista particular dos casos por nós obtidos mas sim do genérico e teórico da pressuposta inverossímil científica do fenômeno em si, combinada com a ausência de boas provas em tal ramo das manifestações metapsíquicas. E o que mais me impressionou foi a circunstância de que entre os que se declaravam teoricamente incrédulos se achavam eminentes personalidades científicas pertencentes ao movimento metapsíquico, personalidades que, desde muito, haviam aderido à interpretação espiritual de muitas manifestações mediúnicas.

Era, pois, natural que as observações expostas me levassem a refletir sobre as causas que determinavam tal estado de incipiente ceticismo em torno da existência real de uma categoria de fenômenos supranormais que, longe de serem raros, eram assaz freqüentes na casuística metapsíquica, fenômenos que investi-guei durante um decênio com dois médiuns privados notáveis, obtendo, pessoalmente, absoluta certeza de sua realidade.

Ora, eu verifiquei que a causa única desse persistente ceticismo em relação aos casos de *transportes* residia no fato de que ninguém jamais pensou em recolhê-los, classificá-los e analisá-los em uma monografia especial, pois, embora existissem numerosos casos do gênero, obtidos nas condições de manifestação incontestável, esses se achavam de tal forma dispersos em livros e revistas que ficaram ignorados à grande maioria dos cultores das pesquisas psíquicas.

Foram essas considerações que me induziram a publicar uma primeira monografia de ensaio sobre os *Fenomeni di apporto ed asporto*, da qual fossem excluídos – e isto a fim de eliminar todas as possibilidades de fraude – todos os casos obtidos em

plena obscuridade, com exceção dos em que os objetos transportados tivessem sido pedidos e designados, no momento, pelos experimentadores ou que, por outros motivos, bem definidos, excluíssem, igualmente, toda prática fraudulenta, casos todos que reuni na primeira categoria dos fenômenos em exame, para depois passar a uma segunda categoria em que se contivessem os casos de *transportes* obtidos em plena luz.

Rejubilo-me com essa rigorosa limitação de casos obtidos em condições de excluir qualquer suspeita de fraude, suspeita dificilmente eliminável nos casos conseguidos em plena obscuridade, sem as condições expostas; rejubilo-me, repito, porque assim agindo, deverei chegar a vencer a perplexidade de alguns eminentes homens de ciência, especialmente dos representantes das ciências físicas, os quais, calculando a enorme quantidade de energia necessária à obtenção dos fenômenos da desintegração molecular de um objeto qualquer, achavam impossível que tal soma de energia pudesse ser fornecida pelos médiuns, sem refletir que, aqui, não se trata de energia física mais de *energia psíquica*, cuja potencialidade todos nós ignoramos; entretanto, querendo ajudar-nos a compreender, recorrendo a provas por analogia, então deveremos reconhecer que, se a *vontade* é capaz de criar, quase instantaneamente, um fantasma materializado, perfeitamente organizado e vivo, resulta daí que não é o caso de espantar-nos se a mesma *vontade* chega a rapidamente desintegrar um objeto em seus elementos moleculares, para, em seguida, reintegrá-la, instantaneamente, em outra casa. O primeiro “milagre” parece bem mais estupefaciente do que o segundo.

Por ora não formularei outras considerações teóricas a respeito, mas, antes de passar à exposição dos fenômenos de *transportes* propriamente ditos, considero oportuno resumir, de modo breve, alguns dentre os mais notáveis episódios do fenômeno de *penetração da matéria através da matéria*, episódios que, intrinsecamente, se mostram idênticos aos *transportes* e deles diferem apenas pela modalidade com que se manifestam.

Assim sendo, resulta daí que tal categoria de fenômenos se tornará instrutiva em nosso caso, porquanto parece indicadíssima

a predispor o ânimo de profanos e incrédulos para acolher a outra categoria afim dos fenômenos de *transportes*.

E, para começar, recordarei o clássico episódio narrado por William Crookes na descrição de suas próprias experiências com o médium Daniel Dunglas Home. Escreve ele:

“O segundo caso que vou narrar verificou-se em plena luz, numa noite de domingo e na presença do Sr. Home e de alguns membros de minha família, somente. Eu e minha esposa tínhamos passado o dia no campo e dali trouxe algumas flores que havíamos colhido. Chegados à nossa casa, entregamos à criada para pô-la na água. O Sr. Home chegou logo depois e todos nós nos dirigimos para a sala de jantar. Quando nos sentamos, a criada trouxe as flores que havia posto em um vaso e eu o coloquei no meio da mesa, cuja toalha fora retirada. Era a primeira vez que o Sr. Home via tais flores.

Depois de obtidas várias manifestações, a conversa derivou para certos fatos que parecia não se poderem explicar senão admitindo que a matéria pudesse realmente passar através de uma substância sólida. A esse propósito, a seguinte comunicação nos foi dada alfabeticamente: *“É impossível a matéria passar através da matéria, mas vamos mostrar o que podemos fazer.”*

Esperamos em silêncio. Uma aparição luminosa foi logo vista pairando sobre o buquê de flores, depois, à vista de todos, um galhinho de erva da China, com 15 polegadas de comprimento e que ornamentava o centro do buquê, elevou-se lentamente do meio das flores e, em seguida, desceu sobre a mesa, defronte do vaso, entre este e o Sr. Home. Chegando à mesa, o raminho não se deteve, mas a atravessou em linha reta e todos nós o vimos muito bem até passar inteiramente.

Logo depois do desaparecimento do galhinho, minha esposa, que estava sentada ao lado do Sr. Home, viu, entre ela e Home, uma estranha mão que vinha debaixo da mesa e que segurava o raminho da erva com o qual lhe bateu duas

ou três vezes nos ombros com um ruído que todos ouviram. Depois o depositou no soalho e desapareceu. Apenas duas pessoas viram a mão, porém todos os assistentes perceberam o movimento do raminho. Enquanto isto se dava, todos nós podíamos ver as mãos do Sr. Home pousadas tranquilamente sobre a mesa que estava diante dele. O lugar em que a erva desapareceu ficava a 18 polegadas daquele onde estavam as suas mãos. A mesa era uma das de sala de jantar, com molas, abrindo-se com um parafuso. Não era elástica e a união das duas partes formava uma estreita fenda no meio; pois foi através dessa fenda que a erva passou e medi-a e observei que tinha apenas 1/8 de polegada de largura. O galhinho da erva era demasiadamente grosso para que pudesse passar através da fenda sem partir e, entretanto, o tínhamos visto passar por ali, sem dificuldade, docemente, e, examinando-a em seguida, ela não mostrou a mais leve marca de pressão ou de arranhão.”

William Crookes  
(*Experiences sur la force psychique*,  
pág. 171 da edição francesa).

Vimos, no caso exposto, que a personalidade mediúnica operante dissera *ser impossível passar a matéria através da matéria*, mas como depois a mesma entidade produziu um fenômeno que demonstrava praticamente o contrário, deve-se entender que, com tal afirmativa, quis referir-se à penetração da matéria sólida através de outra matéria sólida, mas, em igual tempo, demonstrou, com fatos, como era possível fazer passar através da matéria sólida outra matéria desintegrada em estado molecular ou fluídico.

\*

Com referência às clássicas experiências do gênero em exame, não posso deixar de tratar das famosas experiências do prof. Zöllner com o médium Slade, no ano de 1877, juntamente com os professores Weber e Fechner, experiências por ele predispostas com modalidades de manifestações incomuns.

Ele havia preparado quatro tiras com 148 centímetros de comprimento e 1 milímetro de diâmetro, cujas extremidades reuniu, atou e cuidadosamente lacrou. No momento de servir-se delas tomou uma das mesmas e a colocou em torno do pescoço e, como os experimentadores se encontrassem em plena luz, ele não perdeu de vista as extremidades das tiras nas quais se achavam os nós lacrados. Após alguns instantes, sem que o médium Slade tocasse as tiras, produziram-se quatro nós numa delas. Em outra experiência, o prof. Zöllner usou tiras chatas, de couro, as dispôs sobre uma tábua de madeira, unindo-as nas pontas e lacrando-as, chegando, desse modo, a formar círculos concêntricos do diâmetro de 5 a 10 centímetros. Logo em seguida colocou sobre elas as suas próprias mãos e bem pronto sentiu um *sopro frio* e também que as tiras se mexiam debaixo de suas mãos, enquanto as mãos do médium se achavam a 30 centímetros de distância e permaneciam imóveis. Três minutos após, Zöllner retirou as mãos e verificou que as tiras de couro estavam entrelaçadas umas às outras, formando quatro nós.

Uma terceira experiência foi feita com uma corda de violino, na qual ele introduziu duas argolas de madeira e uma terceira argola feita de tripa, tendo os três anéis o mesmo peso. Depois atou as duas pontas da corda de violino e as lacrou. Poucos minutos após, perceberam um leve cheiro de queimado e, ao mesmo tempo, ouviram o ruído como de dois anéis de madeira que se chocassem. Olharam para esse lugar e viram as duas argolas de madeira, que cerca de três minutos antes estavam presas à corda do violino, enfiadas na perna da mesinha. Naturalmente, a penetração não podia efetuar-se de modo normal, nem na parte do disco da mesinha, nem na parte dos três pés em que terminava a única perna central da mesinha. Além disso, na corda do violino haviam se formado dois nós frouxos e o anel de tripa havia penetrado neles.

Nenhuma dúvida padece de que, de um ponto de vista estritamente lógico, as várias experiências acima referidas, feitas em plena luz, com rigor científico e na presença de três homens de ciência, deverão de per si bastar para provar a existência real dos fenômenos da *penetração da matéria através da matéria*. Mas,

se isso é verdade de um ponto de vista estritamente racional, assim não é na prática toda vez que o critério da razão se acha em presença de manifestações que se mostram em franco contraste com as concepções que a humanidade vem formando em torno das leis da natureza (concepções sempre parciais e provisórias, mas constantemente consideradas como definitivas) e então se verifica que o critério humano repele muitas vezes o que é incapaz de assimilar e exige a reiteração, sob múltiplas formas, das manifestações produzidas, antes de render-se à evidência.

E não se pode negar que, se a primeira forma de acolhimento – a de repelir o que é novo – é deplorável, a segunda, ao contrário, parece legítima e indispensável ao reto desenvolvimento do saber humano, o qual se funda na experiência. Em suma, se pessoalmente é lícito ser lógico conceder pronto e justo valor a fatos bem verificados, embora isolados, não deve ser mais assim quando se trata de consagrar oficialmente o grande alcance dos mesmos. Neste último caso, deve-se esperar que os fatos se acumulem em medida suficiente para se lhes aplicar os processos científicos da análise comparada e da convergência das provas. Daí a necessidade de classificar os fatos.

Quanto ao “leve cheiro de queimado” sentido pelos experimentadores no momento em que se verificava o fenômeno das argolas introduzidas na perna da mesinha, noto como tal observação se liga a outra já por mim referida nos comentários sobre as experiências de Millesimo e a propósito dos *transportes* em geral, em que objetos transportados, de pedra ou metal, foram muitas vezes encontrados tépidos, quentes ou quentíssimos, segundo a estrutura atômica dos mesmos objetos, o que, na base da lei da transformação das forças físicas, deve justamente produzir-se toda vez em que nos defrontarmos com um fenômeno de desintegração e reintegração rapidíssima da matéria e, assim sendo, então se deveria inferir que, no caso aqui considerado, em que se tratava de argolas de madeira, o incidente do “leve cheiro de queimado” estaria a indicar que a muito rápida desintegração e reintegração molecular das argolas tenha provocado uma reação calórica bastante notável para atacar e queimar, em pequena parte, a celulose da madeira.

\*

Prosseguindo na enumeração dos fenômenos em exame, observo que são também instrutivas as notáveis experiências dos doutores Dupouy e Puel com uma jovem posta em estado sonambúlico pelo segundo deles. O Dr. Dupouy, no seu livro *Sciences Occultes et Physiologie Psychique* (pág. 213), assim escreve:

“Como contribuição pessoal aos fatos da ordem em exame, recordarei as famosas experiências da pulseira, feitas pelo Dr. Puel, experiências a que estive presente uma dezena de vezes, juntamente com outras testemunhas. Trata-se de um bracelete sem abertura ou solda, que se colocava no antebraço da sonâmbula, Sra. L. B. Suas mãos pousavam abertas, em cima da mesa ou eram seguras entre as mãos de um de nós. Em um dado momento, a sonâmbula emitia um grito de dor e logo ouvíamos o bracelete cair ao chão ou em cima de um móvel. Algumas vezes, nas mesmas condições de experimentação, isto é, com as mãos da sonâmbula estendidas sobre a mesa e *as mãos de um dos experimentadores em cima delas*, assistíamos, ao contrário, à passagem de uma pulseira de um antebraço para outro.”

O Dr. Chazarin, que, por sua vez, teve ocasião de assistir a tais experiências, a elas se refere nos seguintes termos:

“O fenômeno se verificou duas vezes sob o meu controle pessoal e da seguinte maneira: a sonâmbula sentou-se perto da mesa e eu fiquei defronte para vigiar-lhe os movimentos. Por duas vezes eu apanhei o bracelete e o introduzi no seu antebraço direito ao mesmo tempo em que segurava a sua mão correspondente, que mantinha fortemente apertada entre ambas as minhas mãos. Depois de cerca de oito a dez minutos, a sonâmbula proferiu um grito, não sei se de dor ou de medo, despertando de sobressalto. Em outra experiência semelhante, o meu amigo Augusto Reveillac me disse que, tendo apanhado logo a pulseira, verificara estar ela impregnada de um calor escaldante.” (*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1905, pág. 347).

Noto que esta última observação do relator, de que o bracelete foi encontrado em um estado de calor escaldante, não só confirma quanto se disse com referência ao caso análogo anterior, mas serve, ao mesmo tempo, para demonstrar a perfeita identidade de manifestação existente entre os fenômenos da *penetração da matéria através da matéria* e os dos *transportes*, visto que, nesta última categoria de manifestações, os casos em que se encontram mais ou menos quentes os objetos transportados se mostram assaz freqüentes. Saliento, finalmente, como tão interessante modalidade de manifestação, comum a ambas as categorias de fenômenos, serve, ademais, para provar, indireta mas eficazmente, a sua autenticidade de manifestações supra-normais indiscutíveis.

\*

Este outro interessante episódio, semelhante ao anterior, é pouquíssimo conhecido e isto porque está contido numa carta particular do Sr. Stainton Moses à Sra. Speer e se refere ao período em que a mediunidade de Moses ainda não se tinha desenvolvido de modo notável, carta em que ele tentava formar certa opinião em torno das novas pesquisas, experimentando com outros médiuns.

Na circunstância aqui considerada, experimentava pela primeira vez com a notável médium Sra. Holmes e obtivera manifestações excepcionais, o que se dava pelo fato de as suas próprias faculdades mediúnicas se harmonizarem com as da médium. Em um dado momento, o espírito-guia “Rosie” lhe disse que, como ele havia levado grande contribuição de *força*, experimentaria produzir o fenômeno da passagem do *arco* em redor do braço. Tratava-se do arco de um tamborim de madeira, reforçado com uma faixa de ferro e usado como coleira. Moses o examinara minuciosamente, achando-o normal. Ele assim prossegue:

“Aproximando-me da mesa, tive o cuidado de acertar, com uma das mãos, a exata posição em que se achava o arco ali colocado. Em seguida, a convite de Rosie, apalpei cuidadosamente o braço da médium para assegurar-me de

que nele não fora colocado nenhum arco igual, depois do que lhe segurei ambas as mãos e lhe imprimi aos braços uma sacudidela tão forte que, se neles houvesse um arco ou uma coleira, teria caído ao chão. Enfim, apertei-lhe ambas as mãos com uma das minhas e com a outra mão quis ainda certificar-me se o arco se achava em seu primitivo lugar. Inesperadamente verifiquei que se subtraía muita *força* ao meu organismo e vi formar-se uma “luz espiritual” em cima da mesa. A médium caíra em transe e o seu corpo era sacudido por um tremor convulsivo. Eu olhava a luz mediúnica e, a um dado momento, a vi e *senti* aproximar-se de mim, enquanto, ao mesmo tempo, verificava que o arco do tamborim estava *enrolado* ao redor de meu braço. Eu havia sentido meu braço passar literalmente através de um dos lados do arco e a matéria deste último me havia parecido mórbida lanugem que tinha, de súbito, cedido ante o obstáculo encontrado. Mal se produzira o fenômeno, senti que o lado da penetração do arco se tornara madeira dura. E eis que me achei com o arco do tamborim em torno de meu braço, ao passo que, com ambas as mãos, segurava as da médium!.. Esse admirável fenômeno, por mim pessoalmente controlado, auxiliou-me grandemente a compreender como se verifica a *passagem da matéria através da matéria.*” (*Light*, 1892, pág. 599).

O caso exposto é interessante e, ao que sei, é também o único episódio do gênero em que o experimentador pôde observar o instante em que se produzia o fenômeno e também o ponto preciso do próprio braço em que penetrava o arco e a modalidade com que isto sucedia. Geralmente tal não acontece e os experimentadores acham um anel, um arco, etc., enfiados no braço, sem notarem, antes, nenhuma sensação correspondente.

Ora, a circunstância exposta é notável do ponto de vista teórico das modalidades com que se produzem os fenômenos do gênero, já que, se Moses notou a passagem do arco do tamborim através do próprio braço, experimentando a sensação de algo de morbidíssimo como lanugem, que logo cedera frente ao obstáculo encontrado, isto faz presumir que a desintegração fluídica da

matéria lenhosa e metálica do tamborim não foi levada ao grau máximo de sublimação, mas reduzida a estado de “pastosidade” suficiente para produzir o fenômeno.

Nos casos dos *transportes*, ao contrário, a desintegração da matéria deverá ser constantemente levada ao grau máximo de sublimação molecular ou fluídica.

\*

Querendo enumerar todas as formas com as quais se podem produzir o fenômeno da *penetração da matéria através da matéria*, mencionarei igualmente a modalidade com que se manifestou nas experiências do Rev. Haraldur Nielsson com o médium Indridi Indridasson. Escreve o prof. Nielsson:

“Tínhamos então feito construir uma casinha que foi exclusivamente destinada às nossas experiências, pois o círculo já aumentara consideravelmente. Havia, às vezes, setenta pessoas presentes na reunião.

A fim de prevenir qualquer possibilidade de compadrio da parte dos assistentes, estendemos uma rede através da sala das experiências, do teto ao chão. Suas malhas eram tão pequenas que se tornava impossível passar uma mão através dela. O médium ficava sentado atrás da rede, com um fiscal, e todos os assistentes permaneciam do outro lado.

Essa disposição não perturbou, de maneira alguma, a produção dos fenômenos.

Objetos soltos, como uma mesa, uma caixa de jogos, uma cítara, duas trombetas, o suporte, etc., foram, como anteriormente, deslocados através da rede.” (Rev. Haraldur Nielsson *Mes experiences personnelles*, etc., pág. 37 da edição francesa).

E, também nas circunstâncias expostas, o fenômeno da *penetração da matéria através da matéria* não é duvidoso, visto que a mesinha, a cítara e o suporte não poderiam passar normalmente através das malhas de uma rede com diâmetro muito menor do

que a largura de uma palma de mão, sem rasgá-la em vários lugares.

Resulta daí que o fenômeno se torna também interessante de um outro ponto de vista e é o caso estupefaciente de uma vontade subconsciente ou extrínseca que chega a desintegrar os fios tesos de uma rede para depois reintegrá-los exatamente nos mesmos lugares.

\*

Termino esta breve enumeração dos casos típicos, relativos aos fenômenos em exame, narrando um episódio assaz maravilhoso na aparência, mas, na realidade, não mais extraordinário do que os outros, aparência, porém, que deu causa a uma polêmica instrutiva na revista que o publicou, durante a qual surgiram alguns teóricos que logo adivinharam que o relator se deixara enganar. Tal polêmica se desenrolou em cinco números da revista espírita inglesa *Light*, a começar do n° 8 de janeiro de 1910. O relator das experiências é o coronel F. R. Begbie, do Exército da Índia, e todos os experimentadores puseram as suas assinaturas de confirmação no relato publicado nessa revista.

O Cel. Begbie declara que o episódio, de que vou tratar, se produziu no próprio círculo privado do qual não fazem parte médiuns profissionais e que o *espírito-guia* de suas experiências é uma jovem indiana de nome “Susu” e que, certo dia, lhe informou que na Terra gostara muito de chocolate. O Cel. Begbie prossegue nestes termos:

“Comprei meia libra de pastilhas de chocolate e as coloquei dentro de uma caixinha. Escrevi breve cartinha à Susu, cujo conteúdo só por mim era conhecido, e a deposei também dentro da caixinha, que fechei e embrulhei, cuidadosamente, em uma folha de papel escuro, amarrando-a, bem apertada, com um barbante cujas pontas lacrei, aí pondo o meu carimbo. Coloquei a caixinha em cima da mesa, dispondo, em torno da mesma, os cartões de visita dos experimentadores, todos com as respectivas firmas autógrafas. Susu não tardou a incorporar-se na médium para anunciar que experimentaria tirar o chocolate, depois do que, aparen-

temente, deixou a médium. Seguiram-se golpes na mesa com os quais ordenava: “Acendei a luz.” Assim se fez, verificando-se que faltavam dois cartões de visita, um dos quais era o meu e o outro da senhora vizinha. Apagou-se depois a luz e reiniciou-se o canto de um hino, à meia voz, na expectativa de recebermos uma mensagem escrita nos dois cartões desaparecidos. Perto da segunda estrofe do hino que cantávamos fizeram-se ouvir golpes com os quais foi ditada a frase: “Tirei o chocolate. E acendei a luz.” Executada a ordem, apanhei a caixinha, que estava aparentemente intacta, e, segurando-a na mão, apercebi-me de que ela estava vazia, salvo uma pastilha solitária, que, quando sacudia a caixinha, saltava dentro, entretanto o barbante que a amarrava fortemente, o selo de lacre que imobilizava as pontas do cordão e o papel que a envolvia estavam intactos.

Os meus companheiros queriam que eu a abrisse para verificar se Susu respondera à minha carta, mas eu recusei, visto não querer tocar no envoltório para não destruir uma prova irrefutável da passagem da matéria através da matéria. E eis que, quando se fez a obscuridade, os golpes ditaram: “Abri a caixinha. Acendei a luz.” Com verdadeira relutância decidi-me a cortar o barbante e a retirar o envoltório de papel. Quando abri a caixinha fiquei surpreso ao verificar que o meu cartão de visita, com a minha assinatura, se achava dentro dela o que no mesmo estava escrita uma comunicação de Susu. Ao contrário, a carta, por mim escrita e colocada dentro da caixinha, não foi encontrada nem dentro nem fora. Na minha carta à Susu, eu lhe pedia presentear-me com uma pastilha de chocolate e essa respondia me agradecendo pela lembrança que eu tivera, observando que o chocolate pedido ela o deixara na caixinha. Este era, na verdade, o modo com que Susu interpretara o meu desejo, mas não correspondia às minhas intenções, visto que eu desejava que o chocolate me fosse colocado entre os lábios, como havia feito antes com outro experimentador...

Resumindo: Nesse extraordinário episódio, achamo-nos em face ao caso de uma caixinha contendo meia libra de

chocolate, por mim cuidadosamente enrolada numa folha de papel escuro e fortemente amarrada em cruz, com um barbante cujas pontas foram devidamente fixadas, seladas com lacre, timbradas, dentro da qual foram desmaterializados e depois transportados os chocolates, assim como a carta ali colocada. Além disso, no lugar da carta, apareceu o meu cartão de visita, colocado do lado de fora, na mesa, e tudo isso sem se mexer no envoltório, no barbante e no lacre timbrado. O fenômeno parece de tal modo maravilhoso que não há possibilidade de se poder explicá-lo a não ser admitindo-se a intervenção de uma entidade espiritual extrínseca ao médium e aos presentes. Já obtivemos, em nosso círculo, numerosos fenômenos notabilíssimos, mas este supera a todos. Desafio qualquer prestidigitador a tentar produzir o mesmo fenômeno *sob as mesmas condições.*” (Firmados: o Cel. Begbie e todos os experimentadores).

Esse é o interessante episódio narrado pelo Cel. Begbie. Antes de referir-me às discussões que se seguiram, preciso é recordar que na casuística metapsíquica se contêm outros episódios idênticos, a começar pelos obtidos por Zöllner. Assim, por exemplo, este último colocou algumas moedas dentro de uma caixinha que depois colou e lacrou, o que não impediu que, na presença do médium Slade, as moedas nela contidas atravessassem a caixinha, depois a mesa em que estava colocada, para cair, tilintando, no chão.

No caso de uma outra caixinha, contendo igualmente moedas, o fenômeno se produziu em duplo sentido, visto que foram transportadas as moedas e introduzidas na caixinha duas lascas de ardósia. Já se compreende que, em ambas as circunstâncias, as colas e os lacres foram achados intactos.

Isso explicado, retomo a minha narrativa, notando que, em dois números seguidos da revista *Light*, apareceram as observações contraditórias de dois críticos: os senhores Mac Callum e C. W. Scarr. Este último perguntou ao Cel. Begbie: “Por que não podemos obter, na claridade, os mesmos resultados? Por que precisamos de um médium para obtê-los?” O caráter ingênuo de tal pergunta basta para demonstrar a profunda ignorância de

quem as formulava, por isso não é o caso de nos ocuparmos delas. Quanto ao Sr. Mac Callum, este demonstrou achar-se à altura dos chamados “críticos científicos”, visto que alvejou o Cel. Begbie com uma série de perguntas, abjeções e insinuações das quais me limitarei a enumerar as principais.

Ele começou por objetar que apenas as pontas do barbante estavam fixadas e lacradas, ao passo que deveria fazer outro tanto com o invólucro de papel. Depois objetou que o narrador se esquecera de informar se havia possibilidade de se entrar e sair do aposento sem ser descoberto e ainda que houvesse descurado de fazer saber quantos minutos haviam transcorrido do momento em que se apagou a luz ao instante em que Susu ditara a frase: “Apanhei o chocolate. Acendei a luz.”, enfim, que ele não se preocupara em fazer saber se tinha sempre à vista a caixinha sobre a mesa toda vez que a luz era acesa. O Cel. Begbie se apressou em gentilmente responder, nos seguintes termos, à primeira objeção:

“Experimentamos em um aposento pequeno, que termina diretamente na sala de jantar, sala essa que fica sempre iluminada. A porta do quarto fica sempre fechada à dupla volta de chave, antes de se apagar a luz. Seria, portanto impossível alguém sair sem ser observado, visto que, se abrisse a porta, iluminaria o quarto. Demais, ninguém poderia mover-se sem ser logo descoberto, tanto mais que todos nós estávamos sempre à escuta para não deixarmos de ouvir os golpes que ressoavam muitas vezes bem fracamente. Como o quarto era pequeno, sentávamos em círculo cerrado e bem juntos uns dos outros. Somos quase todos experimentadores de longa data e comprovada experiência, de modo que não seria fácil sermos enganados. Isto dito observo que a nossa médium, que há 11 anos se presta gentilmente a experiências por puro amor à causa, está acima de qualquer suspeita. Vi a caixinha sobre a mesa, quando a luz foi acesa, notando que faltavam dois cartões de visita. Minutos após, obtinha-se a mensagem: “Tirei o chocolate. Acendei a luz.” Nesse brevíssimo espaço de tempo as pastilhas de chocolate, assim como a minha carta, eram transportadas de dentro da

caixinha e a minha missiva era respondida com uma mensagem escrita no meu cartão de visita, que estava em cima da mesa e fora introduzido dentro da caixinha. Noto, finalmente, que a circunstância de Susu ter respondido à minha carta demonstra que a leu, em plena escuridão. Também o Sr. Mac Callum seria capaz de ler no escuro?”

O Sr. Mac Callum respondeu reconhecendo que devia excluir-se a possibilidade de alguém ter saído do quarto para ajeitar, em outra parte, a caixinha e repô-la no lugar, acrescentando, porém, que, para ler a carta e respondê-la, não era preciso sair, visto que a médium poderia ter lido no pensamento do Cel. Begbie. Quanto à afirmação acerca de os experimentadores se sentarem em um círculo fechado, ele não estava em posição de comentá-lo, porquanto o relator não havia fornecido o diâmetro do mesmo círculo. Contudo observava que, se dois “compadres” se sentassem ao lado da médium, então seria possível que, durante o hino cantado, os três “confederados” chegassem a executar a sua combinação, sem despertarem a atenção dos outros. Acrescentava que também era coisa facílima escrever regularmente em plena escuridão. Enfim, reconhecia a existência de uma única dificuldade realmente insuperável que era a possibilidade de colocar em seu lugar o envoltório de papel com idênticas dobras de antes e, assim sendo, o Sr. Mac Callum se tirava do impasse lançando a dúvida de que o Cel. Begbie não tivesse observado bem o invólucro da caixinha. Declarava, todavia, sinceramente, que a dificuldade de colocar no lugar o invólucro de papel estava praticamente removida, já que se provara reproduzir, na escuridão, o mesmo fenômeno e aí fora conseguido, salvo o bendito invólucro que ficara mal. Terminava por pedir ao Cel. Begbie que repetisse a experiência com uma caixinha fornecida, preparada e lacrada por ele mesmo.

Reproduzo os trechos principais da réplica do Cel. Begbie:

“Ficamos profundamente surpresos ao ver que, depois de todos os informes por mim ministrados ao Sr. Mac Callum, persiste este em pôr em dúvida a honestidade dos componentes de nosso círculo. Ele observa que a subtração das pastilhas de chocolate da caixinha seria fácil quando dois

“comparsas” se sentassem ao lado da médium. É provável, mas eu forneci, a propósito, razões tais que se deveria excluir, para sempre, tão indigna, falsíssima, injustíssima insinuação, cuja sombra se projeta sobre todos os membros de nosso grupo. Se eu, por um só momento, pensasse que a minha relação (escrita por sentimento de dever e no interesse da causa espírita) tivesse por consequência engendrar insinuações e acusações sobre a nossa honestidade, não a teria nunca publicado.

Quanto ao envoltório de papel, posso garantir ao Sr. Mac Callum que, antes de resolver-me a desamarrar a caixinha, eu e os outros experimentadores a examinamos diligentemente, minuciosamente, longamente, de todos os lados, achando-a perfeitamente intacta, tal como eu a havia preparado. O Sr. Mac Callum afirma ter conseguido remover o barbante, o invólucro e os chocolates em plena obscuridade. Eu o convido a reproduzir a prova em nosso círculo, assegurando-lhe que ele será recebido com a máxima deferência. Obrigo-me, além disto, a doar 10 libras esterlinas ao *Instituto de Beneficência* caso ele consiga executar a sua empresa, sem que os outros não se apercebam, condições, porém, pelas quais ele se obriga a doar outro tanto ao mesmo Instituto, em caso de insucesso.

Relativamente à proposta que me faz de repetir a experiência, operando com uma caixinha enviada pelo meu censor, respondo que, se ele possui conhecimentos adequados sobre o assunto, deveria saber que a coisa não é possível com o seu estado de ânimo e que saturaria os objetos empregados na experiência com “magnetismo antagônico”, neutralizando, efetivamente, a produção do fenômeno. Aceito, todavia, o seu desafio, mas com a variante de que eu fornecerei a caixinha, preparando-a na presença de dois amigos do Sr. Mac Callum e lacrando-a com timbre por ele fornecido. Espero os amigos por ele escolhidos para a experiência...”

E com isso termino a polêmica originada pelo episódio exposto. Deve-se deduzir daí que o Sr. Mac Callum não ousou

correr o risco de perder 10 libras esterlinas numa tentativa absurda, já que podia ter a palavra numa polêmica, mas não traduzir na prática o que dizia. Quis reproduzir em detalhes a polêmica originada pela relação do Cel. Begbie porque nela se notam pontos de semelhança notabilíssima com a por mim mantida a propósito das experiências de Millesimo, salvo que o Sr. Mac Callum se mostrou sempre correto e leal nas suas críticas e, se resvalou algumas vezes em insinuações genéricas de fraude, essas não exorbitaram nunca dos limites de quanto se deve conceder a um crítico. Viu-se, contudo, que o Cel. Begbie não se ofendeu seriamente e não se pode negar que ele não tivesse boas razões para tal. Bem diversos e muito mais reprováveis foram os métodos com que se desenrolaram as polêmicas em torno das nossas experiências e o Dr. Bernouilli, de Zurich, o notou, exprimindo-se nestes termos ao endereço desses censores que se transformaram em agressores:

“A crítica é uma arma de dois gumes que deve ser manejada com extrema cautela e absoluta retidão, se quiserem evitar conseqüências fatais. Assim, por exemplo, há críticos incautos que obtêm por único resultado ver atirar fora o recém-nascido juntamente com a água do banho...”

Na verdade é esse o nosso caso, mas eu não tenho nenhuma intenção de demorar-me em demonstrá-lo e me satisfarei em aludir indiretamente aos resultados obtidos pelos nossos críticos, repetindo as palavras do Cel. Begbie:

“Se eu, por um só momento, pensasse que a minha relação (escrita por sentimento de dever e no interesse da causa espírita) tivesse por conseqüência engendrar insinuações e acusações sobre a nossa honestidade, não a teria nunca publicado.”

## **Categoria I**

### ***Transportes a pedido ou em que se encontram modalidades de produção que excluem toda possibilidade de fraude***

Na enumeração dos casos que me propus tratar, desejava seguir uma disposição em grupos, segundo as várias modalidades com que são produzidos os numerosos fenômenos de *transportes*, aqui considerados, modalidades que excluem toda possibilidade de práticas fraudulentas, malgrado a condição de plena obscuridade em que foram obtidas. Entretanto, o meu propósito não se mostrou praticamente utilizável, visto que, em uma mesma sessão, às vezes se agrupam episódios de *transportes* diferenciados por modalidades de produção as mais diversas, o que me constringe a renunciar a uma disposição ordenada desses episódios. Não resta senão o recurso de contornar esse pequeno inconveniente por meio de um resumo final em que se contemham todas as modalidades com que eles são produzidos.

Quando consultamos as obras e as revistas publicadas nos primeiros quarenta anos de pesquisas no campo das manifestações supranormais, encontramos bom número de extraordinários casos de *transportes* diferenciados pelas condições de produção aqui consideradas, não obstante renuncio a relatá-los para não exorbitar nas proporções da presente monografia, reservando espaço para os episódios do gênero, obtidos em mais recentes decênios e em nossos dias.

Acerca das manifestações relativamente antigas, aludirei, de passagem, a alguns incidentes obtidos com a mediunidade do Rev. William Stainton Moses para depois demorar-me um tanto em torno de episódios obtidos graças à mediunidade da Sra. Guppy (então Sra. Nicoll), e isto pela consideração de que essa médium, tornada famosa pelos casos de *transporte* da própria pessoa de uma casa para outra, não é bastante conhecida como maravilhosa médium de *transportes* a cujo respeito deve-se acrescentar que algumas sessões notabilíssimas por ela realizadas em Florença, durante uma viagem de recreio à Itália, são

literalmente ignoradas, conquanto se mostrem dignas de sair do esquecimento.

**Caso I** – Malgrado a variedade e a importância dos fenômenos de *transportes* obtidos com a mediunidade do Rev. Moses, em que, entre outros, se classifica a rara especialidade de *transportes* de pequenas gemas (pérolas orientais, esmeraldas, safiras, bem como camafeus de origem supranormal), raros são os episódios que apresentam algumas das características aqui contempladas. Não obstante, verificaram-se chuvas de pérolas orientais em plena luz (até trinta perolazinhas de uma só vez) e isso nos intervalos entre uma e outra sessões, no momento em que os experimentadores passavam à sala de refeições para tomar chá e, em outra circunstância, a Sra. Speer viu uma perolazinha oriental pousar em cima do papel de carta no qual escrevia.

Não me estendo sobre essa fase interessantíssima da mediunidade de Moses, porquanto o *espírito-guia* “Rector” já explicara que não se tratava de *transportes* verdadeiros e sim de *criações espirituais*. Observo, de qualquer maneira, que se tratava de *criações* de gemas autênticas e duradouras e, quando Moses, conforme ordem recebida, foi a uma joalheria para fazer engastar o magnífico rubi mediúnico em um anel que devia trazer constantemente no dedo, o joalheiro, depois de tê-lo longamente examinado, observou que aquele rubi era de uma beleza e de uma pureza excepcionais.

Destaco, dentre os vários *transportes* obtidos *a pedido*, dois seguintes episódios colhidos nos relatórios da Sra. Speer:

“Sessão de 7 de Setembro de 1872 – Esta noite nos reunimos como de costume. Logo se manifestou o nosso amigo A., que respondeu a várias perguntas e tocou, a pedido nosso, o seu maravilhoso instrumento espiritual. “Mentor” espargiu em abundância um delicioso perfume para harmonizar os fluidos. *Eu pedi que me fosse trazido um objeto que se achava no meu quarto de dormir. Quase imediatamente me foi posto na mão um frasco de perfume que se encontrava sobre a minha mesa de toalete.*” (*Light*, 1892, pág. 391).

Na sessão de 18 de janeiro de 1873 lê-se este outro episódio:

“Esta noite o quarto foi inundado de perfumes e as manifestações de ordem física foram poderosas. Em um dado momento, caiu entre mim e o dr. Speer um livro que provinha da biblioteca fechada à chave. *O Dr. Speer então nos informou que pedira mentalmente ao “Mentor” para trazer-lhe algum objeto que se achasse fora da zona fluídica que circundava o médium.*” (Light, 1892, pág. 523).

Este segundo episódio, conforme *pedido formulado mentalmente*, se mostra mais do que nunca interessante do ponto de vista probatório. Observo que a biblioteca, da qual foi trazido o livro transportado, se achava na sala das sessões, mas como o livro foi tirado da seção envidraçada da biblioteca, sempre fechada à chave, o fato se traduz em *transporte*, visto que o fenômeno da *penetração da matéria* se realizou igualmente.

Relato ainda este outro episódio de *transporte* de uma campainha. Escreve Moses:

“Na sessão de 28 de agosto (1873), sete objetos, tirados de aposentos diversos, foram transportados; no dia 30 outros quatro, entre os quais uma campainha, levada da sala de jantar contígua ao quarto das experiências. É de notar-se que se deixava sempre aceso o gás, com toda chama, tanto na sala de jantar como na saleta, em razão do que, se alguém abrisse qualquer uma das portas, certa onda de luz teria logo invadido o aposento em que fazíamos as experiências. Como o fato não se verificou mais, obtivemos com isto a tal prova que o Dr. Carpenter considera a mais desejável, isto é, a prova do “bom senso”, visto que as duas portas permaneceram sempre fechadas. Na sala de jantar se achava uma campainha e nós a ouvimos, imprevistamente, tilintar e pudemos seguir-lhe o movimento no ar, observando que o ruído se aproximava lentamente da porta que a separava de nós. Pode-se facilmente imaginar o espanto de todos nós quando, a despeito da porta, ouvimos a campainha tilintar dentro do quarto, aproximando-se lentamente de nós. Deu a volta ao quarto, tilintando sempre, depois desceu, passou por debaixo da mesa e elevou-se um pouco, chegando ao nível de meu cotovelo. Veio tilintar justamente debaixo do

meu nariz, depois em torno da cabeça de todos os presentes, um após outro, e finalmente pousou delicadamente em cima da mesa.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. IX, pág. 267).

Ao ler o magnífico episódio aqui exposto, ocorreu-me logo à memória um caso semelhante obtido por William Crookes com a mediunidade da Srta. Kate Fox. A diferença existente entre os dois episódios consiste na circunstância de que, no caso de Crookes, a campainha transportada começou a tilintar quando já se achava na sala das sessões, ao passo que, no caso de Moses, a campainha já o fizera em outro aposento, fornecendo, desta forma, um complemento de prova sobre a genuinidade do fenômeno, que se mostra então positivo. E isto é quanto importa do ponto de vista a que me propus com a presente classificação.

Noto ainda, no episódio em apreço, que o que me parece mais espantoso é a circunstância de ter a campainha penetrado na sala sem quase deixar de tilintar. Caso estivessem apagadas as luzes da sala de refeições, ter-se-ia podido explicar o mistério, supondo que, em tal contingência, se tivesse produzido o fenômeno inverso da desintegração de uma parte da porta, através da qual passara a campainha, mas como a sala de refeições estava iluminada, não é possível recorrer-se a tal plausível solução do mistério. Dever-se-á, portanto, inferir que o fenômeno da desintegração e reintegração da campainha se produziu com tal rapidez que o intervalo de silêncio foi bastante curto para não ser notado pelos experimentadores.

**Caso II** – Devendo ocupar-nos da mediunidade da Sra. Guppy (antes Srta. Nicoll), não posso deixar de extrair algumas citações dos escritos do famoso naturalista Alfred Russell Wallace, que foi quem descobriu as faculdades mediúnicas. Ele, no seu livro *On miracles and modern Spiritualism*, escreve nestes termos:

“Conheci a Srta. Nicoll antes de nunca ter ela ouvido falar de *mesas girantes* e do Espiritismo e descobri-lhe as faculdades mediúnicas por mera especulação, convidando-a a tomar parte em nossas experiências. Isso aconteceu em novembro de 1866 e por alguns meses continuamos ininter-

ruptamente as nossas sessões, de modo que tive facilidade em vigiar e acompanhar o maravilhoso desenvolvimento de sua mediunidade. A forma mais notável por ela assumida consistia nos *transportes* de flores e frutas, em um quarto hermeticamente fechado. O fenômeno se produziu, pela primeira vez, em minha casa e isto se deu no início de seu desenvolvimento mediúnico. Esse fenômeno, porém, se verificou centenas de vezes em ambientes diversos, sob condições variadíssimas. Algumas vezes as flores chegaram, de repente, em tal quantidade, que formaram um grande monte sobre a mesa e, além disso, aconteceu muitas vezes que flores e frutas eram transportadas justamente *a pedido* dos experimentadores. Assim, por exemplo, *um meu amigo pediu um girassol e logo caía em cima da mesa uma dessas plantas da altura de seis pés, com as suas raízes envoltas em uma espessa camada de terra.*”

Um episódio análogo a este último foi narrado pelo conhecido escritor espiritualista Robert Cooper, amigo de Russell Wallace e seu companheiro de experiências. Escreve ele:

“Certa vez, depois do jantar, dirigi-me à casa do Sr. Guppy, em Highbury, e por ele soube que a sua esposa fora passar a noite na residência de uma família vizinha. O Sr. Guppy acrescentara que se tratava de novos conhecidos, bem como de pessoas ignorantes das coisas do Espiritismo e que lhe haviam pedido para assistir a algumas sessões do gênero, em vista do que me prontifiquei a acompanhá-lo àquela casa. Sucedeu, portanto, que, pelas 6 horas, dirigimo-nos juntos para ela. Depois do chá, resolvemos fazer uma sessão. O quarto era pequeno e perfazíamos uma dúzia de pessoas sentadas em círculo, ao redor da mesa, razão pela qual não ficava espaço algum para se passar entre um e outro de nós. Apagou-se a luz e pouco depois pancadinhas alfabéticas pediram aos presentes que especificassem as coisas que desejavam fossem transportadas e alguns pediram flores e outras frutas. Eu, a princípio, pensei numa couve-flor, mas como não estivesse certo de que era época dela, disse: “Trazei-me um torrão de terra com erva.” Pou-

cos minutos após vimos sinais manifestos de que a minha ordem estava traduzida em ato, pois um dos presentes acusou ter sido tocado no peito por algo de impreciso. Logo depois sucedeu outro tanto comigo e, ao mesmo tempo, notei algo de indefinido que me caía no colo. Acendeu-se a luz e então todos viram que se encontrava no meu colo um torrão de terra úmida com ramos de erva bem compridos. Apenas pus-lhe a mão, notei, com espanto, que dentro da terra úmida da raiz se contorciam minhocas! Evidentemente o torrão fora arrancado, naquele momento, de algum prado dos arredores.” (*Light*, 1896, pág. 165).

E agora passo a citar alguns trechos não menos interessantes, tomados de sessões realizadas em Londres e em Florença, mas igualmente ignoradas de todos, visto que só foram relatadas por experimentadores italianos, bem como publicadas exclusivamente na revista *Annali dello Spiritismo in Italia*, dirigida pelo professor Scarpa (Niceforo Filalete) e há muitos anos extinta.

Transcrevo, antes de tudo, um longo trecho da narração de Achille Tanfani, redator da publicação supracitada, o qual, tendo ido a Londres a negócio, teve ocasião de assistir a algumas sessões com a Sra. Guppy. Escreve ele:

“Fui favorecido pelo nosso excelente amigo Sr. Damiani com uma carta que me apresentou aos Guppy e tive, com isto, a fortuna de presenciar grande parte das maravilhas mediúnicas que, com tanto prazer, eu lera nos jornais espíritas da Inglaterra.

Sexta-feira, 23 de junho de (1874) – Não obstante uma neblina que me ocultava a vista do magnífico palácio de Westminster e uma chuva miúda que filtrava de um céu escuro, abalei-me do meu hotel em Rupert Street e me dirigi para o n° 1 da Morland Villa, moradia do casal Guppy. Passamos o dia em agradável palestra e, depois do jantar, fui gentilmente convidado pela Sra. Guppy a acompanhá-la a uma casa da cidade, onde prometera fazer uma sessão espírita.

O oferecimento não podia ser mais cativante e, pouco depois, eu me achava numa carruagem em companhia dos Guppy e de certa Sra. Fisher, em direção àquela residência. Devo fazer notar que o veículo era tão pequeno que só havia lugar para quatro pessoas, de modo que ficaram amarratados até os vestidos das senhoras e mais ou menos importunadas as pernas de todos. Esta observação, conquanto frívola, poderá servir para dar maior realce aos fenômenos que estou para descrever. Depois de uma boa hora de caminho, chegamos finalmente ao nº 7, Dane Inn, casa do Sr. Volkmann, nosso amável hospedeiro.

Achei na sua casa uma pequena mas seleta assistência de seis ou sete pessoas, entre as quais o Sr. Greck, coronel do exército russo. Tomamos todos os lugares em redor de uma grande e pesada mesa, numa saleta do andar térreo que dava para o corredor de entrada por uma única porta, que foi fechada à chave. Durante a breve palestra que precedeu à sessão, tive facilidade em inspecionar o aposento, mas nada descobri que pudesse ter a menor relação com os belíssimos fenômenos de que fui testemunha. Apenas feita a obscuridade e mantendo-nos todos em cadeia, em volta da mesa, esta começou a fazer movimentos bruscos e ondulatórios com tal força que foi bom que não nos encontrássemos em andar superior, pois de outra forma teríamos receado pelo soalho. Logo uma brisa bastante agradável, em uma noite tão quente e naquele quarto hermeticamente fechado, veio bafejar-nos as mãos e os rostos e repetidamente fomos banhados com água de colônia. Seguiram-se alguns golpes misteriosos, inimitáveis. Parecia-nos que se estava batendo não na superfície, mas no interior da madeira e, ao mesmo tempo, alguma coisa caiu em cima da mesa, de tanto peso que, movidos pela curiosidade, acendemos a luz e *pode-se calcular a nossa surpresa ao encontrarmos sobre a mesa um grande pé de “uva-espim”, com terra e raízes, que, em altura e largura, media mais de dois pés.*

Foi novamente apagada a luz e, alguns minutos após, caiu uma chuva de rosas, que, na claridade, achamos tão frescas

*e tão umedecidas de orvalho* que parecia terem sido colhidas ali mesmo, e *nove insetos multicores esvoaçavam de uma para outra flor*.

Tornamos a fazer a obscuridade, por recomendação dos invisíveis, e esperamos só poucos instantes quando diversos objetos foram atirados sobre a mesa e verificamos, com a luz acesa, se tratarem de um limão, uma laranja, um grande pepino e *um enorme ramo de framboesas com a altura de cerca de seis pés*. Compreende-se que seria preciso uma pequena despensa para esconder todas essas coisas e seria bem pueril crer que a Sra. Guppy tivesse podido ocultá-las *naquela pequena carruagem* em que fôramos para a sessão. Acrescento que essas plantas têm espinhos agudos e que a fragrância das flores as teria revelado ao olfato, caso se tivesse meios de subtraí-las à vista. De rosas a quantidade foi tal que, depois de cada um de nós ter feito o seu ramalhete, ainda sobrou bastante para enfeitar toda a comitiva.” (*Annali dello Spiritismo in Italia*, 1874, pág. 274 ).

Em outra sessão, à qual teve ocasião de assistir o mesmo Achille Tanfani na casa dos Guppy, presente também o escritor Robert Cooper, produziram-se outros fenômenos da mesma natureza, mas que não relatarei aqui para não me alongar muito, salvo o seguinte episódio em que se verificou o aparecimento de outros animaizinhos vivos. Escreve o narrador:

“Em um dado momento derramou-se água perfumada sobre nós e fomos gentilmente acariciados com raminhos de cerejas, nos quais, acesa a luz, descobrimos *dois escaraveiros vivos*, com muito pavor da Sra. Guppy, que tem por eles repugnância.” (Idem, pág. 302).

E agora passo a narrar os principais trechos dos relatórios sobre as sessões com a Sra. Guppy, em Florença, relatórios esses escritos por Rinaldo Dall'Argine, secretário da *Società Spiritica Fiorentina* e um dos mais inteligentes e beneméritos espíritas da primeira hora.

Tiro os trechos, aqui reproduzidos, dos *Annali dello Spiritismo in Italia* (1869, pág. 178 e seguintes). O relator assim começa:

“A Sra. Guppy, apenas chegada a Florença, fez amizade com a condessa Enrichetta Bartolomei, esposa do Sr. conde Tomaso Passerini, e como são ambos ardorosos e perseverantes cultores de nossa doutrina e muito frequentemente fazem experiências em sua residência, a Sra. Guppy, por eles convidada a dar provas de suas extraordinárias faculdades mediúnicas, se prestou com toda a boa vontade e obteve os costumeiros fenômenos...

A primeira sessão, que a Sra. Guppy fez na casa Passerini, foi na noite de 23 de dezembro de 1868. Os convidados, em número de 14 ou 15, eram todos espíritas e, em volta de uma mesa redonda, do diâmetro de cerca de um metro, sentaram os cônjuges Guppy e muitos dos assistentes. A médium *quis que lhe ligassem as mãos e que a dona da casa as prendesse entre as suas e assim se fez*. O Dr. Wilson (um dos convidados) *segurou as mãos do Sr. Guppy*. As outras pessoas do círculo estavam em torno da mesa, em segunda linha, formando cadeia.

Após alguns minutos, a médium (*sempre de mãos ligadas e seguras pela Sra. Passerini*) mandou apagar a luz. Com a sala em profunda escuridão, ouvimos pancadas na mesa como se alguém, com os nós dos dedos, batesse sobre ela. Então, por meio da tipologia, houve um diálogo entre o Sr. Guppy e o espírito que se manifestava.

A Sra. Bulli (médium vidente que assistia à sessão) disse ver uma grande quantidade de flores, entre as quais distinguia, claramente, uma belíssima rosa vermelha, muito grande e com três folhas. Alguns minutos após, foi por todos sentido um suave perfume de flores e depois como que uma chuva que caísse em cima da mesa. Cessado o rumor ouvido e acesa a luz, ficaram todos maravilhados ao achar o móvel inteiramente coberto de flores fresquíssimas. As flores eram junquinhos, violetas, gerânios, magnólias, cravos e *uma belíssima camélia vermelha em três folhas, que a mé-*

*dium vidente já vislumbrara na escuridão e que, pela sua semelhança, julgara ser uma rosa.*

Na noite de 26 do citado mês, a Sra. Guppy voltou à mesma casa para dar novas provas de sua mediunidade. Os resultados foram pouco mais ou menos iguais aos obtidos na noite de 23. Tivemos, por duas vezes, uma abundante chuva de flores frescas, fresquíssimas mesmo, e *todas molhadas (naquela noite chovia deveras)*. Uma senhora, tendo *pedido* ao espírito alguns animaizinhos vivos, como, por exemplo, um passarinho, um rato ou um coelho, o espírito não se fez de rogado e logo pôs sobre a mesa diversos insetos alados, quase todos grandes, que eu não sei como denominar, os quais, depois de terem passeado em cima e em baixo da parte superior da mesa, alçaram vôo e se foram embora. O espírito presenteou-nos com algumas maçãs, limões e laranjas. Antes, uma dessas me foi arremessada, com certa força, contra o peito, mas sem me causar o menor mal.

Também, naquela noite, a Sra. Guppy e seu marido, quando a sala ainda estava na mais completa escuridão, *não tinham livres as mãos, que eram firmemente seguras por aquelas que se achavam mais próximas*. Todas as vezes que os cônjuges Guppy se encontram em alguma casa, para tentar qualquer experiência, sempre exigem que sejam revistados para dissipar qualquer suspeita de que possam ocultar objetos que, na escuridão, caíam sobre os assistentes.

Os esposos Guppy, que são de uma rara gentileza, recusavam favorecer, com as suas presenças, a nossa sociedade. Enquanto esperávamos que o número de sócios estivesse completo para começarmos as nossas experiências, alguém disse que não podia compreender como é que os espíritos podiam distinguir as cores na escuridão. Apagada a luz, manifestou-se um espírito que ditou, pela tipologia, as seguintes palavras: “Há aqui alguém que acredita que os espíritos não vêm no escuro.” Cessadas as batidas, reinou, durante alguns minutos, o mais profundo silêncio, quando, de repente, ouviram-se como que uma chuva de folhas secas a

cair em cima da mesa. Acesa a luz, vimos a mesa coberta de confeitos de diversas cores: brancos, vermelhos, verdes, amarelos, etc. Então o espírito convidou-nos a reuni-los todos em um só monte, no meio da mesa, e a apagar de novo a luz, o que logo se fez. Depois de breves instantes, por ordem do mesmo espírito, foi acesa a luz e, com grande surpresa nossa, *verificamos que os confeitos haviam sido separados segundo as suas cores, isto é, os brancos estavam todos reunidos à parte, os vermelhos igualmente, os verdes também e assim todos os outros.* O espírito, operando aquela separação, quisera provar que os espíritos podem, na escuridão, que só existe para nós, distinguir perfeitamente as cores.

Pela terceira vez a Sra. Guppy se prestou a servir de médium à *Società Spiritica Florentina*. Também dessa vez foram tomadas as habituais precauções, isto é, revistar o casal Guppy e segurar-lhe bem firmemente as mãos por todo o tempo em que as luzes estivessem apagadas. O primeiro resultado que obtivemos foi uma abundante chuva de fresquíssimas flores de diversas qualidades e que embalsamaram o ar com os seus perfumes suaves. Todos os presentes tiveram a sua parte e as senhoras, terminadas as experiências, partiram munida cada uma de um belo buquê. Depois daquela chuva de flores, as luzes foram apagadas de novo e, quando reinava o mais completo silêncio, fomos todos abalados por uma fortíssima pancada vibrada na mesa, semelhante à que teria produzido uma grande pedra que sobre ela houvesse caído. Reacendida a luz, achamos, não uma grande pedra, como acreditávamos, *mas um grande pedaço de gelo, claro como cristal, do cumprimento de 15 centímetros e 10 espessura, o qual, ao cair, se partira.*

Pode-se calcular a surpresa de todos: o tamanho daquele pedaço de gelo era para liquidar qualquer dúvida que alguém alimentasse. Quem teria podido escondê-lo no próprio bolso e ocultá-lo por tanto tempo, sem ficar completamente molhado?”

Paro aqui com as citações. Para quem quer que se proponha a analisar os fatos, sem deixar ofuscar a sua mente pela caligem dos preconceitos, deveriam bastar os episódios citados para admitir a existência indubitável dos fenômenos de *transporte*.

Com efeito, nos referidos trechos, se contém tudo quanto poderia legitimamente exigir-se para prática e racionalmente reconhecer a genuinidade de uma fenomenologia supranormal obtida em condições de completa escuridão.

É de notar-se, antes de tudo, a circunstância de que, nas experiências de Florença, os cônjuges Guppy, a seu próprio pedido, foram sempre revistados, bem como constantemente seguros pelas mãos, enquanto, além disto, a médium exigia que se lhe ligassem as mãos às dos seus vizinhos. E malgrado essas condições inexcedíveis de segurança contra qualquer prática fraudulenta, não só foram obtidas as habituais e abundantíssimas chuvas de flores e frutos, mas, numa noite em que chovia torrencialmente, as flores transportadas estavam literalmente molhadas pela chuva, circunstância teoricamente notabilíssima do ponto de vista probatório e que se renova muitas vezes nos fenômenos de *transporte*. Quem escreve já a obteve uma vez com a mediunidade de Eusápia Paladino (como mais adiante se lerá), e na Inglaterra obtiveram-se *transportes* de flores cobertas de flocos de neve, e isso em correspondência com o fato de que, naquele momento, nevava. Noto, além disso, que nas sessões de Florença foram obtidos casos de *transporte a pedido*, o primeiro dos quais se realizou com a chegada de animaizinhos vivos, pertencentes à classe dos coleópteros, e o segundo, mais extraordinário ainda, foi provocado pela observação de um assistente (o que naturalmente se identifica com um *transporte a pedido*). Aludo com isto ao *transporte* dos confeitos multicores que a entidade comunicante subdivide, em plena obscuridade, em tantos montes quantas eram as suas cores, fenômeno que serve, portanto, para provar a gênese supranormal dos *transportes* produzidos. E, como se tal não bastasse, chega-se, enfim, ao magnífico fenômeno do *transporte* de um grande pedaço do gelo (15 centímetros de lado e 10 de espessura), coisa que a médium não teria podido

ocultar sob as saias, sujeita ao calor do corpo, por uma hora e meia, sem derreter inteiramente e formar uma lagoa no soalho.

Observo que o fenômeno do *transporte* de pedaços de gelo se produziu outras vezes com a Sra. Guppy. Assim, por exemplo, o célebre escritor inglês Adolph Trollope atestou, perante a Comissão de Inquérito da Sociedade Dialética, que numa sessão com a médium em apreço foi atirado sobre a mesa um enorme pedaço de gelo com tal ruído e com tanto ímpeto que o gelo ficou em pedacinhos, acrescentando que “o fenômeno se dera uma hora depois de começada a sessão, de modo que se o gelo já estivesse no aposento aquecido ter-se-ia derretido completamente”. (Relatório da Sociedade Dialética, pág. 371). Saliento, enfim, que o professor Ochorowicz refere que, com a sua própria médium, Sra. Tomczyk, obteve, *a pedido*, o *transporte* de um punhado de neve, em correspondência com o fato de que, naquele momento, nevava (*Annales des Sciences Psychiques*, 1909, pág. 71).

Demorei-me em tratar das sessões de Florença porque elas foram otimamente fiscalizadas. Noto, não obstante, que as experiências antes relatadas são igualmente positivas do ponto de vista probatório. Pense-se na circunstância referida por Achille Tanfani, que fora a uma sessão na casa dos Volkmann numa carruagem em que se achavam quatro pessoas, inclusive a médium, apertadas e imobilizadas pela falta de espaço, circunstância que prova que a médium, em semelhante condição de cerceio recíproco, não teria podido esconder, junto ao seu corpo, uma porção de rosas, que foram achadas fresquíssimas, bem como umedecidas de orvalho; limões, laranjas, pepinos, um grande pé de “uva-espim” com terra e raízes, que, em altura e largura, media mais de dois pés, um grande galho de framboesa da altura de seis pés e nove insetos multicores que se puseram a voar de flor em flor.

Pense-se ainda no outro episódio de Achille Tanfani, que *pede o transporte* de uma relva que lhe caiu pouco depois no colo e, quando a observou, descobriu que, na terra úmida, aderente às raízes, se contorciam minhocas. E, a propósito de animaizinhos vivos, recordo ainda o *transporte* de dois *escaravelhos* em

raminhos de cerejas em flor, enquanto em outra sessão, de que fala Podmore na sua obra (vol. II, Pág. 67), foram transportados caranguejos e enguias vivos. Recordo, finalmente, outro fenômeno obtido, *a pedido*, de um pé de girassol de seis pés de altura, na casa do naturalista Russell Wallace. Diante disso, observo que não me parece ter exagerado quando disse que os fenômenos de *transportes*, que se produziam com a mediunidade da Sra. Guppy, bastam também, por si sós, para provar, experimentalmente, a existência incontestável desses fenômenos.

Isto posto, apresso-me a repetir o que disse antes, isto é, que, se bastam e devem bastar, do ponto de vista estritamente pessoal, poucos casos bem fiscalizados para levar racionalmente à convicção quem quer que não tenha a mente ofuscada por preconceitos, o mesmo não se pode afirmar no caso de demonstrações científicas para as quais se exige confirmação de um dado fenômeno sob formas suficientemente variadas e bastante numerosas para se ter um modo de aplicar, à série inteira dos fenômenos investigados, os processos da análise comparada e da convergência das provas. A Ciência tem uma elevadíssima missão a cumprir no mundo: a de iluminar e guiar a humanidade na sua lenta evolução social e espiritual e tudo isso implica uma grandiosa responsabilidade moral nos representantes do saber, responsabilidade esta que exige o caminhar, com cautela, pela estrada que conduz à verdade. Assim sendo, só me resta continuar com a exposição dos fatos.

**Casos III e IV** – Não é demais lembrar que os fenômenos de *transporte*, como todas as outras categorias de manifestações supranormais hoje investigadas com método experimental, se produziram através dos séculos e no meio de qualquer povo – civilizado, bárbaro e selvagem –, bem como sempre por intermédio de indivíduos especiais denominados *iogue* na Índia; *mago* nos antigos impérios orientais, na Grécia e em Roma; *feiticeiro* na Idade-média e *médico-feiticeiro* nas tribos selvagens.

Não é o caso de estender-me a citar episódios do gênero, tendo em vista que, com a presente monografia, não me propus fazer um resumo histórico da fenomenologia em questão, mas recolher um número adequado de casos de *transportes* obtidos

em condições de produção que exclua a hipótese de fraude. Limite-me, portanto, a fornecer apenas dois exemplos de fenômenos de *transportes* obtidos, *a pedido*, com *iogues* indianos.

A Sra. Annie Besant, a conhecida Presidente da Sociedade Teosófica, tratando, num longo estudo publicado nos *Annales des Sciences Psychiques* (1906, págs. 657/73) dos *iogues* indianos e dos métodos pelos quais chegam a adquirir faculdades supranormais, alude a experiências de tal natureza, executadas, em sua presença, por um deles. Escreve ela:

“Ele estava quase nu, detalhe da máxima importância quando se trata de fenômenos de *transporte*. Efetivamente, não tinha bolsos onde pudesse ocultar objetos e todas as suas vestes consistiam em uma faixa de tela em redor dos rins. As pernas e o tronco todo, da cintura à cabeça, estavam completamente nus.

Quanto aos utensílios empregados, consistiam eles em uma mesinha por nós mesmos fornecida, uma caixinha de duas tampas que pôs em nossas mãos e foi por nós minuciosa e longamente examinada, conquanto se tratasse de um trabalho rápido, e uma garrafa ordinária, contendo um líquido claro em tudo semelhante à água, mas que a meu ver não era água pura.

Tomamos lugar em volta dele. Por um momento olhou os convidados, um após outro, com olhar penetrante e, quando chegou a minha vez, me examinou com o máximo interesse para depois observar-me: “Tende cuidado em não me interromper e, sobretudo, não façais oposição durante as operações.” Prometi-lhe que me manteria totalmente passivo, a respeito do que devo fazer notar que também eu praticara a disciplina Ioga, razão pela qual julgo que aquele homem percebera que eu lhe poderia fazer oposição, se quisesse.

Então ele pediu: “Designai-me os objetos que quereis que eu vos traga. O meu *espírito elemental* os fará chegar a esta caixa.” Alguém lhe perguntou se poderiam obter coisas de países muito afastados e ele respondeu: “Posso, se se tratar da Índia, mas já não me será possível fazê-lo de países de

além-mar.” Havia, pois, limites ao seu poder. Então um de nós observou: “A cem milhas daqui há uma cidadezinha onde são fabricadas certas balas, absolutamente especiais da Índia. Trazei-nos, pois, algumas delas.”

Era de manhã e aquele homem sentou-se no meio de nós, em plena luz do dia. Pouco depois ele abriu a caixinha e se pôs a esvaziá-la com ambas as mãos, atirando sobre a mesinha as balas pedidas e delas fez logo um monte mais alto do que a caixinha. Perguntou-se-lhe de onde brotava aquela torrente e ele respondeu que quem lha trazia era o seu *espírito elemental*. Tratava-se, precisamente, da espécie de balas por nós pedida. Distribuímos-las entre os meninos da povoação, que as saborearam com grande prazer.

Essas espécies de experiências, tão dificilmente compreensíveis por uma mentalidade ocidental, são, ao contrário, facilmente explicáveis para o indiano, que vos falará da própria consciência posta em relação com os *espíritos elementais*.”

O seguinte episódio, que tiro da revista inglesa *The Occult Review* (1923, pág. 339), é semelhante ao anterior, porém mais complexo.

A Sra. Josephine Ranson relata que, em breve permanência que fez em uma grande povoação situada na base do Himalaia, ali conheceu um jovem *iogue* que se iniciara, desde a primeira infância e com as mais severas formalidades, nos mistérios da Ioga. E assim prossegue:

“Aquele jovem *iogue* era absolutamente avesso a fazer alarde de seus poderes mágicos, mas chegamos a convencê-lo a realizar alguma coisa para nós, que estávamos sincera e seriamente interessados em tais mistérios.

Ele escolheu uma noite de terça-feira, dia em que adorava a sua divindade, e, em conseqüência, possuía, em mais alto grau, faculdades supranormais. Veio a nós diretamente da cerimônia de adoração, estava só e com as vestes reduzidas ao mínimo. Sentou-se no meio de nós (a iluminação do am-

biente permaneceu como estava), pois formávamos um círculo, no soalho, com ele no centro.

O moço *iogue* perguntou que coisa se desejava que ele produzisse. Alguém pedia o *transporte* de leite quente e então ele pediu uma tigela com água e um xale, tendo colocado a tigela diante de si, no chão, cobrindo-a com o xale. Depois mergulhou a mão direita na água e, quando a retirou, levantou o braço, aspergindo a água no ar com um enérgico gesto dos cinco dedos, que manteve um instante estendidos. Enquanto executava o rápido gesto, entoava em sânscrito uma evocação (mantrã). E sempre evocando a sua divindade, com outro gesto enérgico, levou a mão, a distância de um pé, sobre a tigela coberta pelo xale, mantendo os dedos estendidos e imóveis, em sentido horizontal. Foi então que percebemos o rumor de um líquido que caía dentro da vasilha e logo depois ele retirou o xale. Verificamos, estupefatos, que a tigela estava dois terços cheia de leite fervido e ainda muito quente.

Após certo tempo, pediu-se o *transporte* de frutas secas. O *iogue* pediu um prato que colocou na sua frente, sem cobri-lo com o xale. Repetiu o rápido gesto da evocação e, no momento em que a sua mão voltava a estender-se sobre o prato, apareceram no mesmo dois cachos de passas e sultanas secas.

Em seguida, outro de nós pediu o *transporte* de um melão, conquanto não fosse época de melões no norte da Índia. Não obstante, após a habitual evocação e o gesto que a acompanhava, materializou-se, em sua mão, um grande melão verde. Parecia colhido tão recentemente que corria ainda seiva da haste cortada.

Uma jovem do grupo, a quem não agradaram os docinhos indianos, pediu que lhe fossem trazidas doces europeus e, se possível, chocolate. O nosso *iogue* não conhecia o chocolate, como não conhecia também uma palavra do inglês, pois nunca estivera em relação com europeus antes de nossa chegada. Em todo o caso disse ele que faria o possível para contentá-la, desde que ela lhe explicasse o que era chocola-

te. A moça experimentou fazê-lo, mas evidentemente só o conseguiu até certo ponto, porque, quando a evocação e os gestos correspondentes foram executados, materializou-se no prato um notável monte de doces que não era chocolate. Além disso, pareciam de antiga fabricação e estavam também poucos limpos, de modo que não se apresentavam com aspecto muito atraente e as senhoras não quiseram prová-los. O nosso *iogue*, à vista da hesitação delas, desculpou-se de sua incapacidade em satisfazer o pedido feito.

Enfim, pediram-se frutas ainda frescas e não tardou a aparecer no prato, sob a influência das mãos do mago, um monte de maçãs e laranjas que logo todos comeram fartamente. Restaram algumas, que conservamos enquanto não se estragaram.

Naturalmente que dirigimos muitas perguntas ao *iogue* acerca da natureza e extensão de seus poderes mágicos. Ele respondeu, com franqueza, a algumas de nossas perguntas, mas a outras não o fez ou não pôde. Achando-nos tão sinceramente interessados, ele observou que poderia ter-se colocado em estado de ver o que acontecia durante a produção dos fenômenos e explicou que a sua iniciação, com os grandes sacrifícios que ela exigia e a austeridade da vida que levava, lhe tinha conferido autoridade sobre certa categoria de “elementais”, seres do mundo etéreo que lhe obedeciam instantânea e cegamente. Acrescentou que, se nos quiséssemos submeter-nos a uma iniciação preparatória, que ele nos explicaria, poderíamos ver o que realmente se produz durante as manifestações. A iniciação preparatória consistia em jejuar, em nutrir-se unicamente de substâncias especiais, em concentrar-se na meditação, evitando toda relação com outras pessoas. Tudo isso nos tornaria suscetíveis de apurar o nosso poder visual a ponto de perceber os “seres etéreos” que operavam por seu intermédio.”

Com referência aos episódios de que tratei nos casos expostos, observo, antes do mais, que eles não só foram obtidos, *a pedido*, como se produziram em plena luz do dia no primeiro caso, e, em aposento normalmente iluminado, no segundo,

quando os dois iogues se apresentaram quase nus durante as experiências, três condições de fato que, combinadas, excluem toda possibilidade de fraude.

No que se refere aos narradores, saliento que a personalidade notabilíssima da Presidente da Sociedade Teosófica exclui de modo categórico qualquer dúvida acerca da autenticidade de quanto ela afirma ter pessoalmente observado. Quanto à Sra. Josephine Ranson, trata-se da esposa de um oficial superior do exército da Índia e o que ela relata concorda exatamente com o que diz a Sra. Annie Besant.

Voltando aos fenômenos de *transporte* obtidos, saliento que eles se mostraram indubitavelmente maravilhosos, porém não mais do que os obtidos experimentalmente no ocidente. Uma circunstância interessante que acontece não raramente entre nós é a de que, quando os *transportes* devem ser produzidos em plena luz, muitas vezes, mas nem sempre, os médiuns, os *iogues* e os feiticeiros africanos recorrem a idêntica medida de precaução, a qual consiste em cobrir, com um pano, o recipiente ou espaço em que deve ocorrer o fenômeno ou em se servirem de caixas dentro das quais ele é produzido. Dir-se-ia, em tais circunstâncias, que a obscuridade é indispensável para a rematerialização do objeto transportado em condições fluídicas. Nas célebres experiências desse gênero, com a mediunidade da Sra. D'Esperance, experiências, por sua vez feitas com suficiente luz, a personalidade mediúnica “Yolanda” cobria também, com um pano, o recipiente em que deviam se rematerializar as plantas transportadas. Entretanto, para muitos outros objetos transportados, tais precauções não parecem necessárias e viu-se que o segundo *iogue* cobrira, com um pano, o recipiente em que devia se produzir o fenômeno do *transporte* de leite quente, mas não fizera uso dele para outros *transportes* também maravilhosos. Por quê? Ninguém o sabe e seria inútil esforçar-se em penetrar no mistério das diferenças existentes entre os objetos materializáveis em plena luz e os que exigem obscuridade. Aos próximos cabe a solução do mistério.

Nos referidos incidentes, curiosa é a circunstância do *iogue*, ignorando o que fosse chocolate, esforçar-se como pôde para

satisfazer o desejo expresso pela moça, conseguindo-o apenas em aparência, o que não impediu que o fenômeno obtido fosse igualmente interessante e talvez ainda mais do ponto de vista teórico, pois que subentende no médium, ou, se quiser em quem por ele operava, uma faculdade de pesquisa supranormal maravilhosa e ao mesmo tempo limitada pelas indicações do médium.

Saliento ainda que, como no caso da Sra. Annie Besant como no da Sra. Josephine Ranson, os *iogues* afirmaram que os *transportes* foram obtidos com o auxílio de “espíritos elementais”, submetidos às suas volições, com o detalhe de que eles dizem percebê-los em trabalho, acrescentando que também os assistentes poderiam chegar a vislumbrá-los se se submetessem às praticas disciplinares indispensáveis. Em suma, poderia tratar-se de visualizações puramente subjetivas e alucinatórias, mas... poderia também ser que assim não fosse.

**Caso V** – Depois dos episódios de *transportes, a pedido*, a grandes distâncias e por obras de *iogues* indianos, disponho-me a relatar um caso igual, não menos maravilhoso e obtido nos Estados Unidos da América com o auxílio de um médium.

Tiro-o da *Light* (1911, pág. 507). Seu narrador é um deputado pelo Estado da Califórnia, que não deseja ter o seu nome publicado, porém não só ele o dá por completo ao diretor dessa revista, como autentica a sua narrativa por meio de um depoimento prestado em cartório. O diretor da *Light*, por sua vez, declara conhecer pessoalmente o relator, que há muitos anos era assinante da revista.

O narrador se subscreve com o pseudônimo de “Ewing” e conta quanto segue:

“Doze anos antes do acontecimento que me apresso a expor, eu fora eleito Secretário da Câmara dos Deputados pelo Estado da Califórnia. Em conseqüência, fizera imprimir duzentos cartõezinhos-circulares para participar a minha nomeação, cartõezinhos que eram subscritos com o *fac-símile* de minha assinatura. Sobraram duas dúzias que guardei em um baú juntamente com um pacote de cartas particulares que tinha as minhas razões para conservar. Saliento

que, entre tais cartas, se achava uma procedente de um exímio musicista por mim grandemente admirado. Tanto os cartõezinhos como as cartas estavam guardados numa latinha munida de fechadura. A chave era única e eu a trazia constantemente no bolso. O baú estava depositado num esconderijo sempre fechado à chave, no terceiro andar de minha residência.”

Isto dito, conta ele que uma senhora sua conhecida lhe propôs certo dia assistir a experiências de *voz direta* com um médium particular. Aceitou o convite por delicadeza, mas com alguma relutância e, quando foi, levou consigo a sua esposa. Apenas apagada a luz, retumbou uma voz masculina que perguntou ao recém-chegado se desejava que ele trouxesse alguma coisa. Aquela voz de homem, que parecia brotar do teto, em um ambiente onde os assistentes eram todos mulheres, não deixou de surpreendê-lo, mas, de qualquer maneira, respondeu que o *transporte* de objetos não o interessava, a menos que se tratasse de algum objeto trazido verdadeiramente de sua casa, como, por exemplo, de certa latinha existente em um baú depositado no esconderijo do terceiro andar de sua residência. O narrador assim prossegue:

“OuvIU-se a voz do espírito comunicante que, sem hesitação alguma, acolheu a minha proposta da maneira mais gentil possível e observou que, se os presentes entoassem um canto qualquer à meia voz, ele experimentaria atender ao meu pedido.

Achava-se sentado e com a mão pousada sobre o meu joelho direito. Não haviam transcorrido trinta segundos quando senti que alguém introduzia, delicadamente, um cartõezinho entre a palma de minha mão e o joelho. Notei, com surpresa e apesar da escuridão, que quem assim agia o tinha feito sem hesitar, com admirável precisão, justamente como se visse muito bem no escuro. Apesar disto, eu não estava preparado para a grande surpresa que me esperava.

Anunciei o que acontecera e então a médium, sentada do lado oposto do quarto, acendeu a luz. Com enorme espanto

meu, verifiquei que o cartãozinho, introduzido debaixo da palma de minha mão era um dos meus cartõezinhos-circulares de participação de minha nomeação para Secretário da Câmara Estadual. Embora há doze anos não me acontecesse abrir a caixinha em que eles estavam encerrados e ainda parecesse inverossímil que alguma outra pessoa possuísse cartãozinho igual, novo e sem mancha, como se tivesse sido impresso ontem, apesar disto pensei que tal possibilidade não fosse de todo eliminável. Decorreu daí que o meu cepticismo prevaleceu logo sobre o espanto e observei aos presentes que naquela mesma caixinha estavam depositadas algumas cartas a mim endereçadas e que, se alguma de tais cartas me fosse trazida, então eu não hesitaria mais em proclamar, em alta voz, a genuinidade dos fenômenos de *transporte*. Isto dito, a médium propôs apagar a luz e pedir a opinião do espírito comunicante. A resposta dele foi igual à primeira: os convidados deviam entoar um hino à meia voz e ele se esforçaria por satisfazer meu desejo. Assim se fez e, depois de cerca de um minuto de espera, senti roçar pelo meu rosto um papel volante. Contei o que sucedia, a luz foi acesa e com esta tive ocasião de experimentar a maior emoção de minha vida, pois o papel que sentira tocar-me a face era a carta do citado musicista.

Quando me dirigi, depois da sessão, ao esconderijo, munido da única chave existente para abrir a latinha, chave por mim constantemente trazida no bolso, verifiquei que a carta do musicista desaparecera e que o pacote dos cartõezinhos, que estavam seguros por um elástico, parecia intacto.

A fim de que essa experiência fosse apreciada e avaliada em toda a sua importância, que é grande, e para que não se creia que eu tenha agido com pouco cuidado no divulgá-la, quis subscrever o meu relatório perante um tabelião, prestando juramento acerca da escrupulosa autenticidade de quanto nele se contém.”

(Segue o documento oficial, com o atestado do relator e a assinatura do tabelião Thomas S. Burne, residente em São Francisco da Califórnia).

Ainda no caso exposto, a genuinidade supranormal dos fenômenos de *transporte* se mostrara incontestável: em primeiro lugar porque ninguém poderia imaginar que o novo assistente iria pedir o *transporte* de um objeto de sua própria casa, objeto que seria tirado de uma latinha fechada à chave, depositada em um baú, que, por sua vez, estava encerrado em um esconderijo no terceiro andar da mesma casa; em segundo lugar, porque, ao primeiro fenômeno de *transporte*, ocorrido em condições insuspeitáveis *de pedido formulado no momento*, aconteceu um outro em confirmação ao primeiro e em seguida a novo pedido do experimentador. Pergunta-se de que outra coisa se poderia cogitar em matéria de provas positivas, em demonstração da gênese supranormal dos fenômenos de *transporte*.

**Caso VI** – Referem-se às famosas experiências da Sra. Frondoni Lacombe, em Lisboa, com a mediunidade da Sra. condessa de Castelvitch, experiências em que foram obtidos numerosos fenômenos de *transportes*. O caso que narro a seguir se realizou após a publicação de seu livro *Merveilleux Phénomènes de l’Au de La* (Maravilhosos Fenômenos do Além), e eu o extraio da *Revue Scientifc et Morale du Spiritisme* (1922, pág. 276). A Sra. Frondoni Lacombe escreve nestes termos a Gabriel Delanne:

“Caro amigo:

Envio-lhe a descrição de um caso de *transporte* que me parece interessante. Em 7 do corrente (setembro de 1921), às três horas da tarde, antes que a condessa de Castelvitch chegasse à minha casa para fazer uma sessão, eu disse às senhoras Correia e Pereira que iria pedir à personalidade comunicante para trazer-me uma plantinha com raízes, para transplantá-la e cultivá-la. Pouco depois chegou a condessa e a sessão começou.

Como de costume, aplicamos “controles” na porta. Apenas nos sentamos em torno da mesa, formulei, em voz alta, o meu pedido, dirigindo-me à entidade “Bianca de Claverani”, que afirmava ter sido antepassada da condessa. Após breves instantes, materializou-se uma mão atrás das minhas costas, a qual desceu ao longo de meu braço direito e colo-

cou entre os meus dedos algo que podia ser realmente a plantinha pedida. Apalpando-a com precaução, verifiquei que à volta dela havia terra úmida que estava amassada pela pressão de dedos.

As minhas amigas teriam desejado que eu acendesse a luz, mas julguei fazer bem em não interromper a sessão, conservando o objeto transportado entre as mãos. Eis, porém, que três fortes pancadas, batidas energicamente no armário, me fizeram compreender que se queria luz.

Abri as janelas e verificamos, com surpresa, que o *transporte* consistia em um tufo de trevo fresquíssimo, provido de sua comprida raiz e no qual se contavam dez folhas ao todo. Em torno da raiz havia, aderido, um pouco de terra úmida.

Recordo a respeito que a médium não estava presente quando exprimi a minha intenção de pedir o *transporte* de uma plantinha viva, ao passo que as duas senhoras, às quais eu a confiei, não se afastaram da sala, nem dos seus lugares.

Você bem sabe, caro amigo, com quanto cuidado eu trato do pé de trevo que me trouxe a entidade espiritual “Bianca de Claverani”. Tal plantinha tem para mim maior valor do que todas as gemas do mundo.”

Em outra narração acerca dos fenômenos de *transporte* a Sra. Frondoni Lacombe fornece novas informações a respeito do pezinho de trevo (idem, pág. 170, 1922). Escreve ela a Delanne:

“Descrevi há tempos o *transporte* singular de um pezinho de trevo. Agora acrescento que ele cresceu regularmente, floresceu, deu sementes e morreu na sua estação, como todas as plantas anuais.”

Depois ela relatou esse outro fenômeno de *transporte* obtido em condições igualmente impecáveis de fiscalização:

“Na última sessão, achava-me só com a condessa, *cujas mãos eu mantinha apertadas entre as minhas*. De repente, algo de muito pesado foi projetado, com grande barulho, perto de nós. O incidente espantou a médium, que não quis

continuar com a sessão. Acendi, pois, a luz, verificando que o objeto transportado, caído aos nossos pés, era uma bandeja de madeira pesada, daquelas que se usa para levar alimentos ao leito dos enfermos. Achava-se fechada em um armário do qual estávamos separados por dois quartos. Em conseqüência, a bandeja teve que atravessar três portas fechadas para chegar até nós.”

Nada de excepcional há a notar nos dois incidentes supracitados, salvo a consideração genérica e teoricamente importante de que eles concorrem com os outros para constituir aquele conjunto de repetições do mesmo fenômeno sob formas diversas, as quais se tornam indispensáveis para chegar-se à demonstração científica da realidade objetiva do fenômeno estudado e tudo isso sobre a base dos fatos.

Observo que o fenômeno do *transporte* de um trevo fresco corresponde ao outro fenômeno do *transporte* de uma erva, por intermédio da mediunidade da Sra. Guppy, de modo que a produção do segundo episódio, igual ao primeiro, serve para tornar ambos menos inverossímeis. Saliento tal circunstância, pois é notório que o critério da razão humana é constituído de forma a julgar prodígios inverossímeis todos os fenômenos de certa natureza, que, produzindo-se rara e esporadicamente, não lhe são familiares, ao passo que se familiarizam a tal ponto com os fenômenos realmente prodigiosos que se passam continuamente ao seu redor (como, por exemplo, o prodígio de um pinto emplumado e vivíssimo que sai de um ovo, após vinte dias de incubação) que os considera acontecimentos banais, que nada de maravilhoso noto neles. Daí decorre que a imensa maioria dos vivos, inclusive numerosíssimos intelectuais pertencentes a todos os ramos, não se apercebe de que os prodígios e mistérios, quais se observam nos fenômenos supranormais aqui considerados, se mostram uma ninharia, que se pode desprezar, ao lado do enorme imperscrutável prodígio dos prodígios que é a existência do universo e dos mundos, da vida nos mundos, da consciência da vida, de uma inteligência evolutiva nas individualidades pensantes.

**Caso VII** – As considerações acima servem para tornar menos inverossímil este outro episódio que tiro do livro do prof. Haraldur Nielsson intitulado *Minhas experiências espíritas*, já citado, no qual ele relata os maravilhosos fenômenos obtidos com o célebre médium islandês Indridi Indridasson. Escreve ele à pág. 34:

“Algumas vezes obtivemos este outro fenômeno: a *pene- tração da matéria através da matéria*. Citamos um exemplo certa noite, em que o poder do médium era extraordinário, o *espírito-guia* informou-o que se sentia capaz de tentar a seguinte prova: apanhar um objeto qualquer em uma casa da cidade e transportá-lo para a mesa das sessões, através das paredes. Esperamos que o médium caísse em transe e só então entramos em acordo sobre a casa a propor para a experiência do *transporte*. Logo informamos o *espírito-guia* que ele poderia escolher entre a casa do bispo e a de um conhecido médico. O espírito comunicante escolheu a casa do médico, observando que o fazia para eliminar possíveis objeções, pois que o médium já fora algumas vezes à casa do bispo. Isto resolvido ouvi fortíssimas pancadas como jamais tive ocasião de ouvir, nem antes, nem depois. Continuaram por algum tempo, depois sucedeu uma pausa e o *espírito-guia* anunciou que transportara, da casa do médico, um objeto através do teto. Isto dito, as pancadas fortíssimas voltaram a ribombar e logo depois foi colocado, sobre a mesa, o objeto então transportado, que verificamos consistir em um grande frasco de vidro no qual haviam pássaros conservados no álcool.

Telefonou-se imediatamente para a casa do doutor, a fim de assegurar-nos se o objeto transportado lhe pertencia, mas se obteve resposta negativa. O médium, que no intervalo despertara, adormeceu novamente e o *espírito-guia* tornou a declarar que dissera a verdade, pois ele mesmo retirara o frasco de armário pintado de amarelo, em um quarto da casa do médico, onde, naquele momento, um senhor idoso estava conversando com outras duas pessoas. Tais informações foram comunicadas ao médico, que então foi informar-

se, verificando que tudo o que dissera o espírito comunicante era perfeitamente exato. O sogro do médico se achava então sentado em palestra com outros dois senhores no quarto em que se encontrava o armário descrito pelo espírito. O frasco com os pássaros conservados no álcool pertencia ao sobrinho do médico e desaparecera efetivamente do armário. Em suma, um fenômeno de *penetração da matéria através da matéria* se dera positivamente.”

Para quem nada entenda de Metapsíquica, o fato do *transporte* de um recipiente, cheio de um líquido qualquer, demonstra uma complicação tal que o fenômeno é considerado mais do que nunca inacreditável, mas, na realidade, que um recipiente transportado esteja vazio ou cheio de líquido, nada acrescenta e nada tira às dificuldades da produção de um *transporte*. É preciso não esquecer que o fenômeno determina prévia desintegração e redução, ao estado fluídico, da matéria que constitui o objeto transportado e tal estado fluídico da matéria, sendo praticamente igual para os sólidos como para os líquidos, decorre daí que nenhuma diversidade existe nas modalidades de produção dos dois gêneros de *transporte*.

Do ponto de vista probatório, observo que o fenômeno em apreço se mostra importante, visto que um grande frasco, contendo pássaros conservados no álcool, não poderia ser escondido sob as roupas do médium. Por outro lado, o fato de haverem os próprios experimentadores designado a casa da qual devia ser transportado o objeto da experiência exclui toda possibilidade de acordo prévio, ao que deve acrescentar-se uma outra circunstância: a de ter sido este acompanhado de outro fenômeno de visão clarividente à distância, em que o espírito comunicante não só descreve a maneira pela qual havia trazido o objeto transportado, mas acrescenta que vira no quarto um senhor idoso conversando com duas pessoas.

Trata-se, em suma, de um fenômeno de *transporte* absolutamente autêntico como os anteriores, malgrado o curioso objeto escolhido pelas personalidades mediúnicas operantes.

Noto ainda o incidente, estranho e bastante freqüente nos fenômenos de *transporte* (como em numerosos outros fenômenos físicos) das fortíssimas pancadas que se produziram nas duas fases de subtração e *transporte* do objeto designado. Observo que o mesmo incidente se verificava, com freqüência, nas célebres experiências do Rev. William Stainton Moses, especialmente antes da produção dos globos luminosos. Essas manifestações ruidosas e inúteis, porém, não agradavam a Moses, pelo que pediu explicações ao seu *espírito-guia* “Rector”, que informou que não podia evitar tal coisa, pois que se produziam todas as vezes que houvesse abundância de *forças físicas exteriorizadas*, abundância que era preciso dissipar logo para impedir a invasão de entidades inferiores e vulgares, as quais seriam favorecidas pela existência de uma *força* da qual podiam servir-se melhor do que os outros e, assim sendo, o modo mais rápido para libertar-se dela, à medida que se produzia, era o de consumi-la produzindo pancadas, ruídos e estrondos.

**Caso VIII** – No interessantíssimo e cientificamente importante livro do Rev. Charles Tweedale, *Man's Survival after Death*, em que ele expõe os maravilhosos fenômenos que se produziram na sua paróquia, quer espontaneamente, quer experimentalmente, com a ajuda da mediunidade da própria esposa, constam numerosos fenômenos de *transporte* obtidos *a pedido* ou em plena luz. A respeito dos obtidos em plena luz, terei ocasião de citar alguns na segunda parte da presente monografia. Reproduzo aqui um caso de *transporte* obtido *a pedido* ou, mais precisamente, obtido em resposta a um pedido formulado mentalmente pelo Rev. Tweedale. À página 469 da mencionada obra ele assim o descreve:

“A seguinte notabilíssima experiência mostra como se deu um *transporte* em resposta a um pedido meu, formulado mentalmente. Em dia de domingo, 29 de janeiro de 1911, voltava só do serviço religioso que eu havia celebrado pela manhã. Pouco antes fora informado que a um senhor de meu conhecimento, ferozmente hostil à pesquisa psíquica, sucedera um grave acidente de carro, que tinha tornado necessário o sacrifício de seu cavalo. Quando subia

o áspero caminho que conduz ao vicariato, do qual distava cerca de uma milha, divertia-me pensando quanto seria desejável que o cavalo morto daquele cético pudesse servir para uma manifestação mediúnica, como a que ocorrera em nossa casa com o cão de minha tia. Por exemplo, que pudesse servir para reproduzir, em casa de seu dono, a pateada de um cavalo a trote, com o correspondente *transporte* de uma das próprias ferraduras. Assim divagando, sorri à idéia extravagante que me saíra da mente e logo a esqueci. Compreende-se que, durante o meu caminho para o vicariato, não tive ocasião de comunicar a ninguém a minha absurda idéia.

Ali chegando, dirigi-me logo para o quarto de minha mãe e foi ela a primeira pessoa com quem falei. Antes, porém, que lhe dirigisse a palavra, fez-me logo esta curiosa observação: “Tenho uma coisa a comunicar-lhe.” Depois continuou, relatando-me que um quarto de hora antes ouvira um barulho formidável na segunda parte da escada, como se algo de metálico e pesado ali tivesse caído, com força, do alto, para pular, tinindo, sobre os degraus e precipitar-se no corredor que comunicava com o seu quarto. Ela correria imediatamente e, não vendo ninguém na escada, olhara em torno para achar o objeto caído do alto com tal ruído. Assim fazendo, colocou o pé, inadvertidamente, sobre o que procurava, o que lhe produziu uma torção dolorosa no pé. Enquanto me contava tudo isso, mantinha ela uma das mãos oculta detrás das costas e, finalmente, me disse: “Pois bem, que pensa você que tenha caído?” Respondi-lhe que me faltava uma base qualquer para adivinhá-lo e ela então falou: “Eis aqui o que caiu do alto.” Isto dizendo, com grande espanto meu, mostrou-me uma ferradura.

Nenhuma dúvida padece de que a minha estrambótica idéia, mentalmente pensada, fora percebida por uma das várias entidades espirituais que se manifestam por nosso intermédio e que quis executá-la, no meu vicariato, poucos minutos depois!”

No caso exposto, a particularidade mais notável para os não iniciados nas maravilhas da fenomenologia mediúnica consistirá, sem dúvida, no fato de um espírito perceber o pensamento, mentalmente emitido pelo Rev. Charles Tweedale, e, em consequência, chegar a realizá-lo graças à mediunidade da esposa dele. Observo, não obstante, que os tempos atuais são grandemente favoráveis à compreensão de tais mistérios profundos inerentes ao espírito humano, mistérios que, há duas gerações passadas, teriam parecido a tal ponto absurdo e inconcebível que ninguém os tomaria a sério.

E assim observando, refiro-me à analogia muito sugestiva que hoje nos fornece o *rádio*, por intermédio do qual ouvimos de Roma uma conferência que se realiza em Paris, Berlim, Londres ou ainda além-mar e tudo isso no momento preciso em que o orador fala aos ouvintes. Ora, também este fenômeno é uma percepção do pensamento alheio a distâncias enormes, em tudo análogo ao que pressupõe o caso do Rev. Tweedale. E se considera que o milagre do *rádio* se realiza por meio de *ondas elétricas* que, conquanto sutilíssimas, pertencem ainda ao mundo físico, então dever-se-ia compreender que o fenômeno da transmissão do pensamento deveria ser muito mais perfeito porque se trata de vibrações infinitamente mais sutis e qualitativamente diversas como são as *vibrações psíquicas*.

Observo, finalmente, que, em um como em outro caso, o que unicamente se torna preciso para que o “milagre” se produza é a existência de uma *relação* entre duas estações comunicantes, no primeiro caso, e entre duas mentes comunicantes, no segundo, *relação* essa que, para as estações de *rádio* consiste na *sintonização* entre as ondas elétricas da estação emissora com a receptora, ao passo que, para a transmissão do pensamento, entre personalidades humanas encarnadas e desencarnadas, é necessária a chamada *relação psíquica*, que consiste no fato de que as duas mentes comunicantes se devem ter conhecido precedentemente, ou, em outros termos, que não devam ser estranhas uma à outra. Ora, no caso do Rev. Tweedale, tal condição de *relação psíquica*, entre ele e as personalidades espirituais operantes, existia em plena eficiência.

E, uma vez eliminada essa aparente perplexidade teórica, o fenômeno de *transporte* supracitado reentra na ordem normal dos fenômenos do gênero.

**Caso IX** – Tiro-o da interessantíssima monografia de Fredrich W. H. Myers intitulada *The Subliminal Consciousness* (A Consciência Subliminal), publicada nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, vol. IX, pág. 119.

Myers declara não estar autorizado a dar os nomes dos protagonistas, mas atesta conhecer pessoalmente o relator e personagem principal, ao qual foi apresentado pelo prof. Andrew Lang.

O relator, Sr. O., conta que, no inverno de 1888/89, começara a estudar os fenômenos espíritas juntamente com dois irmãos e dois amigos seus, um dos quais, de nome Andrew, se revelou dotado de ótimas faculdades mediúnicas. Obtiveram boas provas de ordem inteligente em demonstração da interferência de personalidades espirituais extrínsecas ao médium e aos presentes, entre as quais a de ter o médium, totalmente ignorante das línguas clássicas gregas e latina, escrito corretamente em uma e outra. O narrador assim continua:

“Mais do que nunca inexplicável foi a prova fornecida a um cético de nosso conhecimento. Esse senhor pediu e obteve licença para assistir a uma de nossas sessões, mas, quando lá se achou, assumiu uma atitude que indicava que ele considerava a coisa como mera brincadeira, tanto assim que levou consigo um outro cético da mesma marca. Apenas o médium caiu em transe, a entidade mediúnica habitual começou observando: “Acham-se presentes pessoas estranhas.” Tal observação pareceu aos nossos hóspedes muito inconcludente e banal, pelo que um deles pediu jocosamente ao espírito para fazer alguma coisa que o convencesse de sua presença real. A personalidade mediúnica então lhe perguntou qual era a prova que ele desejava e o outro, sempre gaiatamente, disse: “Ei-la, pois. Traga-me uma vela.” A idéia provavelmente saíra da cabeça dele por se achar no escuro. Apenas formulado o pedido, uma vela foi colo-

cada diante de quem a tinha solicitado, com a injunção de que se fosse logo embora.

Verificou-se que a vela estava quente na parte do pavio, o que era devido ao fato de ter ela sido utilizada, um momento antes, no quarto contíguo. Com efeito, meu irmão saíra a seguir, pedindo à dona da casa uma vela e a boa senhora se dirigira para o lugar em que momentos antes colocaram o castiçal, ficando estupefata ao descobrir o castiçal no lugar, sem a vela. Então meu irmão lhe fez ver a vela que tinha entre as mãos e ela a reconheceu como a de que se utilizara pouco antes. De resto, não podia haver duas opiniões a respeito, pois não havia outra vela em toda a casa.

Esse fenômeno foi o mais importante que obtivemos até aquele dia e a sua importância reside no seguinte: que pode ser considerado como uma prova equivalente à demonstração do fato de ter um objeto sólido passado através de uma outra matéria sólida, visto que a vela passara de um quarto para outro, embora as duas portas permanecessem fechadas à dupla volta de chave.”

Este interessante episódio foi recolhido e investigado por Myers. Digo interessante pela inesperada modalidade com que foi produzido e isto em correspondência com a atitude zombeteira assumida por quem formulara o pedido de um *transporte* especial. E é de se presumir que o experimentador cético não tenha mais zombado após a inesperada quão instantânea execução do seu irônico convite, combinada com a lição que lhe foi infringida com a sua imediata exclusão do círculo.

A respeito do valor probatório do fenômeno em si, não me parece ser o caso de observar que ele não admite dúvidas de qualquer espécie: foi obtido *a pedido* e quem o pediu foi um incrédulo que, a título de zombaria, formulou um estranho pedido. Por outro lado, a vela transportada foi achada com o pavio ainda quente e isto em correspondência com o fato de ser a única vela existente na casa, vela que fora apagada, um pouco antes, pela pessoa que dela se utilizara no quarto da casa. E parece-me que basta.

**Caso X** – Extraio o seguinte caso de uma outra monografia de Myers publicada nos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. VII, pág. 189.

O caso foi recolhido e investigado pelo prof. William Barrett, porém Myers declara, por sua vez, conhecer o narrador, Sr. C., e o protagonista do caso, Sr. H. O narrador não quis que fossem publicados os nomes dos experimentadores tanto mais porque a saúde do médium se ressentia da emoção suportada nas circunstâncias aqui consideradas. Myers assim se exprime o respeito:

“O assunto ainda é a tal ponto penoso para o Sr. H. que é prudente não se falar dele em sua presença. Devo acrescentar que é este o único caso que conheço em que uma sessão mediúnica tenha ocasionado conseqüências penosas e persistentes sobre a saúde do sensitivo, porquanto, infalivelmente, o esgotamento ou a superexcitação que pode sofrer ele é temporária e de brevíssima duração. O Sr. H. conserva-se robusto como era e exerce com igual eficiência a sua profissão, mas os seus nervos não se refizeram ainda do grande abalo emocional que o estranho incidente lhe infligiu.

O Sr. C., o narrador, adianta que alguns anos antes começaram a interessar-se pelas experiências mediúnicas, obtendo os costumeiros fenômenos iniciais, tais como os movimentos de mesa, as conversas tipológicas e as pancadas na madeira. Tudo isso o levou a experimentar com médiuns profissionais e não tardou a convencer-se da realidade dele, permanecendo, todavia, céptico quanto à sua origem supra-normal. Certo dia, achando-se na cidade de Lowestoft com a sua mulher, uma outra senhora e um amigo íntimo, resolveu fazer experiências juntos. Logo a mesinha agitou e, tipologicamente, foi ditado que o amigo, Sr. F., era um médium poderoso. Com efeito, pouco depois caiu em transe e se produziram fenômenos de *transporte* de objetos, *levitações de mesa* e *penetração da matéria através da matéria*. Quando o Sr. F. despertou, pediu desculpas por ter adormecido, de nada se recordando e se sentindo perfeitamente bem. Voltamos a experimentar com a mesa, que ditou tipto-

logicamente, o seguinte: “Eu amava F.” Pediu-se o nome da entidade comunicante e foi dado o nome de “Katie”. Esse nome produziu uma impressão tão penosa sobre F. que foi preciso suspender a sessão. Na terceira vez em que retomamos as nossas experiências, verificaram-se outros fenômenos de *transporte*, depois, ao fraco clarão da lua, vimos o fantasma fluídico de uma senhora vestida de preto, a qual, aproximando-se da esposa do narrador, lhe colocou as mãos sobre os ombros. A senhora ficou impressionada e se pôs a gritar de salto, em vista do que o Sr. C. acendeu imediatamente a luz. Quando reiniciamos a sessão, verificaram-se então os inesperados fenômenos que se prendem ao ponto da presente classificação.

A meu pedido, o Sr. F. solicitou à personalidade mediúnica em questão que trouxesse flores para as senhoras e logo dois punhados de flores da serra (estava-se em outubro) foram colocados diante dele.

O Sr. F. sentava-se com os pés entrecruzados às pernas da própria cadeira para impedir que o arrastassem ao chão, como acontecera na noite anterior. Subitamente exclamou: “Tiram-me o paletó.” Isto dizendo, foi arrastado ao chão e, conquanto a minha esposa não houvesse deixado um só instante de segurá-lo fortemente pelas mãos, foi ele despojado completamente do paletó. Acrescente-se que as suas botas altas foram achadas em cima de um sofá, afastado dez metros, e o seu lenço foi encontrado no angulo oposto do quarto, reduzido a um monte de nós.

Pouco depois reiniciamos a sessão e pedi que se me trouxesse algum objeto de minha residência, mas me foi respondido negativamente. Então o Sr. F. pediu, por sua vez, que lhe trouxesse um objeto da casa dele. Apenas formulado o pedido, ficou agitado, depois entrou em profundo transe e diante dele caiu a fotografia de uma jovem. Um quarto de hora após, o Sr. F. despertou e minha esposa lhe mostrou o retrato, que ele olhou de soslaio, apressou-se a pô-lo no bolso e prorrompeu em pranto, exclamando: “Não desejaria que isto acontecesse, por todo o ouro do mundo.”

Tal fotografia era a única cópia existente do retrato de uma jovem a quem o Sr. F. fora muito afeiçoado. Achava-se em sua residência em Bayswater e em um álbum dentro de um móvel fechado à chave. Quando voltamos à cidade, tivemos ocasião de verificar que a fotografia desaparecera do álbum e a esposa do Sr. F., que ignorava as nossas experiências, nos contou que, na noite e na hora correspondentes à produção do fenômeno de *transporte*, ouvira, no próprio quarto de dormir, um tremendo barulho que levou os vários membros da família a se perguntarem que coisa acontecera.

Minha esposa exprimiu o desejo de ver a fotografia e o Sr. F. levou a mão ao bolso para apanhá-la, mas, com grande consternação sua, verificou que ela havia desaparecido.

Decidimos acabar, de uma vez, com as nossas experiências, mas como o Sr. F. tivesse ficado muito perturbado com o desaparecimento da fotografia, a minha esposa sugeriu realizar-se ainda uma sessão, na esperança de recuperá-la.

Quarta sessão – Sou fortemente tocado na cabeça por uma almofada do sofá. Um objeto roça as nossas mãos para depois atravessar a mesa e desaparecer; é delicado como uma pluma. O Sr. F. pede flores e frutas e logo caem em cima da mesa muitas flores e muitas maçãs, fruta da estação, mas que não tínhamos em casa. A Sra. A. pede alguma coisa de sua propriedade e imediatamente lhe é posto em uma das mãos um objeto seu, que se achava em cima de outra mesa. Também a minha mulher pede algo para si. Logo o Sr. F. cai em transe e sobre a mesa tomba a fotografia desaparecida no dia anterior.

Desta vez, porém, o médium F. não recuperou rapidamente as suas condições normais. Teve crises alternadas de inconsciência e delírio, que duraram cinco horas. Depois readquiriu as suas faculdades normais, mas ficou esgotado. No dia seguinte, ele pediu à sua esposa para queimar a fotografia, o que foi feito em sua presença.”

Extraio ainda estes detalhes da resposta fornecida pelo relator a um questionário que lhe dirigiu Myers:

“Condições de luz – Experimentava-se sob a chama do gás, abaixada, mas o aposento era suficientemente iluminado para vermos distintamente uns aos outros, bem como para ver-se qualquer objeto nele existente. Ajunte-se que se estava no período da lua cheia e a sua claridade, espalhada pelas duas janelas, teria sido suficiente para tornar cada coisa visível. Além disso, formávamos uma cadeia, segurando-nos pelas mãos.

A sessão em que ocorreu o *transporte* da fotografia levou das dez às onze horas da noite, mas eu não deixei o meu amigo F. até as três horas da manhã.

No dia seguinte, após o jantar, chegou uma carta da esposa do Sr. F., em que ela descrevia o incidente do barulho ouvido no quarto de dormir, acrescentando que fora escutado pela vizinhança. Não pudemos interrogá-la posteriormente, pois ela ignorava as nossas experiências, ao passo que, por ordem do doutor, nenhum de nós deveria fazer referência ao sucedido, na presença de F., que ficava muito nervoso quando ouvia tocar no caso.”

Paro aqui com as citações, embora ainda haja detalhes e considerações importantes a notar.

Recordo-me de haver citado antes (caso V) um episódio literalmente análogo, na espécie, ao presente e em que o experimentador pediu o *transporte* de cartõezinhos e cartas contidos em uma caixinha fechada à chave, em sua casa, e é logo satisfeito. A diferença existente entre os dois episódios consiste nisto: que o segundo *transporte* ocorreu também *a pedido* e foi, por sua vez, tirado de móvel fechado à chave, na casa do experimentador, mas consistia em um objeto que ele não teria nunca desejado que lhe fosse trazida, pois evidentemente lhe despertava recordações penosíssimas. Não se diz se a personalidade mediúnica de “Katie”, manifestada e materializada em tal circunstância, é a mesma representada na fotografia transportada, mas a emoção experimentada pelo médium, ao perceber aquele nome e as palavras

proferidas pela entidade espiritual, “Eu amava F.”, não deixam dúvidas a respeito.

Dentre os detalhes dignos de atenção, noto a do ruído ouvido no quarto em que se achava a fotografia transportada e isso no momento preciso em que o fenômeno de *transporte* se dava. Tal particularidade não é nova e se repete em alguns outros episódios do gênero, mas não é fácil dar explicação dela. Precedentemente (caso VII) se fez notar que, quando as personalidades mediúnicas são interrogadas sobre pancadas e ruídos fortíssimos, que algumas vezes se dão no momento justo em que se verifica o *transporte*, elas explicam que tais manifestações ruidosas constituem o expediente mais rápido para livrar o ambiente de uma abundância nociva de forças exteriorizadas. Isto posto, surge a questão: tal elucidação, plausível quando se trata de ruídos, que são produzidos no ambiente em que se acha o médium, deverá ser julgada igualmente plausível quando se verificam a muitas milhas de distância do médium, no ambiente em que se pediu a subtração do objeto pedido? Nenhuma dúvida há de que tal plausibilidade poderá sustentar-se, e não tenho nenhuma intenção de contestá-la, mas ao mesmo tempo julgo verossímil presumir que tais estampidos, ouvidos por algumas pessoas e comparados ao estrondo que produziria um móvel que se partisse em pedaços, tenham origem no fenômeno instantâneo da desintegração e reintegração da parte da madeira do móvel, desintegração a tal ponto fulminante que determinasse, em menor grau, um barulho correspondente ao produzido por um explosivo, visto que o ruído produzido por um explosivo deriva, por sua vez, de um fenômeno de desintegração instantânea de um preparado químico, que é matéria sólida, como o é a madeira de um móvel.

De um outro ponto de vista, noto ainda que o valor teórico e o interesse dramático inerentes ao *transporte* da fotografia tendem a fazer esquecer os outros episódios do gênero ocorridos na sessão em apreço, os quais, ao contrário, são dignos de atenção, considerando que, por sua vez, foram obtidos *a pedido*, ao passo que o episódio do paletó, apesar de se acharem as suas mãos fortemente fiscalizadas e imobilizadas, é um notável exemplo de *penetração da matéria através da matéria*, o qual, de resto, está

longe de ser o único na casuística em exame. Efetivamente, segundo minhas classificações, noto a existência de uma dúzia de episódios iguais e que, de uma parte, servem para fortalecer o exposto, tornando-o menos inverossímil e, de outra, mostra que os fenômenos de tal natureza são realmente muito raros.

**Caso XI** – Há alguns anos atrás publicou o Dr. Schwab um livro intitulado *Teleplasma und Telekinesis* (Teleplasma e Telecinesia), em que relatou as experiências por ele mesmo feitas, durante dois anos, com a médium particular Sra. Maria Volhart, sua cliente e pertencente à distinta família, médium da qual declara conhecer a fundo a natureza física e mental, o que lhe permitiu certificar-se, com plena segurança, da legitimidade de suas faculdades mediúnicas.

Demais, as condições, em que se desenrolaram as sessões excluem toda a possibilidade de fraude e, conquanto se experimentasse na obscuridade, essa não era completa e as infiltrações da luz do dia permitiam distinguir constantemente as sombras do corpo da médium e de todos os assistentes. Além disso, os fenômenos foram algumas vezes obtidos à luz vermelha e até à luz do dia. Acrescente-se que a médium sentava-se no círculo com os outros e as mãos de todos ficavam sempre imobilizadas por meio de uma rigorosa cadeia.

O Dr. Schwab publicou numerosas fotografias dos fenômenos, bem como o testemunho de umas cinquenta pessoas que os assistiram, pessoas, todas, que ocupam importantes posições, entre as quais certo número de médicos e professores universitários.

Não possuindo o livro do Dr. Schwab, deverei limitar-me a narrar os trechos essenciais do amplo resumo que lhe dedicou René Sudre na *Revue Metapsychique*, de julho/agosto de 1923. Escreve ele:

“Os *transportes* são produzidos do seguinte modo: ressoam algumas pancadas na tábua da mesa e a médium se torna muito agitada. Logo depois um objeto cai em cima da mesa ou é depositado suavemente sobre ela. Geralmente são pedras do tamanho de uma noz ou de um ovo de pata.

Provém, algumas vezes, da própria casa, mas muitas vezes de localidades ignoradas. Foram, além disto, transportados livros e vasos contendo água e flores. Um detalhe notabilíssimo e que serve para excluir qualquer suspeita de fraude é este: *que a sua natureza está em relação ao tema da conversa do momento*. Assim, por exemplo, em relação com o assunto de uma conversa, obteve-se *transporte* de raminhos de “astero” com o comprimento de 67 centímetros, dimensão esta que basta por si só para excluir a suspeita de que a médium pudesse esconder os raminhos em suas vestes. Algumas vezes ela levava as mãos acima da cabeça para colher, em vôo, os objetos, sem que, para tal, fosse abandonado o controle de suas mãos. Outras vezes, ela dizia ter sentido colocar sobre a sua própria cabeça uma pedra ou mesmo uma ferradura. Se, nesse instante, levava a mão à cabeça, nada encontrava, mas *a fotografia revelava, ao contrário, a presença do objeto designado*. Ou ouvia-se o choque de um objeto atirado em cima da mesa e, em conseqüência, se julgava que o *transporte* tivesse chegado, *quando, na realidade, não era encontrado ali senão alguns minutos depois, isto é, o tempo necessário para ser materializado*. Enfim, outras vezes *o objeto transportado impressionava a chapa fotográfica, se bem que, na realidade, não fosse ainda visível*.

Os objetos transportados, especialmente as pedras, *estavam quentíssimos*. As plantas, ao contrário, pareciam muito úmidas.

Uma vez foi trazida uma flor de um ramallete a três ou quatro quilômetros de distância e, todas as vezes que se produzia um fenômeno semelhante, quer estivesse próximo, quer estivesse afastado o ramallete, suas flores eram achadas em ordem.

Em outra sessão, certo arco saiu de um quarto pegado, aprisionando a um tempo os dois braços da médium e o braço esquerdo de um dos controladores, sem que este último jamais houvesse abandonado o controle das mãos dela.

Obtivemos, além disto, o *transporte* de um galho de faia, *salpicado de orvalho*, o qual, na penumbra, foi visto chegar por cima da cabeça da médium, que libertou uma das mãos para colhê-lo no ar. No dia 25 de janeiro de 1923, obtivemos o extraordinário *transporte* de um torrão de terra com um pé de salsa, *no interior do qual foi achado um grande verme branco que se contorcia vivamente*.

Na iminência de um *transporte*, a médium Maria Volhart entra lentamente em estado de transe. Seus movimentos respiratórios passam a 40-45 por minuto e o pulso a 90-95 batidas; a superexcitação é grande, as mãos e freqüentemente o corpo inteiro são abalados por um tremor penoso e a testa fica úmida de suor. Depois do fenômeno, sobrevém uma fase de acentuado esgotamento e a médium pede insistentemente algo para beber e se queixa de um mal-estar geral.”

Encontram-se, no caso exposto, felizmente reunido, numerosas características dos fenômenos de *transporte* já por mim notadas e tratadas antes. Assim sendo, atente-se para a circunstância de que, quando os objetos transportados eram de pedra ou de metal, se mostravam quentíssimos e outros tanto para os vários episódios de *transporte* de um galho de faia ainda salpicado de orvalho, de vasos contendo líquidos, de um torrão de terra dentro do qual um grande verme branco se contorcia vivamente ou de um arco que se insinuou entre os braços da médium e de quem lhe controlava a mão direita, sem que esta lhe abandonasse o controle.

Nas experiências em exame, todavia, o detalhe mais importante é o de serem os objetos notados algumas vezes pelos sentidos do tato, da audição ou da visão, quer da médium, quer dos assistentes, antes de se acharem presentes, na realidade, em estado sólido, quando o fato de serem colhidos e fixados pela chapa fotográfica indicava a sua presença real *in loco*, no estado fluídico.

Recordo, a propósito, que relatei antes (caso II) um episódio semelhante em que uma jovem sensitiva descreveu as “sombras”

das flores que deviam ser transportadas alguns minutos após e, assim fazendo, caiu num erro de interpretação que se converteu numa prova a mais em demonstração da objetividade real de quanto havia visto, pois falou de uma magnífica rosa vermelha cuja haste tinha três folhas quando na realidade se tratava de uma bela camélia vermelha, cuja haste trazia efetivamente as três folhas assinaladas.

Saliento ainda que essas observações dos sensitivos sejam bem freqüentes e que recentemente, com o famoso médium austríaco Meltzer, se repetiram em circunstâncias interessantes. Isso aconteceu numa série de sessões realizadas em Londres, no ano de 1927, na sede do *British College of Psychical Research*, sessões que foram feitas com luz vermelha suficiente para vigiar-se todo movimento do médium.

O diretor da associação supracitada, Sr. Hewatt Mac Kenzie, relata, a propósito, o que se segue:

“A produção dos *transportes* de flores foi indubitavelmente a prova mais satisfatória da natureza supranormal dos fenômenos. Muitas vezes vimos as flores quando se materializavam nas mãos do médium, estendidas e abertas.

Os *transportes* determinavam quase sempre um estado de transe no médium e ele via as flores por clarividência, antes de se materializarem; ocasionalmente, também assistentes, que nada sabiam de tais faculdades do médium, anunciavam, por sua vez, perceberem no ar as “sombras” das flores que pouco depois chegavam, circunstância que, como se sabe, já foi notada por outros médiuns. Na sessão de 1º de novembro, dois experimentadores, ambos dotados de faculdades mediúnicas, descreveram, separadamente, as “sombras” das flores que viam perto da janela, a seis pés acima da cabeça do médium, e pouco depois, ao lado do gabinete, atrás do médium; porém o mais estranho é isto: que, na noite de 9 de novembro, quando a minha esposa e a Sra. Crosbie arrumavam a sala das sessões, à espera do médium, e executavam o seu trabalho na presença da Sra. Barkel, que, por sua vez, também é médium, esta exclamou: “O Sr. Meltzer obterá esta noite, com certeza, *transportes* de goi-

vos!” Perguntaram-lhe elas o motivo de tal exclamação e essa respondeu que distinguia a “sombra” de um monte de goivos junto ao fio da luz elétrica que pendia sobre a mesa das sessões. Foram anotadas as palavras da médium e, naquela mesma noite, *foram transportados, em grande quantidade, goivos com flores e folhas*, fato muito interessante, tanto mais se o consideramos em relação com outras “sombbras” idênticas, vistas por numerosos clarividentes.” (*Psychic Science*, 1923, págs. 17 a 23).

A respeito desta última curiosa observação de “sombbras” de flores vistas no ambiente das sessões, ainda antes de estar presente o médium, recorro que uma observação igual foi feita pelo *espírito-guia* da médium Sra. D'Esperance a propósito do famoso *transporte* de um lírio com sete pés de altura. Os experimentadores perguntaram ao *espírito-guia* “Walter” o seguinte:

“– Podeis informar-nos sobre a maneira como foi transportada a planta?”

Walter – Não o sei dizer (o *transporte* fora feito por Yolanda). Sei apenas que a planta já estava aqui, antes de chegardes. Achava-se aqui pronta para ser materializada, pelo menos uma hora antes de a terdes visto.

– Entendi dizer que ela já estava aqui antes de começar a sessão.

Walter – Sim, antes de assistirdes à sessão. Yolanda me disse que a mantinha já pronta e temia que condições pouco favoráveis a impedissem de materializá-la.” (E. D'Esperance, *Shadowland* (No país das sombras), pág. 331).

Para completar, acrescento que não são raros os casos em que, no lugar de se perceberem as “sombbras” dos objetos que devem chegar, se nota, de repente, a fragrância das flores ou dos perfumes que estão para ser materializados, de modo a poder-se designar, antecipadamente, a qualidade de cada um deles.

Não há quem não veja a enorme importância teórica de tais circunstâncias do fato e isto porque concorrem eficazmente para demonstrar que o fenômeno da penetração de um objeto qualquer

em um ambiente hermeticamente fechado se dá por obra de um processo de desintegração molecular da matéria que constitui o próprio objeto, à qual sucede um processo de reintegração instantânea, mas nunca com o auxílio de uma fantástica “quarta dimensão” do espaço que permitiria ao objeto penetrar em um espaço de três dimensões, hermeticamente fechado. A sonâmbula Louise dizia a Henri Sausse: “Durante a desmaterialização, percebo a desintegração das moléculas dos objetos que, porém, conservam a sua respectiva posição. O objeto assume, então, proporções bem maiores, mas a sua forma inicial não se altera absolutamente.” (Henri Sausse: *Des preuves? En voila!*, pág. 30).

Não me estendo em tratar, a seguir, da solução aqui proposta para o grande enigma, porque deverei tratar dela mais extensamente dentro em breve, quando citar o último caso desta primeira categoria dos *transportes*.

**Casos XII, XIII, XIV, XV, XVI e XVII** – Termina esta primeira categoria dedicada aos *transportes* obtidos na obscuridade, mas em que se notam modalidades de produção que excluem toda possibilidade de fraude, com a exposição de seis casos tirados de minhas investigações pessoais sobre os referidos fenômenos, investigações essas que se efetuaram no decênio de 1894-1904, em parte com a mediunidade de Eusápia Paladino, mas sobretudo com a de dois médiuns particulares, caríssimos amigos nossos: Luigi Poggi e Tito Aicardi, ambos fundadores, como eu, do *Círculo Científico Minerva*, de Gênova, cujo presidente era o conhecido escritor e jornalista Luigi Arnaldo Vassallo e ao qual pertenciam os professores Enrico Morselli e Francesco Porco, bem como o dr. Giuseppe Venzano.

Os seis casos de que vou tratar já foram por mim narrados em amplos resumos: quatro deles no meu livro *Ipotesi Spiritica e teoriche scientifiche* (1902) e os outros dois, produzidos depois da publicação do livro, foram relatados, em resumo, em revistas italianas e estrangeiras. Agora, porém, os reproduzo por extenso, como se acham registrados nos relatórios das sessões.

Compreende-se que, naquele decênio de contínuas experiências, obtivemos centenas de *transportes* de todas as espécies; não obstante, desejando cingir-me às regras de seleção que me são impostas no presente trabalho, deverei limitar-me aos casos já publicados, se bem que, entre os ainda inéditos, se notem alguns mais extraordinários do que outros publicados. Bem entendido seja que os esclarecimentos expostos não significam absolutamente que em nossas experiências não procedêssemos com as habituais e indispensáveis medidas de controle. Noto a respeito que o autor fechava as portas à dupla volta de chaves e as punha no bolso, enquanto todos os presentes faziam, rigorosamente, a habitual cadeia de mãos, de modo que as mãos do médium eram constantemente controladas. Isto posto, acrescento que, quanto ao que respeita ao nosso principal médium – o amigo Luigi Poggi – possuía-se uma garantia particular na circunstância de que, com ele, os fenômenos de *transporte* eram invariavelmente anunciados, com antecedência, por crises de convulsões tônico-clônicas que o assaltavam (crises penosíssimas para quem as assistia, mas não tanto para o médium, imerso em profundo transe), as quais serviam para avisar-nos da iminência de um fenômeno de *transporte*, de forma que os que dentre nós controlavam o médium tinham todo o tempo para aumentar a sua vigilância.

Estas as condições em que foram produzidos os nossos melhores fenômenos de *transporte*, condições que excluem igualmente a objeção de uma presumível preparação preventiva dos *transportes*, isto por essa outra circunstância de que, quando se tratava de objetos de pedra ou de metal, eles caíam do alto, com barulho, sobre os móveis ou o chão, e, quando se tratava de flores ou ramos, era colocado delicadamente no colo das pessoas às quais eram destinadas, ações essas que não poderiam ser praticadas por uma pessoa segura fortemente pelas mãos.

Como quer que seja, repito que, faltando nos episódios em apreço as circunstâncias de produção que são exigidas para a presente categoria, deixo, pois, de citá-las.

Começo por citar dois casos que dizem respeito à mediunidade de Eusápia Paladino. Eu não assisti à sessão em que se verifi-

cou esse primeiro episódio, mas tive ocasião de entreter-me longamente acerca dele, no dia seguinte, com as três pessoas que a assistiram.

O Sr. Felice Avelino, sócio do *Circolo Scientifico Minerva*, desejando obter manifestações de caráter íntimo, de um parente que se materializou na noite anterior graças a Eusápia Paladino, tomara disposições para ter uma sessão especial com ela, na própria residência dele. Só assistiram a tal sessão ele, uma sua irmã e uma jovem russa, também sócia do *Circolo Minerva*. No prédio não se achavam outras pessoas, pois a família do Sr. Avelino estava em sua casa de campo. Isto exposto, transcrevo a parte do relatório que diz respeito ao fenômeno de *transporte*. Escreve o Sr. Avelino:

“5 de setembro de 1901 – A médium era por mim controlada à direita e por minha irmã à esquerda.

Para o fim da sessão, quando já obtivéramos quanto desejávamos em questão de fantasmas materializados, eis que tomba do alto, com barulhento choque, no meio da mesa, algo de volumoso e pesado. Estendo o braço e apalpo a parte superior da mesa para certificar-me do que acontecera e apareceu-me debaixo da mão um objeto que não me demoro a identificar como um pão de quatro pontas, chamado “massa de soda”.

Desejoso de ver e analisar melhor esse curioso *transporte*, peço a John permissão para acender a luz, o que me é concedido, mas, com surpresa geral, apenas acesa a luz, verificamos que nada mais existe ali. Examinamos o interior dos móveis e, finalmente, as duas senhoras presentes inspeccionam a médium: tudo é inútil e o pão não é encontrado.

Só me resta recorrer a John, a quem perguntei se porventura não o teria ocultado e ele, com um grande golpe desferido na mesa, respondeu afirmativamente. Rogo então vivamente a John que mo restitua, pois desejo mostrá-lo a meus amigos e parentes. Eis a resposta tiptológica de John: “Pertence à padaria que fica perto daqui. Se quer ficar com ele, dê-me dois soldos.” Tirei logo do bolso os dois soldos,

convidando John a recebê-los e ele ordenou tiptologicamente: “Apague a luz.” Assim fiz e, ao mesmo tempo, tornamos a formar a cadeia. Eu controlava Eusápia com a mão esquerda e, apertando entre os dedos da direita a moeda de dois soldos, levantei o braço ao alto. E eis que uma mão desceu do alto e escamoteou-me de entre os dedos a moeda. Decorreram talvez vinte segundos e eis que se faz ouvir outro golpe ruidoso sobre a mesa, idêntico ao ouvido anteriormente. Acesa a luz, apareceu diante de nós o grande pão de “massa de soda”, desaparecido um pouco antes. Quanto à moeda de dois soldos, essa desapareceu completamente e não a encontramos em parte alguma.”

Como complemento desse magnífico tríplice caso de *transporte* do mesmo objeto, teria sido desejável que, chegado o dia seguinte, se tivesse tentado a prova de uma indagação junto ao padeiro indicado por “John”, mas indubitavelmente não passou pela mente do amigo Avelino tentá-la e isto porque lhe pareceu certamente impraticável, tratando-se de uma casa muito sortida e cujo proprietário não poderia dar nem pela falta do pão, nem pela existência de mais dois soldos em caixa.

Todavia, esse tríplice fenômeno de *transporte* não deixa de ser sempre muito interessante, bem como muito bem precavido contra qualquer presunção de fraude. A tal respeito é de notar-se o fato de que se tratava de um pão grande, o qual não seria facilmente ocultado debaixo das roupas da médium e muito menos poderia escapar às apalpadelas a que a submeteram as duas senhoras presentes, depois de verificado o desaparecimento do objeto transportado. E a propósito, convém observar que a médium, se tivesse produzido fraudulentamente o primeiro “grande *transporte*”, não se teria permitido o capricho de fazê-lo desaparecer, correndo o risco de ser revistada, como, na verdade, o foi. Note-se ainda que, quando o amigo Avelino levou o braço ao alto, apertando a moeda entre os dedos, sentiu-a arrancada pela mão dali proveniente, gesto que não poderia ser produzido por uma pessoa sentada e segura pelas mãos.

Ficou por comentar o ato de honestidade a toda prova relativo ao fenômeno de subtração de um pão pertencente a outrem, ato

de honestidade patenteado, pela resposta fornecida pelo *espírito-guia* de Eusápia. Observo que tal correção de conduta a propósito de uma propriedade alheia mostra-se, como regra geral, nas personalidades mediúnicas que dirigem os fenômenos de *transportes* e as modalidades com que se manifesta a casuística, bem como a espécie especial dos objetos transportados o demonstra de modo impressionante. Acontece que, do ponto de vista da gênese presumível de uma boa parte dos fenômenos em apreço, essa circunstância de fato assume tal importância teórica que não se pode discuti-la apressadamente em um comentário, que me reservo de fazer amplamente nas conclusões.

\*

Este é o segundo episódio ocorrido com a mediunidade de Eusápia Paladino e que, como o anterior, se verificou na residência do amigo Felice Avelino (rua Caffaro 31, Gênova). Trata-se de uma sessão especial, com rigoroso controle científico e presidido pelo professor Enrico Morselli, sendo os outros experimentadores o Sr. Felice Avelino com seu irmão e seu pai, o Sr. Giuseppe Venzano e eu, redator da ata. A sessão foi feita no dia 9 de maio de 1903 e, do ponto de vista probatório, o fenômeno mais importante produziu-se no início, quando experimentávamos à luz de um bico de gás com camisa Auer. Em tais circunstâncias, as saias de Eusápia funcionavam como “gabinete escuro” e toda vez que observávamos o encher delas, subitamente dali emergia uma mãozinha de criança, perfeitamente formada e bem visível a todos, que dava um puxão em nossas calças e amiúde se aventurava fora da sombra da mesa e, movimentando-se rapidamente, puxava também os bigodes do prof. Morselli.

Quando a luz foi apagada, notáveis fenômenos de materialização começaram a se produzir, mas seria fora de propósito narrá-los aqui. Já para o fim da sessão, produziu-se o seguinte fenômeno de *transporte a pedido*. Eis o trecho da relação que a ele se refere:

“O tempo está péssimo e chove torrencialmente. O apartamento do amigo Avelino está situado no 4º andar, porém o edifício, na parte traseira, está apoiado em um morro cor-

tado nesse ponto e resguardado por uma alta muralha que tem a altura do referido apartamento. Em cima da muralha há um jardim com uma larga fileira de plantas colocadas em vasos. Entre essas, pela manhã, eu havia notado um magnífico pé de cravo encarnado, em plena florescência.

Dirigi-me, pois, a John nas seguintes palavras: “John, no jardim defronte desta janela, há um belíssimo pé de cravos em flor. Ficar-lhe-ei muito agradecido se nos trouxer uma flor dele.”

Ressou sobre a mesa uma forte pancada de assentimento e pouco depois uma mão colocou algumas flores em cima de meu joelho. Acendeu-se a luz, verificando-se que, efetivamente, se tratava dos cravos encarnados, cortados, sem dúvida, da planta indicada, porém o detalhe mais interessante do *transporte* foi este: como, no momento, estava chovendo a cântaros, os cravos se achavam encharcados de água.”

Esse fenômeno causou extraordinária impressão no prof. Morselli que, embora já reconhecesse a realidade incontestável dos fenômenos de materialização de fantasmas, não admitia ainda a possibilidade científica e, por conseguinte, a genuinidade dos fenômenos de *transporte*.

Foi precisamente pensando nisso que me ocorreu tentar a prova de um *transporte a pedido*, que não despertasse as suspeitas do professor. A tentativa teve um êxito superior à expectativa, já que não tive em mente outra prova acerca da realidade do fenômeno que a resultante do *transporte, a pedido*, de determinadas flores, porquanto estas chegaram revestidas de uma contra prova de uma autenticidade inesperada: a de estarem molhadas porque lá fora chovia.

Já fiz notar, em outras circunstâncias, que os episódios do gênero são bastante freqüentes nesta casuística, conhecendo-se *transportes* de flores salpicadas de pedaços de neve. Acrescento que se conhecem casos de *transportes* de conchas marinhas gotejando água salgada e outros de botões de rosas com os cabos cheios de ácaros (piolhos de rosa).

Enfim, deve-se inferir que os *transportes* chegavam nas condições justas em que se achavam no momento, o que serve para demonstrar que o fenômeno da desintegração do objeto transportado se produz com o conjunto integral da matéria que constitui o objeto e a coisa aderente ao mesmo objeto, não importando que esta última seja extrínseca a ele.

O seguinte episódio aconteceu graças à mediunidade do Sr. Tino Aicardi, cujas faculdades supranormais se revelaram de modo bastante curioso. Ele era um cético irreduzível em matéria de pesquisas mediúnicas e lamentava que nós, “pobres espíritas”, nos deixássemos enganar por uma vulgar charlatã como Eusápia. Aconteceu, pois, que, quando o cav. Peretti o convidou para ir à sua casa a fim de assistir a uma sessão com um médium privado, ele aceitou o convite com o propósito declarado de querer abrir os olhos do amigo e convencê-lo de que era vítima de truques combinados com credulidade, sugestão, auto-sugestão e não sei mais quantas coisas.

O que, ao contrário, ocorreu nessa noite memorável foi bem outra coisa, pois, logo que se fez a obscuridade e se estabeleceu a corrente entre os presentes, o recém-vindo caiu em profundo transe, não tardando a manifestação de fenômenos de golpes fortíssimos à distância, de *transportes* de objetos pesadíssimos e de luzes mediúnicas belíssimas, manifestações que não havíamos obtido até aquela noite.

Quando, finalmente, depois de duas horas de sono, o novo médium acordou, apressou-se em desculpar-se com as senhoras pela inconveniência cometida, dormindo como um porco, durante a sessão. É fácil de imaginar-se a surpresa do mesmo, quando se lhe respondeu agradecendo-o pelas magníficas manifestações obtidas com o auxílio de sua mediunidade!

Passo a referir um trecho da ata da sessão realizada no dia 10 de dezembro de 1889 em casa do cav. Peretti, funcionando, como médium, o Sr. Tito Aicardi, na qual se fala de um interessante fenômeno de *transporte*.

“Pela boca do médium em transe se manifesta a entidade habitual de um hindu que diz ser o espírito de um *iogue* de-

sencarnado havia poucos anos, porém, como esse se expressa numa mistura de italiano, inglês e sânscrito, quase inteiramente incompreensível, o cav. Peretti pede à entidade comunicante para produzir um fenômeno de *transporte* como já havia feito outras vezes. Por exemplo: Não poderia o espírito do *iogue* presentear-lhe uma flor campestre trazida dos prados da Índia?

A personalidade comunicante responde afirmativamente e abandona, rápido, o médium, que cai sobre o assento, continuando a dormir profundamente. Transcorridos uns 10 minutos, o médium se agita, suas mãos apertam convulsamente as dos seus fiscalizadores, emite um profundo suspiro e murmura, em voz baixa, as seguintes palavras: “Pronto! Luz!”. Acende-se a luz e colhe-se, na mesa, um galhinho de uma planta desconhecida, com cerca de 20 centímetros, de folhas graciosamente coloridas, mas sem flores. O ramo é composto de cinco ramificações dispostas em torno do caule, de forma alternada, cada uma terminada em cinco folhinhas largas. Ele estava fresquíssimo, tanto assim que se lhe tocasse, com um papel, a extremidade do talo cortado, ficava nele uma mancha verde. No dia seguinte, com o fim de identificar a espécie de planta a que pertencia esse galho, procuramos os principais floricultores da cidade, mas inutilmente, porque nenhum deles jamais havia cultivado tal gênero de planta e não podia classificá-la porque nunca a vira antes, estando, porém, todos concordes em julgá-la uma exótica planta tropical, cultivada somente em estufa. Como esse galhinho foi conservado, dissecando-o com todo o cuidado, alguns anos depois foi apresentado ao prof. Otto Penzig, catedrático de botânica da Universidade de Gênova, que reconheceu nele um arbusto bem comum da flora hindu, com os quais se fazem sebes de divisão, ao norte da Índia.”

Eis os fatos. Quando em 1902 publiquei este episódio em meu livro *Ipotesi Spiritica e teoriche Scientifiche*, apareceu um crítico que, embora admitindo a autenticidade desse *transporte*, se mostrou surpreso com a enorme distância existente entre

Gênova e a Índia, por causa do que sugeriu como explicação mais verossímil, que o *transporte* tivesse sido tirado de uma estufa qualquer, existente nos arredores de Gênova. Nenhuma dúvida existe de que tal explicação é racional e aceitável, mas não tira o valor probatório do fenômeno, obtido *a pedido*. No entanto, o prof. Penzig não se mostrou dessa opinião, observando que o arbusto de que se trata, embora interessante, não tinha nenhuma qualidade de beleza floral e ornamental para que fosse exportado e cultivado em uma estufa.

Assim sendo, é mais provável a versão de que o *transporte* nos chegou de seu país de origem, embora longíssimo, a cujo propósito repito o que antes disse, isto é, que, no nosso tempo, em que assistimos às maravilhas do *rádio*, com o qual podemos escutar, de Roma, o discurso que, no momento, pronuncia o presidente dos Estados Unidos da América, não é para espantar-se se uma personalidade espiritual, independente das limitações da matéria, se mostre capaz de fazer a viagem de Gênova à Índia com a mesma rapidez com que anda a palavra transportada sobre as ondas etéreas.

Essa espécie de ceticismo era mais do que justificada nos críticos das duas gerações passadas, mas não o é mais em nossa época e esta consideração deveria ensinar muito a muita gente, especialmente a respeito de outras formas análogas de ceticismos aparentemente justificados, os quais estão em relação com os mistérios que ainda envolvem as manifestações mediúnicas.

Se tivermos bastante paciência em resignar-nos a esperar, poderemos ficar certos de que novas estupefacientes descobertas científicas vertentes sobre o universo oculto e inexplorado das *vibrações* físicas e psíquicas intervirão a seu tempo para ajudar-nos a compreender.

\*

O seguinte episódio se produziu com a mediunidade do amigo Luigi Poggi na sessão de 27 de fevereiro de 1901. Estavam presentes os cônjuges Peretti, o Dr. Giuseppe Venzano, o Sr. Adolfo Schmoltz e quem este escreve. Eis o relato da sessão tal como reza a referida ata:

“Começa a sessão às 20:30 e os presentes formam a cadeia. Faz-se a luz vermelha e, pouco depois, completa obscuridade. O médium cai em transe, quase imediatamente. Está inquieto e não tarda em manifestar-se por sua vez uma personalidade mediúnica que se expressa com voz rouca, de um timbre acentuadamente baritonal. Fala em francês e, nas frases que profere, denota estranha imperiosidade. Pergunta-se o nome da entidade comunicante e o médium apanha o lápis e escreve “Conde de la Gruyère”, depois do que dá sinais de viva agitação e perde o contato das mãos de todos os assistentes. Sem romper a cadeia, todas as mãos se juntam sobre as dele, que começam logo, de modo curioso e engenhoso, a enlaçar cada dedo de suas mãos com o dedo de cada mão dos presentes.

Não tardam em verificar-se as contrações de costume e, em seguida, se produzem movimentos convulsivos tônico-clônicos e logo um estado de abandono e relaxamento. Ao mesmo tempo se ouve claramente uma pancada seca no chão, como de um corpo metálico caído de regular altura. Compreende-se que se trata de um *transporte* e se pede licença para se acender a luz. Os olhares de todos os presentes se dirigem para o ponto do soalho onde se percebera a queda do objeto e aí se encontra um grosso prego. Mede uns 10 centímetros de comprimento e sua extremidade pontiaguda mostra vestígios, até a metade, de cal seco. O descobrimento do *transporte* e a natureza do objeto, que os esposos Peretti afirmam não pertencer à sua casa, despertam a curiosidade dos presentes, que perguntam à personalidade comunicante de onde o tirara, tendo ela respondido: “Tirei do terraço do vizinho de cima.”

No dia seguinte, o Sr. Peretti procurou seus vizinhos, os srs. E., e lhes perguntou se por acaso reconheciam o prego que lhes apresentava. A Sra. E. pareceu reconhecê-lo e, apanhando o dito prego, se dirigiu, sem mais, para o terraço anexo ao seu apartamento, aonde os demais a seguiram. Chegados ali, notaram a falta de um prego grosso que sustentava a corda sobre a qual se costumava estender a roupa

lavada para secar. Introduzido o prego no buraco existente na parede, verificaram, com espanto, que esse era da mesma largura do prego e que a sua profundidade correspondia exatamente à parte do mesmo à qual ficaram aderidos vestígios de cal. Era de notar-se também que as bordas do buraco não pareciam forçadas, coisa impossível de se conseguir se se pretendesse tirar um prego grosso solidamente encaixado na parede até a metade do seu tamanho.

Tudo isso serve para demonstrar, de modo irrefutável, que o prego transportado era o que faltava no terraço existente em cima da sala das sessões. O “Conde de la Gruyère” dissera a verdade.”

Os casos de *transportes* nos quais se consegue identificar o lugar de onde foram tirados os objetos estão revestidos de um valor probatório notável, além de serem bastante freqüentes na casuística em exame. Observo a respeito que, entre os episódios relatados anteriormente, figuram nove com a identificação dos lugares de onde foram transportados. Quanto a este décimo caso, noto que, se bem não possa ser considerado mais importante do que os demais, todavia é estranhamente caracterizado pelas modalidades com que se conseguiu identificá-lo, colocando-o no buraco da parede do qual foi arrancado.

Notável também foi a excelência das condições probatórias em que se verificou, considerando-se que, no momento em que se percebeu, no chão, o ruído metálico do objeto que caía de cima, o médium não somente tinha as mãos sob fiscalização dos presentes, mas também, com o fito de poder subtrair força dos componentes do grupo, entrelaçara os dedos de suas mãos com os dedos das mãos de todos os presentes, os quais, em consequência, tinham no momento as mãos imobilizadas pelo médium.

Ninguém, portanto, poderia mistificar, atirando no ar o falso *transporte* para simular sua queda de cima, enquanto as portas, como sempre, estavam fechadas à dupla volta de chaves e as chaves no bolso do cav. Peretti.

Este outro episódio, obtido *a pedido*, deu-se igualmente com auxílio do mesmo médium, Sr. Luigi Poggi:

“Sessão de 5 de maio de 1901 – Acham-se presentes os esposos Peretti, o Dr. Giuseppe Venzano, o Sr. Adolfo Schmoltz e o redator desta ata. Às 9 horas da noite, apaga-se a luz branca, acende-se a vermelha e forma-se a cadeia. O médium cai, em seguida, em transe, permanecendo nesse estado alguns segundos, para começar logo a falar com uma volubilidade extraordinária, numa língua desconhecida, com um acento áspero e bárbaro. Pelo modo que o médium se senta e a mímica característica com que acompanha o seu falar, compreende-se logo que se trata de um oriental. O cav. Peretti pede à entidade comunicante que mencione o seu país de origem, com algo que tenha relação com o mesmo. Uma profunda inclinação, feita pelo médium, nos faz saber que a personalidade mediúnica compreendeu e acedeu ao pedido. Apaga-se a luz vermelha e o médium não tarda em passar pelas habituais fases de contração muscular, tremor convulsivo, relaxamento final (não sendo demais salientar que os dois experimentadores encarregados da fiscalização do médium, com esses sinais precursores, redobram a vigilância). No mesmo tempo cai, tinindo, do alto, algo de metálico, que depois de cair rola pelo chão.

Volta-se a acender a luz, achando-se uma moeda de cobre, de cunhagem turca, tendo as dimensões de uma moeda italiana de dois *soldos*, de antes da guerra. Com referência ao idioma falado pelo médium, é oportuno fazer notar que havíamos conseguido apanhar e registrar, foneticamente, algumas frases pronunciadas pela entidade em correspondência com expressivos gestos especiais. Pois bem, essas frases foram, no dia seguinte, submetidas à interpretação de um oficial do encouraçado turco *Messidjé*, na ocasião atracado no porto de Gênova, e, não obstante terem sido registradas foneticamente, o oficial as compreendeu – dada a mímica que as havia acompanhado – o quanto já havíamos suposto que deviam significar. Não é demais acrescentar

que nem o médium, nem nenhum de nós conhecíamos a língua turca.”

Tal é o interessante *transporte* obtido *a pedido*. Enquanto transcrevia este relato, tive a idéia de ir buscar a moeda turca de que fala o texto, moeda que devia certamente encontrar-se no grande cofre onde guardo uma boa parte dos *transportes* obtidos naquele decênio de pesquisas. Havia muitos anos que eu não abria esse cofre e confesso que, ao abri-lo, experimentei certa emoção ao ver, diante de meus olhos, tantos objetos; cada um dos quais recordava vivamente, em mim, a sua história, enquanto meu pensamento volvia, com saudades, para os nossos companheiros de pesquisas, que não pertenciam mais a este mundo: os cônjuges Peretti morreram, assim como o Dr. Giuseppe Venzano e a médium também são falecidos. Não tardei em achar, entre os objetos guardados no cofre, a moeda turca de dois *soldos*, que tenho agora sobre a minha secretária. Está bem gasta nas duas faces. O milhar aparece nitidamente, porém não consigo ver os algarismos. De todos os modos, vê-se que não se trata de uma moeda nova, mas talvez de um século atrás.

Observo que, no caso em exame, a prova da genuinidade do fenômeno de *transporte* não é apenas fundada sobre o fato de ter sido obtido *a pedido*, mas resulta também do fato de que o médium, incorporando uma personalidade espiritual turca, não só transporta, *a pedido*, uma moeda turca, mas se exprime em língua turca.

E, assim sendo, dever-se-á racionalmente concluir que o fenômeno de *transporte* por nós conseguido, além de ser autenticamente supranormal, é também positivamente espírita, visto que, se o médium e todos os presentes ignoravam a língua turca, por certo a entidade que se exprimiu em tal idioma não era, certamente, uma personalidade sonambúlica.

\*

Passo agora a relatar o fenômeno de *transporte* mais importante, teoricamente, por nós obtido no decênio de nossas experiências, consistindo sua importância no seguinte: Trata-se de um *transporte* que ficou *pela metade*, resultando daí um valor teóri-

co incomparável, porquanto esta circunstância serve para resolver, sobre a base dos fatos, o problema relacionado com as modalidades com que se realizam os fenômenos de *transportes*. Bem entendido que tal solução não significa ainda que se tenha conseguido desvendar o enorme mistério. De qualquer forma, já é muito se, com base no exposto, chega-se a estabelecer, definitivamente, em proveito dos futuros investigadores, um princípio fundamental de tanta importância para a orientação dos pesquisadores.

A sessão realizou-se na casa do cav. Peretti (Praça del Carmine) em Gênova, no dia 19 de março de 1904. Este é o trecho de minha relação na qual descrevi os fatos:

“Estão presentes os cônjuges Peretti, o Dr. Giuseppe Venzano, o Sr. Adolfo Schmoltz e Ernesto Bozzano. Serve de médium o Sr. Luigi Poggi.

Apaga-se a luz branca, acende-se a vermelha e faz-se a cadeia. Apenas o médium cai em transe, manifesta-se seu próprio pai anunciando que o filho está bem disposto, que todos os presentes se acham fluidicamente harmonizados com ele, que há abundância de *força* e que obteríamos boas manifestações.”

E assim sucedeu, de fato, porém, não sendo o caso de dar conta de toda a sessão, limito-me a reproduzir o episódio que seguiu o outro aqui considerado e é que se manifestou a mãe do médium que disse, a título de prova de identificação, traria para o filho algo que o convencesse. Pouco depois caía, de cima, uma pedra oval do tamanho de um ovo de pavo e a personalidade comunicante nos informava que o havia tirado da construção em “grotesco” que ornamentava o seu próprio túmulo. Faço notar que o túmulo da mãe do médium acha-se no cemitério de uma pequena cidade toscana, a uma distância aproximada de 300 quilômetros. Quando o filho despertou do transe, confirmou que, sobre a sepultura de sua progenitora, se eleva uma construção em “grotesco”, formada de rochas de “conglomerados de aluvião” que, como se sabe, se compõe de pedras arredondadas e areias marinhas amalgamadas e petrificadas juntas há séculos.

“Encorajado com o magnífico *transporte* obtido, perguntado à personalidade mediúmica comunicante se poderia trazer-me um pequeno bloco de pirite que se encontra no meu escritório, a uma distância aproximada de dois quilômetros. A entidade espiritual observa: “O *transporte*, que conseguistes, quase esgotou a reserva de *força*, porém o tentarei.” Pouco depois o médium é tomado de contrações espasmódicas que indicam a chegada de um *transporte*, mas quando ele se deixa cair sobre o assento, não se percebe ruído algum da queda de um objeto. Peço informações à personalidade comunicante e essa responde: “Faltou-me *força*. Consegui desmaterializar uma parte da pirite e trazê-la até aqui, porém agora me falta *força* para rematerializá-la. Acendei a luz.”

Acende-se a luz e, com enorme assombro de todos, verifica-se que a mesa, as roupas e os cabelos dos presentes, assim como o tapete e os móveis próximos, estão cobertos de uma camada finíssima de um pozinho brilhante de pirite e enxofre. Terminada a sessão e regressado à minha casa, verifico, no meu escritório, que ao bloco de pirite faltava um grosso fragmento que se podia calcular na terça parte do objeto e representado por um profundo talho no mesmo.”

Até aqui a relação deste caso excepcional, mas como complemento da mesma, acrescento que nós recolhemos pacientemente, com as pontas dos dedos, uma grande parte daquele pó impalpável espalhado sobre a mesa, as nossas vestes e um pouco em outras partes e que a porção que recolhi conservo zelosamente em um tubo de vidro.

A propósito, quero referir-me a uma curiosa surpresa que tive recentemente e é que, durante muitos anos, não tendo nunca oportunidade de tocar nesse tubinho de vidro, quando me ocorreu fazê-lo, notei que o pozinho impalpável, por nós recolhido com as pontas dos dedos, não era mais impalpável e se mostrava sob uma forma granulosa comparável à miudíssima munição de caça. Não poderei dizer quando se deu tal transformação molecular, mas, provavelmente, o fenômeno deve ter-se produzido logo depois da sessão, quando o pozinho ainda estava saturado da

*força* que o havia desintegrado, *força* que, em parte, já havia iniciado a sua reintegração, visto que o estado de pó impalpável no qual o recolhemos indicava já um princípio de reintegração que, do estado fluídico, ia transformando-o em matéria sólida pulverizada.

Disse, no começo, que o grande valor teórico do fenômeno por nós obtido residia na circunstância de que por ele se revelavam, de forma incontestável, as modalidades com as quais se produziam os fenômenos de *transporte*, mistério esse em torno do qual haviam trabalhado as mentes de muitos investigadores, propugnando hipóteses explicativas diversas, entre as quais a bem absurda e inconcebível de que os objetos transportados penetrariam em ambiente hermeticamente fechado, passando por uma “quarta dimensão do espaço”, hipótese puramente metafísica, literalmente fantástica e nunca demonstrável, o que equivale a dizer que, por intermédio dela, nada se explicará. Eis então que se produz um fenômeno positivamente comprovado que basta por si só para destruir a hipótese da “quarta dimensão”, colocando a questão sobre bases experimentais seguras.

Até há poucos meses eu supunha que esse fenômeno por nós conseguido fosse o único do gênero existente na casuística mediúnica, mas, com grande satisfação minha, encontrei na revista *Luce e Ombra*, de maio de 1928, um artigo do Dr. Guglielmo Civitelli, o qual, a propósito da citação do caso em apreço, me recordava que um fenômeno análogo já havia sido obtido com a mediunidade de Eusápia Paladino e fora narrado, a seu tempo, pelo Sr. Gaetano Miranda. O fenômeno se deu em Nápoles, no palácio da princesa Piccolomini e, em tal circunstância, se havia pedido a “John” para transportar um dedalzinho de prata fechado em um escrínio existente em outro aposento do palácio. Quando se esperava a produção do fenômeno, uma circunstância imprevista fizera interromper e suspender a sessão. Mais tarde foi examinado o referido escrínio e verificou-se que *no lugar do dedalzinho existia uma pitada de pó de prata impalpável*.

Como se vê, também neste caso o fenômeno ficou pela metade por causa da brusca interrupção da sessão e as conseqüências daí resultantes foram absolutamente idênticas às do fato supraci-

tado, se bem o fenômeno se tenha produzido com modalidade inversa, isto é, que o pó impalpável de prata, ao invés de ser transportado até a sala das sessões, ficou dentro da caixa onde estava encerrado o dedalzinho. De qualquer forma, trata-se sempre de um objeto metálico reduzido ao estado de pó impalpável pela vontade da personalidade mediúnica operante. E isto é o que basta, porquanto serve para confirmar que os fenômenos são produzidos por força de um processo de desintegração e reintegração molecular rapidíssima dos objetos transportados, salvo uma variante que não muda, de modo algum, os processos, não obstante sejam estes aplicados em sentido inverso, isto é, que a vontade operante se serve, às vezes, de processo idêntico praticando um furo nas portas, nas janelas, nas paredes, introduzindo, em tal ponto, um objeto em um ambiente hermeticamente fechado, sem desintegrá-lo. Esta última variante do fenômeno foi indicada pela mesma personalidade mediúnica com a qual se obteve o *transporte* incompleto de que se trata. Nós já havíamos notado que muitas vezes as pedras e os objetos metálicos transportados estavam notavelmente quentes e outras vezes se mostravam termicamente normais.

Perguntei, pois, ao nosso *espírito-guia* por que causas se davam tais alternativas de condições térmicas contraditórias e este nos informou que, quando os objetos estavam quentes, isto acontecia porque eles haviam desintegrado fulminantemente a matéria constituinte do objeto transportado, provocando, de tal modo, uma reação térmica mais ou menos considerável, conforme a constituição molecular dos objetos e que, quando, ao contrário, esses chegavam termicamente normais, isto acontecia porque, em lugar de desintegrar o objeto, eles haviam desintegrado a madeira da porta ou da janela. Tal explicação desde logo nos pareceu inteiramente satisfatória pela concordância admirável entre os efeitos termodinâmicos previstos pela ciência na hipótese de um agrupamento instantâneo de átomos e isto era o que se verificava em numerosos fenômenos de *transporte*.

A tal propósito desejo salientar a seguinte notabilíssima concordância nas afirmações de duas entre as personalidades mediúnicas que se manifestaram em nossas experiências, com 25 anos

de espaço entre elas. Refiro-me às recentíssimas experiências do Millesimo, no qual se interrogou o *espírito-guia* “Cristo D'Angelo” sobre o mesmo argumento, obtendo-se as seguintes explicações que se mostram substancialmente idênticas: “Para os *transportes* pequenos, fazem-se a desmaterialização e a materialização dos objetos; para os *transportes* grandes é feita a desmaterialização de um ponto nas portas e nas paredes.”

Não é demais dizer quanto me satisfez a resposta de “Cristo D'Angelo”, a qual vinha confirmar, de modo impressionante, a outra por nós obtida há tantos anos passados. Observo agora que as explicações não concordam somente entre si mas concordam igualmente com as que foram fornecidas à Sra. E. D'Esperance e a William Stainton Moses pelos *espíritos-guia* “Yolanda” e “Rector”.

Ora, não há quem não veja como essa unanimidade de informações explicativas fornecidas reveste por si mesma um alto valor teórico, já que, se as personalidades mediúnicas concordam entre si, apesar de cada uma dessas ignorar as explicações dadas pelas outras, isso demonstra que as personalidades em referência *alcançaram seus conhecimentos por uma experiência comum*. E, como também os adversários mais intransigentes da hipótese espírita não podem eximir-se de reconhecer inteligência e raciocínio nas personalidades mediúnicas operantes, resulta daí que eles deverão reconhecer que as mesmas entidades devem saber como fazem para desenvolver os fenômenos que produzem. E, assim sendo, evidente absurdo é negar crédito às explicações fornecidas *concordemente* a respeito das condições que determinam os fenômenos de *transporte*.

Observo, ainda, que os leitores encontrarão, na segunda parte da presente obra, incidentes de *transportes* obtidos em plena luz, nos quais os experimentadores viram a desintegração e a reintegração dos objetos diante dos seus olhos atônitos.

Acrescento, finalmente, que os notabilíssimos episódios narrados no caso XI, nos quais o médium e os experimentadores perceberam as “sombras” dos objetos se materializando, confirmam ainda mais a tese aqui propugnada.

E parece-me que basta para considerar-nos cientificamente autorizados a declarar teoricamente resolvida, sobre a base dos fatos, a questão vertente sobre as modalidades com que se produzem os fenômenos de *transporte*, isto é, que os fenômenos se dão por um ato de vontade das personalidades mediúnicas operantes (não importa, por ora, se subconsciente ou extrínseca), ato de vontade que teria o poder de desintegrar e reduzir, instantaneamente, ao estado fluídico a matéria constituinte de um determinado objeto, daí poder introduzi-la, através de portas e paredes, em ambientes hermeticamente fechados, e ali reintegrá-la por um processo igualmente instantâneo ou conservar a integridade do mesmo e introduzi-lo em ambientes hermeticamente fechados, desintegrando uma parte qualquer das portas, das janelas, das paredes, o que equivale dizer, obtendo resultado idêntico com processo diverso.

## **Categoria II**

### **Fenômenos obtidos em plena luz**

Tratando dos fenômenos de *transporte* obtidos em plena luz, a primeira consideração que ocorre à mente consiste no fato de que eles precederam, no tempo, os fenômenos da mesma natureza obtidos na obscuridade, visto que estes últimos assinalaram o começo das investigações experimentais modernas, enquanto que os primeiros se manifestaram, espontaneamente, se bem que raramente, em todas as épocas da história dos povos, assim como se realizaram sempre e se produzem, ainda hoje, entre os povos selvagens.

Faço notar, além disto, que os fenômenos de *transporte* em plena luz foram sempre observados, com relativa freqüência, nas manifestações das vulgarmente chamadas casas assombradas com desenvolvimento preferentemente físico e, de modo especial, nas categorias das manifestações designadas com o termo alemão de *poltergeist* (espírito barulhento ou assombrador) e mais particularmente no grupo denominado de *apedrejamento*, em que são freqüentes os casos de penetração das “pedras assombradas” em lugares hermeticamente fechados.

Recordo, a respeito, que, em meu livro *Dei fenomeni d'infestazione* (Fenômenos de assombração), tive ocasião de citar casos verdadeiramente interessantes de “pedras” que penetravam em ambientes hermeticamente fechados e nos quais elas eram recolhidas quentes ou quentíssimas, assim precisamente como acontece nos fenômenos de *transporte* obtidos experimentalmente.

Não me ocuparei, entretanto, dos apedrejamentos assombradores e iniciarei a minha classificação com dois casos de *transportes* espontâneos, obtidos, em plena luz, por beneméritos precursores das modernas disciplinas metapsíquicas, como foram, sem dúvida, os antigos magnetizadores.

**Caso XVIII** – Embora o caso do Dr. Billot seja por demais conhecido, por freqüentemente citado, não passo deixar de referir-me, por minha vez, a ele, nesta primeira classificação dos fenômenos de *transporte*. Como, porém, é sempre narrado em síntese, minha reprodução do mesmo terá o mérito de ser uma tradução mais integral da narrativa do Dr. Billot, que, como se sabe, o relatou no livro intitulado *Correspondance sur le magnetisme vital* (Paris, 1839). Na dita obra, vem reproduzida a correspondência trocada entre o venerando Dr. Billot e o célebre magnetizador Deleuze. O primeiro havia sido levado, por suas próprias experiências, à convicção de que por meio do sonambulismo era possível comunicar-se com os espíritos dos desencarnados, por isto fazia o possível para infundir no ânimo de seu amigo Deleuze, já profundamente impressionado a respeito, suas firmes convicções acerca dessa possibilidade e, para convencê-lo melhor, acrescentou às manifestações de ordem inteligente também o relato dos fenômenos físicos mais importantes obtidos por ele mesmo, entre os quais o seguinte, do qual começa a narração como segue:

“Invoco o testemunho de Deus de que tudo que me disponho a referir é uma verdade sacrossanta.

Uma senhora, atacada de cegueira parcial, vinha, já há certo tempo, consultar nossa sonâmbula, na esperança de obter um remédio capaz de deter o progresso da *amaurosis* que já não lhe permitia distinguir a luz da escuridão.

Na sessão de 17 de outubro de 1820, a sonâmbula, consultada, disse: “Eis... uma jovem que me apresenta uma planta... Está em plena floração. Não a conheço... Ela não me diz o seu nome, todavia sei que esta é a planta necessária à Sra. J...”

Eu perguntei: “Donde poderia ela ter vindo? A estação é fria e não existe nos campos nenhuma planta em plena floração (o Dr. Billot vivia em Mont Liberon, nos arredores de Apt). Deverei, por acaso, ter que colhê-la muito longe?”

“Não se preocupe – respondeu a sonâmbula –, pois que a moça que está presente irá procurá-la onde preciso for.”

Todavia, eu insistia que a moça me indicasse em que localidade eu poderia achar a planta indicada quando a senhora consulente exclamou com grande surpresa: “Oh! Meu Deus! Depositou-se uma planta em meu colo. Oh, Virgínia (era este o nome da sonâmbula), será por acaso esta a planta que lhe foi apresentada?”

“Sim, é ela mesma, respondeu à sonâmbula. Devemos agradecer a Deus por tanto favor!”

Examinei cuidadosamente a planta. Era um arbusto de tamanho médio, bem parecido com o timo. Suas flores labiadas, em forma de espiga, exalavam uma fragrância aromática deliciosa. Onde, porém, provinha essa planta?

Nada se soube a respeito, mas o que sei muito bem é isto: que dela só possuo um galhinho que a “moça” permitiu que me fosse dado só depois de insistentes rogos.”

Este é o belo caso de *transporte* que se deu com o Dr. Billot, *transporte* que não admite discussão do ponto de vista de sua autenticidade, primeiro porque se produziu em plena luz, depois porque a planta transportada não pertencia à flora da região, ainda porque ela se achava em plena floração e a estação era fria e, por último, porque, se ela tivesse estado no aposento, teria revelado sua presença pelo forte aroma que desprendia, o que só se verificou depois que ela foi transportada e apareceu sobre os joelhos da consulente. Esta última circunstância da senhora consulente ter encontrado sobre seus joelhos uma planta, sem que ninguém a tivesse visto chegar ou cair do alto, demonstra que a planta havia sido materializada acima da mesma senhora, circunstância comum à maior parte dos *transportes* observados em plena luz.

**Caso XIX** – Em outro livro meu, tive ocasião de citar o caso (1845-1847) que não posso deixar de reproduzir e em que tratei da sonâmbula do Dr. Larkin, médico norte-americano que exercia a sua profissão na cidade de Wrentham (Estado de Massachusetts).

Esse médico não tinha outro objetivo, a consultar a sonâmbula, que o do benefício de seus enfermos, porém muitos fenôme-

nos não provocados se produziram e logo suscitaram as mais ferozes hostilidades por parte do elemento clerical da região.

Resultaram daí incríveis perseguições contra o Dr. Larkin e a infeliz moça sonâmbula, perseguições que começaram com o envio de duas pessoas à residência do Dr. Larkin com o fim de investigação dos fatos.

Foi diante dos representantes da segunda comissão de pesquisa que se realizou o fenômeno de *transporte* que vou relatar, fenômeno que teve como conseqüência a convicção do ministro da igreja anglicana encarregado do inquérito sobre a origem supranormal dos fatos, o que não impediu, contudo, que o Dr. Larkin fosse expulso da sociedade civil e religiosa e a infeliz jovem condenada à prisão por necromancia.

Tiro-o da história da Sra. Emma Hardinge-Britten, *Modern American Spiritualism*, observando que essa autora conheceu pessoalmente o Dr. Larkin e ouviu-lhe da própria boca a penosa história das inauditas perseguições de que fora vítima e que o levaram a uma completa ruína profissional e econômica.

Depois da primeira comissão de inquérito que havia inutilmente torturado, durante um mês, a jovem sonâmbula, sem chegar a um resultado, as autoridades eclesiásticas superiores enviaram uma segunda, constituída do Rev. Thatcher e de sua esposa.

Esse prelado pertencia à mais intransigente ortodoxia religiosa e se havia mostrado o mais implacável adversário das práticas “tenebrosas” que realizavam-se na casa do Dr. Larkin.

Antes de entrar em argumentos, preciso é dizer antes que, por intermédio de Mary Jane, a sonâmbula do Dr. Larkin, manifestavam-se duas personalidades mediúnicas, uma das quais – “Katy” – parecia de ordem muito elevada e era quem diagnosticava as enfermidades e prescrevia as curas; a outra entidade dizia ter sido, na vida terrena, um grumete e se exprimia em termos rudes, interpolados com ditos triviais. Era esse grumete quem provocava fenômenos físicos de toda a sorte, entre os quais os de *transportes*. Não era mau, mas vulgar e inconveniente como um autêntico garoto.

Isto esclarecido, volto ao Rev. Thatcher e ao que teve ele ocasião de presenciar.

Escreve a Sra. Hardinge-Britten:

“Na primeira noite de sua chegada, o Rev. Thatcher propôs recolherem-se todos a orar em torno do leito da sonâmbula e, quando fazia as suas evocações rituais, essa caiu em transe e ofereceu a Deus orações com tal fervor de sentimento e com tanta elevação de pensamento que os olhos do pastor e de todos os presentes se umedeceram de lágrimas. Começara o inquérito sob os melhores auspícios.

Durante a semana de sua permanência, tanto o Reverendo como suas senhoras tiveram oportunidade de observar toda a sorte de manifestações, pelo que declararam ao Dr. Larkin que “se iam plenamente convencidas da sinceridade e da pureza de suas intenções e de sua família, como também da autenticidade dos fenômenos sobrenaturais que se produziam por meio da jovem sonâmbula.”

Assim prossegue:

“Um dia em que o Rev. Thatcher com sua esposa e o Sr. e Sra. Larkin se mantinham perto do leito de Mary Jane, que se achava em estado sonambúlico e respondia às suas perguntas, o Reverendo tirou o lenço do bolso para assoar o nariz, mas uma força desconhecida lhe agarrou as mãos e o lenço desapareceu repentinamente.

Dos que ali se achavam nenhum havia saído do lugar e o olhar do ministro tinha, nesse instante, se voltado para a sonâmbula, o que não deixaria despercebido qualquer movimento dela. Nessas condições, o Rev. Thatcher julgou que esse incidente dependia, seguramente, de uma causa sobrenatural e que, se a causa pudesse ser verificada, de certa maneira teria importância decisiva sob o ponto de vista do inquérito de que fora encarregado. Propôs então ao Dr. Larkin se retirarem ambos para um outro aposento, deixando as duas senhoras encarregadas de procurar o lenço, examinando, com atenção, a moça, sua cama, suas roupas, enfim, o quarto todo. A busca foi feita, com resultado negativo.

Após isto, as duas senhoras transportaram a moça para outro quarto e os srs. Thatcher e Larkin iniciaram, por sua conta, uma segunda busca mais minuciosa no quarto, depois de ter sido ele fechado à chave. Quando ficaram bem certos de que o lenço havia desaparecido por uma causa sobrenatural, reuniram-se todos de novo em volta do leito da sonâmbula que, nesse momento, se achava sob a ação do “grumete”. Este exprimiu ruidosamente a sua satisfação pela confusão de todos, dizendo que o lenço ele o havia transportado para sua terra natal, a Alemanha.

O Dr. Larkin evocou então o espírito de Katy, que vinha sempre restabelecer a ordem nos embaraços das manifestações. Katy se manifestou, mas quando lhe perguntaram pelo lenço desaparecido, disse nada saber a respeito e que, se dejassem reaver o lenço, a título de complemento de prova, deviam dirigir-se diretamente ao espírito que havia produzido o fenômeno.

O Rev. Thatcher estava muito interessado no fato e propôs seguir o conselho de Katy. Evocou-se então novamente o espírito do grumete, que, depois de se ter divertido à custa do encarregado do inquérito e de se ter feito rogar muito, prometeu trazer o lenço à 1 hora e meia da manhã. Pelo que se vê, a hora fixada pelo “grumete” era incômoda para a restituição do lenço desaparecido e é bom lembrar que, quando ele prometia alguma coisa, cumpria escrupulosamente sua palavra, mas gostava de marcar horas incômodas para os experimentadores, alegrando-se como um garoto zombando do próximo.

Desde o momento em que a promessa foi feita até a hora do seu cumprimento, a moça não mais foi deixada só e, por um excesso de precaução, examinaram-na novamente, assim como a sua cama. Em seguida, os experimentadores sentaram-se em torno da cama, despertando-se, alternativamente, durante as horas de sono.

Cerca de uma hora da madrugada, o espírito de Katy se manifestou para prevenir que todos deviam permanecer acordados até que os espíritos cumprissem a promessa de

restituir o lenço. Então as senhoras fizeram a sonâmbula sentar-se na cama e estenderam-lhe os braços e as mãos sobre os lençóis, em seguida ligaram-lhe os braços às barras do leito com dois guardanapos, a fim de imobilizá-los. Todos ficaram de pé em torno da sonâmbula e o Rev. Thatcher conservou-se ao lado dos pés da mesma, para observá-la de frente.

Em dado momento, ele lhe dirigiu uma pergunta e, ao fazer isto, estendeu a mão um pouco aberta, na qual apareceu o lenço que lhe fora arrebatado. Simultaneamente, ouviu-se a voz do espírito do grumete que, rindo ruidosamente, apostrofou o Reverendo com as seguintes palavras: “Devolvo-lhe este farrapo de pano que lhe agrada tanto.”

Isso foi questão de um segundo: um momento antes a mão do Reverendo estava vazia, um instante depois tinha ele o lenço na palma da mão. Ninguém o havia visto chegar, pois que fora materializado na própria mão do Sr. Thatcher. Este puxou o relógio do bolso e verificou as horas; era precisamente uma e meia da manhã.

Alguns dias após, o Reverendo enviava uma circular a todos os pastores protestantes da redondeza, descrevendo os fenômenos aos quais tinha assistido e nela exprimia, solenemente, a certeza de que tinham origem sobrenatural.

Ele declarava que o Dr. Larkin e família não eram culpados de nenhuma fraude, embuste ou conivência e que os fenômenos que se produziam em sua casa eram de uma *pesquisa científica séria e profunda*. Acrescentava que todo o pesquisador tinha o dever de iniciar-se nas novas experiências com um espírito de grande serenidade, despojando-se de qualquer prevenção e preconceito, e pedia que se reunisse, sem demora, uma comissão de estudo entre os ministros do culto.”

Sábias palavras de um consciente e corajoso homem que não se receou de testemunhar o próprio erro, em homenagem à verdade, mas aqueles aos quais se dirigiu eram bem diferentes. Aos ministros do culto não interessava saber a verdade, pois o

seu fim era o de sufocar, no nascedouro, a chocante novidade de ordem espiritual, para o que exigiam, a todo o transe, a ruína do desditoso médico, e o conseguiram.

Passando a considerar o *transporte* acima referido, observo que seria difícil achar-se uma casa que se tenha produzido com maiores garantias de fiscalização.

Na verdade, esse consiste em duplo fenômeno de *transporte* obtido em plena luz e *com a sonâmbula presa pelos braços às barras de sua própria cama*.

Quem então depositou na palma da mão do Reverendo Thatcher – que se encontrava junto à cama – o lenço transportado?

Noto que, neste caso, como no precedente, ninguém viu a chegada do objeto transportado, o que demonstra que foi ele materializado na palma da mão do encarregado do inquérito, assim como no caso do Dr. Billot, em que o pé de “Timo de Creta” foi materializado no colo da senhora consciente.

Tal prodígio, se bem que inconcebível pelos nossos conhecimentos científicos atuais, parecerá menos inverossímil quando se considera o que escrevi na minha obra intitulada *Pensiero e Volontà* (Pensamento e Vontade), forças plasmadoras e organizadoras, da qual sobressai, apoiado na base dos fatos, que o pensamento e a vontade são também forças criadoras do espírito encarnado.

É um mistério formidável, mas verdade já hoje incontestavelmente demonstrada e que não tardará a ser cientificamente confirmada, visto que fatos são fatos e acabam sempre por triunfar do misoneísmo humano.

**Caso XX** – Resolvo-me a citar também o famoso caso dúplice de *transporte* de uma mesinha mediúnica, sucedido com o prof. Zöllner, visto que o caso, embora ocorrido em condições probatórias incontestáveis, pareceu incrível em sua época e não foi levado em conta como merecem ser sempre tais casos. Hoje, porém, não se poderia sustentar o mesmo, porquanto casos análogos ao aludido se multiplicaram por todas as partes.

O prof. Zöllner refere-se ao mesmo nos seguintes termos:

“Às 11 e 1/2 horas aproximadamente, em plena luz solar (dia 6 de maio de 1877), fui espectador de um fenômeno tão extraordinário quão inesperado. Como de costume, eu me sentara ao lado de Slade, ao redor de uma mesa de jogo com 45 quilos de peso. Na minha frente, junto da dita mesa, havia uma mesinha de madeira de bétula cuja altura era de 77 cm e o diâmetro do disco de 46 ditos. Depois de um minuto, aproximadamente, de nos havermos instalado ao redor da mesa grande, com as mãos em cadeia sobre ela, vimos mover-se, com lenta oscilação, a mesinha mediúnica. Podíamos vê-la distintamente, pois seu disco era mais alto do que o da mesa grande. Seus movimentos aumentaram rapidamente e logo ela se acercou da mesa grande e, inclinándose lentamente, introduziu-se debaixo da mesma, pondo os três pés na minha direção. Durante outro minuto mais nada aconteceu, porque eu e Slade não tínhamos idéia alguma acerca do desenvolvimento do fenômeno, tanto assim que Slade se dispunha a tomar de uma ardósia e um lápis para perguntar aos *espíritos-guia* se devia esperar outras manifestações, quando tive a idéia de olhar debaixo da mesa para observar, com exatidão, a posição em que se achava a mesinha mediúnica. Com indescritível espanto de nós ambos, vi que debaixo da mesa não havia coisa alguma: a mesinha mediúnica havia desaparecido, não se encontrando em nenhum lugar do aposento, apesar de a termos visto um minuto antes.

À espera de sua volta, eu e Slade nos sentamos, de novo, em frente da mesa grande, um ao lado do outro, do mesmo lado da mesa e defronte do mesmo ponto em que se achava, um momento antes, a mesinha mediúnica.

Havíamos estado uns cinco ou seis minutos em ansiosa espera do que pudesse acontecer, quando Slade anunciou, repentinamente, perceber, no alto, umas luminosidades. Se bem que eu nunca conseguisse algo perceber em matéria de luzes, segui, com o olhar, a direção assinalada por Slade,

enquanto as nossas mãos permaneciam constantemente apoiadas sobre a mesa grande, unidas em cadeia.

Faço observar que, sem nenhuma intenção de minha parte, mas por causa de nossa proximidade, estava em contato com o ombro direito de Slade. Este olhava mais do que nunca surpreso para vários pontos do teto e, isto fazendo, me perguntou outra vez se eu percebia a grande luminosidade que invadia o ambiente. Respondi negativamente, se bem que olhasse sempre e houvesse dado uma volta para fixar um ponto do teto detrás de nós, quando percebi, a cinco pés de altura, a mesinha desaparecida, a qual descia, rapidamente, com os pés para cima, vindo cair sobre a mesa grande. Instintivamente, tanto eu como Slade nos afastamos, um para a direita e outro para a esquerda, a fim de evitar possível pancada, porém não o fizemos a tempo e ambos fomos golpeados na cabeça: eu bem fortemente numa têmpora para sentir, ainda depois de quatro horas, a dor que me ocasionou a pancada.”

Tal é a narração do prof. Zöllner acerca do extraordinário fenômeno que ele mesmo presenciou.

Como muito bem observa o Sr. Massey nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, o caráter inesperado e extraordinário do fenômeno é de natureza tal que não deixa aos céticos outros recurso que a hipótese de “alucinação coletiva” ou de “embuste”. E, efetivamente, o duplo *transporte* de uma mesinha, em plena luz do dia, em um quarto hermeticamente fechado, na presença de dois experimentadores que se mantêm unidos pelas mãos, exclui, em absoluto, todas as variedades de hipótese de fraude. E, ainda, se o fenômeno de *transporte* já se mostra inexplicável pela hipótese em referência, como explicar o fato da mesinha baixar obliquamente de cima, a cinco pés de distância dos experimentadores: Quem, pois, a atirou do alto, imprimindo-lhe uma trajetória que, desde um canto do teto, se dirigia para a mesa do centro? E onde se poderia esconder, antes, uma mesinha com a altura de 77 centímetros?

Basta; pareceria absurdo continuar discutindo a respeito de hipótese de fraude, assim como seria absurdo comentar a hipótese alucinatória, visto que ambos os experimentadores ficaram contundidos, bem fortemente, com a queda brusca da mesinha mediúnica, o que demonstra que caiu do alto algo de bem pesado para machucar os dois, embora se tivessem afastado no momento. Não restará, portanto, aos céticos senão o recurso de refugiar-se na “mentira”, porém não se atreveram a citá-la e todos preferiram, como sempre, sair do apuro, ignorando o fenômeno. Entre as modalidades com que se produziu esse fenômeno se destaca a circunstância de que a mesinha mediúnica, antes de ser “transportada”, foi colocada debaixo da mesa grande; isto quer dizer que a personalidade espiritual operante, antes de proceder à desintegração molecular da mesinha, tratou de atenuar o obstáculo neutralizante da luz do dia, aproveitando a sombra moderada da mesa maior e, provavelmente, tratou também de evitar os efeitos do olhar humano.

Outra circunstância a se destacar reside no fato de que, no momento em que se esperava a volta da mesa menor, isto é, a rematerialização da mesma, o médium Slade viu, no alto, uma intensa luminosidade difusa que, presumivelmente, representava o primeiro processo de condensação da matéria fluídica que constituía a mesinha desintegrada.

Finalmente, com referencia ao caso exposto, fica ainda por se perguntar se se verificou um fenômeno autêntico de *transporte* duplo da mesinha mediúnica ou se, ao contrário, esta foi desintegrada e reintegrada no local, sem transportar a matéria a outro lugar, ou seja, com a exclusão da característica especial dos verdadeiros *transportes* que é o fenômeno da *passagem da matéria através da matéria* e tudo concorre para fazer presumir que esta segunda interpretação dos fatos seja a verdadeira.

**Casos XXI, XXII, XXIII** – Relato agora três casos semelhantes ao anterior por seu aspecto, com a diferença única de que estes são autênticos fenômenos de *transporte* que se produziram com a *passagem da matéria através da matéria*.

Tiro os episódios do livro do Rev. Charles Tweedale intitulado *Man's survival after death* (A sobrevivência do homem depois da morte), por mim citado antes, (caso VIII), no qual narra as manifestações mediúnicas, em parte espontâneas, que se produziram em seu próprio vicariato, com o auxílio da mediunidade de sua esposa. Não é demais acrescentar que o Reverendo não é apenas um ilustre ministro da igreja anglicana e um teólogo eminente, mas também um homem de ciência e astrônomo de renome, membro do Instituto Real de Ciências, de Londres.

Este primeiro incidente se produziu na ausência do Reverendo e na presença de uma sua filha e de uma empregada. Escreve ele:

“No dia 11 de novembro de 1913, minha filha Marjorie e uma empregada se encontravam na sala de jantar, debaixo do lustre central, quando viram sair, lentamente, da parte do teto, uma comprida bengala de três pés, que caiu sobre a mesa, sem deixar no teto nenhum sinal de sua passagem.”

Este outro episódio sucedeu no quarto de dormir do Reverendo, estando presentes ele e a esposa-médium:

“A 29 de janeiro de 1911, quando, em pleno dia, eu e minha senhora nos encontrávamos no dormitório, um pesado objeto de toalete penetrou no quarto através do teto e desceu lentamente em cima das almofadas.

Não será inútil acrescentar que os objetos de que se trata ficaram em seus lugares e foram achados reais, substanciais, objetivos, quando examinados.”

Este terceiro episódio, descrito com mais amplos detalhes, parece por demais notável sob os seus múltiplos aspectos. Escreve o seu narrador:

“Eram 21:20; minha mãe achava-se com uma pequena ferida no couro cabeludo. Na sala de jantar, encontrávamos eu, minha esposa e minha mãe, todos em um grupo apertado, pois esta última estava sentada numa poltrona, enquanto minha esposa lhe apartava o cabelo com a mão a fim de examinar a ferida e eu, junto a ela, observava. Acon-

teceu-me, não sei como, levantar os olhos e vi algo de saliente que parecia brotar de um ponto do teto, no ângulo do quarto, perto da janela, distante de minha esposa – que tinha as costas voltadas para aquele ponto – em cerca de três jardas e um quarto e cerca de quatro jardas de mim, que me achava defronte dela. E eis que sai um objeto daquela parte do teto, o qual voa através do referido aposento, sempre junto do teto, bate na parede em que estava encostado o piano e cai em cima deste, fazendo ressoar-lhe as cordas, e daí ao chão, onde rolou por certo tempo.

Apressei-me em recolhê-lo e verifiquei, com surpresa, que se tratava de um frasquinho de unguento para a cura da ferida, frasquinho esse que a minha mãe tinha guardado à chave no seu armário. A intenção do *transporte* era evidente: o unguento fora “transportado” para que com ele untassem a ferida que a minha mãe tinha na cabeça.”

Eis três casos ocorridos em plena luz, nos quais os objetos transportados penetram no aposento através do teto e o fazem com modalidades que permitem uma observação precisa do fato, visto que, na primeira vez, o objeto *sai lentamente* do interior do teto, na segunda vez *desce vagarosamente* sobre almofadas e, na terceira, o observador vê sair do teto algo *proeminente* que mostra logo ser um objeto que cai em cima do piano.

Também a estes três casos, como ao de Zöllner, são aplicáveis as observações de Massey: “Para os céticos a todo o transe, não existem hipóteses como que explicá-los, fora a presunção de “embuste” e esta é uma presunção mais absurda e inverossímil ainda que todas as demais hipóteses inaplicáveis ao caso, tanto mais se se considera que o Reverendo, para as manifestações mais extraordinárias contidas em seu livro, teve o cuidado de apresentar os depoimentos *jurados* de todos os seus familiares que as presenciaram, inclusive dos empregados. Dever-se-á, portanto, afastar a presunção de um “embuste” coletivo com base em *perjúrios*.”

Deixando de lado esta absurda quão gratuita e injuriosa hipótese, observo que, no *transporte* do frasquinho de unguento,

deve-se levar em conta a circunstância de que o dito vidro estava encerrado em um móvel da mãe do Reverendo, presumindo-se, pois, um autêntico fenômeno de *transporte* do objeto através da madeira desse móvel e isto combinado com a intenção da personalidade mediúnica operante, que transportou o unguento para que com ele se untasse a ferida que existia na cabeça da mãe do Reverendo.

Os leitores não iniciados nos mistérios perturbadores das manifestações metapsíquicas se assombrarão sobretudo com o caso da “bengala” que apareceu descendo do teto e com o do frasquinho que caiu com força do mesmo, mas que fazer? Fatos são fatos e nossos espantos, por mais justificados que sejam, não impedirão que os fatos deixem de ser fatos.

Por mais que se queira procurar compreender até onde seja possível e, baseando-se sobre quanto se pode conhecer a respeito, dever-se-á presumir que, nas circunstâncias expostas, verificou-se uma das seguintes eventualidades fenomênicas: ou bem a personalidade mediúnica operante, por um ato de vontade, desintegrou dois lugares do teto para dar passagem à bengala e ao frasquinho, ou então desmaterializou os objetos transportados, de modo a deixar filtrar a sua matéria, reduzida ao estado fluídico, através dos inúmeros interstícios atômicos da matéria do reboco, para reintegrá-la instantaneamente, à medida que iam saindo do teto, pelo que, tanto em um como em outro caso, os espectadores tiveram a impressão de que os objetos fossem, por assim dizer, impelidos à viva força através do teto, trabalho que, naturalmente, seria impossível fazer *sem deixar no reboco algum traço de sua passagem*.

**Caso XXIV** – Colho ainda um episódio no livro do Rev. Tweedale, já que se trata de uma obra de grande seriedade e importância. Escreve ele:

“No dia 28 de novembro de 1910, próximo ao meio dia, desapareceu, imprevista e misteriosamente, da bolsa de minha mãe, um molho de chaves; não obstante as nossas diligentes buscas, não o encontramos em parte alguma.

Por volta das 18 horas estávamos eu, minha esposa e minha mãe reunidos em redor da lareira, na sala de jantar, não havendo outras pessoas no aposento, que estava bem iluminado. Minha mãe se achava sentada no meio, minha mulher de pé, à sua esquerda, e eu me encontrava também de pé, à direita de minha mãe e defronte de minha esposa. Falávamos a respeito do misterioso desaparecimento do molho de chaves.

Inesperadamente percebi algo de brilhante que, do ângulo do teto oposto à porta, isto é, do lado do quarto onde não havia porta, nem janela, nem buracos na parede, descia oblíqua e velozmente em direção à minha mulher e a golpeava na nuca com tal ímpeto para ricochetear para trás e cair a uma distância de quase três jardas e meia do ponto em que esta se achava. Minha mulher proferiu um grito agudíssimo, causado pela pancada e pela surpresa, mas sem sentir coisa alguma por motivo da grande quantidade de cabelo ali enrolado. Tratei de apanhar logo o objeto chegado dessa forma e, com grande espanto nosso, verificamos tratar-se do molho de chaves desaparecido da bolsa de minha mãe seis horas antes e sobre o qual falávamos no momento justo em que ele foi projetado do quarto.

Declaro, com referência ao fato das chaves atiradas sobre a minha esposa, de um canto do aposento em que não havia ninguém, que estou tão certo dele quanto de qualquer outro ponto importante de minha vida e que me acho pronto a jurá-lo perante qualquer tabelião público.” (Idem, págs. 467/8).

Assim, neste caso como na mesinha do prof. Zöllner, repete-se a circunstância probatória de o objeto transportado ser visto descer oblíqua e velozmente do alto do canto de um aposento onde não havia pessoa alguma, o que serve para excluir qualquer possibilidade de prática fraudulenta.

No caso em exame, é evidente a intenção com que foi produzido o fenômeno, sobretudo porque ele se verificou no momento justo em que falávamos sobre o misterioso desaparecimento

daquele mesmo molho de chaves transportado; depois, porque foi lançado com força em cima da médium, mas justamente contra a parte da nuca em que um monte de cabelo impedia que lhe fosse causado qualquer mal.

Quanto ao fenômeno inicial do *transporte* da penca de chaves da bolsa onde se achava, pode-se considerá-lo como não de origem supranormal, porquanto a penca podia extraviar-se naturalmente, sem qualquer intervenção, mas o outro caso, isto é, do *transporte* das chaves desaparecidas, demonstra que o primeiro fenômeno se liga ao segundo, de modo que deve ser também considerado de ordem supranormal.

Fica por responder a seguinte pergunta: “onde se achava a penca de chaves ou a matéria das chaves, reduzida a estado fluídico, nas horas que decorreram entre o fenômenos de *asport* e o de *apport*?” Nos comentários ao caso X se acha bem desenvolvida a declaração do médium e dos experimentadores, que viram muitas vezes a sombra dos objetos transportados antes que os mesmos aparecessem materialmente no aposento, enquanto que algumas personalidades mediúnicas, entre as quais “Walter”, guia da Sra. D'Esperance, afirmou em várias ocasiões que a matéria fluídica do objeto transportado ficava provisoriamente acumulada no ambiente em que ele deveria ser materializado.

Considerando tais esclarecimentos, deve-se inferir, muito presumivelmente, que a matéria fluídica constituinte da penca de chaves deveria achar-se no ambiente em que fora materializada e, se assim for, então o caso é igual ao da mesinha de Zöllner, também pelo fato de não se tratar de um fenômeno de *transporte* propriamente dito (porquanto faltou a circunstância fundamental da *passagem da matéria através da matéria*), mas de um fenômeno de desintegração e reintegração instantânea de um objeto no local, o que não deixa de demonstrar a sua importância teórica.

**Caso XXV** – Tiro-o dos *Annales des Sciences Psychiques* (1911, págs. 119/24). Trata-se de um caso de *poltergeist*, isto é, de manifestações físicas espontâneas de origem assombratória, que se produziram durante algumas semanas na presença de um

rapazinho de 14 anos de idade, manifestações nas quais se verificaram freqüentemente casos de *asport*, com restituição dos objetos no intervalo de alguns dias.

O caso foi rigorosamente investigado pelo conhecido magnetizador e ocultista Hector Durville, que manteve o médium na sua residência durante todo o tempo que durou a sua transitória faculdade mediúnica.

Escreve Durville:

“O médium insciente, em torno do qual se deram tais fenômenos, é um mocinho de nome Raymond Charrier, nascido a 20 de julho de 1897 em Paris...

Sexta-feira, 23 de dezembro de 1910, quando ele se achava na escola, pedrinhas e caroços de feijão foram atirados contra a porta do aposento em que estava. A partir de tal dia os fenômenos tornaram-se freqüentes e inquietantes. Um copo elevou-se no ar e, caindo ao chão, partiu-se em pedaços. Os talheres mudavam de lugar na mesa posta: facas, garfos e colheres eram projetados de todas as partes por mãos invisíveis. Objetos de todas as espécies sumiam de casa para caírem do alto alguns dias depois. Utensílios de trabalho eram arrojados sobre o rapazinho, que recebia, além disso, murros formidáveis, era sacudido e maltrato e foi certa vez arrancado violentamente da cama. Outra vez, indo para a escola, desapareceram-lhe os sapatos, os socos, o paletó e o sobretudo, só lhe ficando as meias, as calças e a camisa. No domingo, foi devolvido o paletó, alguns dias após foi restituído o sobretudo e em seguida também os sapatos, mas os socos não haviam ainda voltado quando, oito dias após, o rapazinho deixou a região de Saint Sauveur.

O pai fez com que Raymond fosse visitado pelo dr. Berillon, que se contentou em observar que ele não acreditava absolutamente nos fenômenos de que se lhe falavam. Então o pai veio procurar-me e eu resolvi trazer Raymond para a minha casa a fim de não perdê-lo de vista um só momento. Sábado, 28 de janeiro, parti com o juvenzinho para Montmorency, localidade onde eu possuía uma pequena residên-

cia, com o intuito de observar, na mais completa tranqüilidade, os fenômenos que podiam produzir-se... Coloquei uma cama para ele em meu próprio quarto, para fiscalizá-lo melhor.

A partir de tal momento eu garanto a autenticidade dos fenômenos que me disponho a expor, fenômenos extraordinários, inverossímeis, inadmissíveis, no sentido atual de nossos conhecimentos científicos...”

Neste ponto o Sr. Durville relata uma longa série das habituais manifestações de *poltergeist*: pancadas fortíssimas batidas um pouco em todas as partes, *transportes* e quebra de louças, colchões violentamente arrancados das camas, cinzas de fogão espalhadas abundantemente sobre pessoas e móveis. Tudo isso em plena luz do dia, bem como iluminado por lâmpadas elétricas que se acendiam e apagavam por si sós. Acrescentem as violências pessoais contra o médium, que é atingido por murros misteriosos e formidáveis, enquanto Durville o segura pelas mãos e sente ribombar as pancadas nas costas do aterrorizado rapazinho que chega a se dobrar com o impacto de uma única pancada. Limito-me a narrar alguns dos fenômenos de *asport* a que Durville teve ocasião de assistir:

“Segunda-feira, 30 de janeiro – No meio daquela saraivada de pequenos objetos que caíam de todas as partes – torrões de açúcar, castanhas, batatas, etc. –, acabamos por sentir-nos cansados e, depois que tivemos um pouco de folga, eu e o rapazinho resolvemos sair. Calço os sapatos e Raymond dispõe-se a fazer o mesmo. Apanha os seus próprios sapatos, coloca-os ao lado da cama e depois estende a mão para apanhar um deles: *ambos os sapatos haviam desaparecido*. Querendo igualmente sair, digo a Raymond para esperar-me no seu lugar e levo de volta os meus sapatos que coloco ao lado da cadeira em que se acha Raymond sentado. Ele estende a mão para apanhá-los: *só havia um deles*. Olho espantado, em silêncio. No momento, Raymond se levanta. Quando olho novamente para o lugar, verifico que também o outro sapato desapareceu. Vasculho todos os cantos do quarto, procuro por cima, inspeciono a cozinha, o

gabinete, os outros dois quartos, mas os dois sapatos desaparecidos *não se acham em parte alguma*. Entretanto o bombardeio continua e eu quero sair de qualquer maneira. Raymond calça os socos que lhe haviam ficado, veste o capote e apanha o barrete. Estendo a mão para apanhar o chapéu e a bengala que eu colocara no cabide perto da janela: *o chapéu e a bengala haviam sumido!* Confesso sinceramente que, depois de ter por tanto tempo desejado assistir a manifestações dessa espécie, eu, forte, são, robusto, equilibrado no físico e no moral e que nunca tremi diante do perigo, confesso francamente que me sinto tomado por uma inquietação penosa. Experimento a impressão de constrição angustiosa na região epigástrica como em seguimento a uma violenta comoção: sinto que o medo se apodera de mim... Presa de forte emoção, chamo Raymond e saímos imediatamente...

Sábado, 4 de fevereiro – As 7:30 da manhã pancadas são batidas na cama de Raymond e depois na parede por detrás dele. As 7:45 alguns folhetos, postos na estantezinha, são lançados contra a janela, passando por cima de meu leito. Com o ruído que fazem no ar, Raymond acorda... Alguns minutos após minha atenção é novamente atraída para a janela e vejo *um dos meus sapatos, que desaparecera na sexta-feira, cair lentamente ao longo da janela e pousar no chão*.

Almoçamos às pressas, enquanto de todas as partes caíam objetos no quarto. Vestimos as roupas para sair. Raymond já está pronto e eu o mando ir à frente. Quando passava pelo corredor, a minha bengala, *desaparecida há dias com o chapéu*, cai por detrás dele, produzindo um barulho igual ao da queda de um grosso cepo que tivesse tombado de quatro metros de altura.

Raymond já saiu e eu volto sobre os meus passos a fim de apanhar o chapéu em cima da mesa. Quando me acho a um metro perto da porta do quarto, vejo o colchão levantar-se, revirar-se e cair no chão juntamente com o chapéu. Pongo-o no lugar, recolho o chapéu, não me cuido de escová-

lo, coloco-o na cabeça, pego na bengala e abandono mais que depressa a “casa assombrada”.

Domingo, 12 de fevereiro – Estes três fenômenos se produziram um após outro, em 8 ou 10 minutos (colchões amarrados fortemente com cordas, que se soltaram e igualmente caíram ao chão). Digo a Raymond para levantar-se rápido. Almoçamos com grande pressa e em condições não agradáveis, uma vez que um bombardeio formidável surge de todas as partes: são folhetos, livros, utensílios de cozinha e objetos de todas as espécies que vêm projetados de todas as direções. Os fenômenos se sucedem com tal rapidez que me é absolutamente impossível tomar nota deles.

Saliento apenas o seguinte: Raymond apanha os paletós e eu lhe peço que o faça rápido, visto que quero fugir dessa coisa terrificante. Quando ele dá o primeiro passo, estendendo a mão para apanhar o chapéu e a bengala dependurados nos cabides perto da janela e ouço Raymond exclamar: “Segura que ele sobe! Oh! sobe, sobe!”, Indicando o meu chapéu que, na verdade, *desaparece a poucos centímetros de minha mão*. E não o vemos mais em parte alguma. Falo com Raymond para sair depressa. Ele sai e, quando se acha no corredor, a minha bengala, que eu havia deixado dependurada no cabide, é violentamente projetada em sua direção e cai detrás dele, com enorme barulho.

Fecho a porta e desço precipitadamente. Raymond está à minha espera. Partimos imediatamente para Paris.

No domingo seguinte, o chapéu, desaparecido sob os meus olhos, foi devolvido por meu filho André, que o achou em cima de uma pilha de jornais na estante da sala de jantar...”

Eis uma amostra das manifestações de natureza assombratória observadas por Hector Durville em sua própria casa, quase sempre com o mocinho médium. Não será inútil salientar que, nas citadas manifestações, se contém um bom número delas que excluem, de modo absoluto, qualquer forma de práticas fraudulentas. Pensemos nas pancadas dadas nas paredes quando

Raymond se achava dormindo na cama, vigiado pelo narrador. Pensemos que, em tais circunstâncias, alguns folhetos, colocados na estantezinha, foram arrojados contra a janela, passando por cima da cama em que se achava o relator e que só com o barulho da queda é que o médium despertou do sono. Lembremo-nos de que, alguns momentos após, em idênticas condições, o narrador vê um de seus próprios calçados aparecer alguns dias depois, descer lentamente ao longo da janela e pousar no chão. Recordemo-nos, finalmente, do colchão levantando-se por si só e resvalando para o chão na presença do relator e na ausência do médium, que se achava fora. E parece-me que basta.

Nas considerações que Durville faz seguir à sua relação, salientando duas observações perfeitamente concordantes com outras formuladas, em todos os tempos, por numerosos observadores dos fenômenos em questão, uma das quais se refere à circunstância de que nunca eles chegaram a surpreender um fenômeno no momento preciso em que começava e a outra de que muitas vezes o ruído que produziam os objetos caindo era muitíssimo maior ou inferior ao que devia produzir normalmente.

A propósito da primeira observação, escreve ele nestes termos:

“Nunca vi um fenômeno desenvolver-se por inteiro sob o meu olhar. As lâmpadas elétricas se acendiam continuamente por si sós, circunstâncias em que os comutadores giravam regularmente. Enquanto tal sorte de manifestações se produzia em sucessão, eu olhava, com insistente atenção, o comutador que então não girava e a lâmpada não se acendia, mas, se eu distraía, por um instante, o olhar, o comutador subitamente girava e a lâmpada se acendia. Assim sendo, nunca vi um objeto elevar-se no ar do local em que me achava. Via-o apenas cair e tudo a mais um metro e meio do lugar onde tombava.”

A tais observações do narrador pode-se acrescentar a circunstância dos calçados e dos chapéus que desapareciam sempre quando os espectadores distraíam por um momento a sua atenção.

No meu volume sobre os *Fenomeni d'Infestazione*, registrei diversas observações semelhantes; por exemplo, esta que tiro do caso XXIII. O relator do fato assim escreve ao Sr. Myers:

“Ninguém nunca viu um projétil no momento em que partia nem pôde perceber se tinha percorrido primeiramente ao menos quinze centímetros do ponto inicial, o que leva a considerar um outro dos lados dos mistérios e é de que os projéteis não se moviam senão quando ninguém os olhava e quando não se esperavam por eles... Às vezes um de nós vigiava atentamente um pedaço de madeira durante uns bons minutos e ele não se mexia, mas, se o observador se distraía por um momento, esse pedaço saltava sobre nós... Nunca pudemos verificar se os pedaços de madeira começavam o seu vôo de um modo invisível ou se aproveitavam, ao contrário, um segundo de distração de nossa parte.”

Noto que observações análogas já foram feitas nos primórdios das pesquisas metapsíquicas. Nas famosas relações do Sr. F. Livermore sobre as suas próprias experiências, em que se materializava a sua esposa Estela (1860-1865), saliento o seguinte, relativo a um episódio em que a mão materializada de Estela escreveu, *em plena luz*, uma longa mensagem:

“Procurou-se não observar com muita insistência o fenômeno e sim por uns breves instantes e isso para não perturbar, com os nossos olhares, a força em ação. Como o fenômeno perdurasse por quase uma hora, tal pedido não impediu as nossas observações.”

Deste último trecho fica clara por qual causa as personalidades mediúnicas operantes são levadas a produzir os fenômenos, no momento em que o olhar humano se distrai também por um átimo de tempo. Já se sabia que o olhar humano irradia uma *força*, pelo que se deve inferir que tal *força* age em contraste com a outra *força* exteriorizada nas manifestações em exame, inferência que hodiernamente não deve espantar ninguém depois da descoberta da *telegrafia sem fio* e do *rádio*, que tanto ensinaram ao homem sobre o universo inexplorado das irradiações elétricas, magnéticas, psíquicas, que, em todas as partes, assina-

laram a nossa ignorância, mas que hoje já chegaram a ser apreciadas, utilizando-as para os nossos fins. Do mesmo modo, o fato notável de uma vontade operante que chega a marcar, com tal infalível exatidão, o átimo fugacíssimo em que o olhar humano se distrai de um determinado objeto, se mostra, na verdade, estupefaciente e leva a perguntar de qual natureza seja a vontade que assim se comporta: extrínseco ou subconsciente? A hipótese espírita não tem necessidade dos fenômenos de *poltergeist* para ser confirmada, mas, de qualquer modo, as observações expostas aconselham a não apressar-se a generalizar nem mesmo em matéria de fenômenos de *poltergeist*.

A propósito da outra observação acerca dos objetos que caíam produzindo um rumor significativamente maior ou estranhamente inferior ao que deveria produzir normalmente, Durville se exprime nos seguintes termos:

“Quando alguns objetos caíam, produziam um barulho formidável. Dois livrinhos desabaram em cima de minha cama e a minha bengala caiu por detrás de mim, ocasionando estrondos completamente espantosos. Ao contrário, alguns objetos, bem pesados, como, por exemplo, um dos calçados desaparecidos de Raymond, quando caiu do alto, junto da cabeceira de minha cama, não produziu mais ruído de quanto teria feito uma bengala.”

Note que, no meu livro a respeito do livro *Fenomeni d'Infestazione* (Fenômenos de assombração), um dos narradores das manifestações de *poltergeist* (caso XXVI) observa:

“Pouco tempo após, objetos existentes no quarto, inclusive os chinelos e as pantufas, puseram-se a voar em todas as direções, batendo no teto e nas paredes, algumas vezes sibilando no ar, mas o fato mais estranho é esse que, quando eles caíam sobre o espesso tapete estendido no chão, produziam um ruído que não estava em relação com a causa e assim um pedaço de estofa, retirado da cama, caiu produzindo um choque semelhante ao de um corpo sólido muito pesado e, ao contrário, um pesado corpo sólido caiu sem ruído...”

As concordâncias de tal natureza, referentes a circunstâncias de manifestações tão contrárias à normalidade, concorrem admiravelmente para demonstrar a autenticidade supranormal dos fenômenos de que se trata, o que não se mostra mais supérfluo.

Quanto à interpretação do estranho fenômeno, a empresa não é fácil. Tudo quanto se pode salientar a propósito é isto: que o fenômeno sendo contrário às leis da acústica combinadas com as leis da gravidade, deve-se discernir nisto uma manifestação intencionalmente desejada pela personalidade mediúnica operante, talvez mesmo para provar, de forma incontestável, aos vivos, a natureza supranormal dos fenômenos que produziam.

A natureza teoricamente interessante da modalidade com que se produzem os fenômenos de *poltergeist*, aqui considerados, me fez quase esquecer que eu os citava por causa dos episódios de *asport* que continham. De qualquer forma, as considerações expostas se referem tanto aos fenômenos de *poltergeist* em geral quanto aos fenômenos de *asport* realizados nas circunstâncias expostas, os quais não foram mais vistos no momento em que se produziam e quando os objetos transportados eram restituídos, caindo do alto e produzindo barulhos que não correspondiam com a causa.

**Caso XXVI** – Não posso deixar de resumidamente aludir aos interessantes – ainda que desordenados – fenômenos de *transporte* obtidos, contra a sua própria vontade, pelo prof. Ochrowicz, durante as suas experiências com a médium Stanislas Tomczyk. Digo *contra a sua própria vontade*, porque é sabido que o citado professor se havia de tal modo absorvido no estudo dos então chamados “raios rígidos” ou “filamentos fluídicos” que se produziam com a médium, em correspondência com movimentos de objetos sem contato, que se pôs tenaz e firmemente a investigá-los e não se quis ocupar de manifestações de ordem superior.

A conseqüência foi que, com exceção de três únicos episódios, os fenômenos de *transporte* obtidos por ele, a seu pesar, não apresentam grande valor probatório e isto devido a que, visto que ele não as desejava, necessariamente deviam dar-se em

desordem e por surpresa, como também que, embora se produzissem quase sempre em plena luz ou à meia luz, o elemento *surpresa* lhes tirava toda a importância científica. De todos os modos, são eles autênticos e só devemos lamentar a obstinação do prof. Ochorowicz em repudiá-los.

Faço notar que também declarava haver obtido fenômenos de desintegração e reintegração da matéria, dos quais se reservava falar oportunamente, mas nesses somenos, ele faleceu e, em conseqüência, se perdeu preciosa oportunidade para uma investigação rigorosamente científica dos fenômenos em questão.

Em data de 11 de janeiro de 1909 escreve ele:

“A Srta. Stanislas regressou forte e bem disposta, depois de uma breve estada no campo, e suas disposições parecem excelentes. Disponho-me a medir sua potencialidade com o dinamômetro, porém, antes que ela subisse ao quarto do primeiro andar e achando-se ainda no aposento do andar térreo, um pedaço de madeira se precipita pelas escadas, fenômeno inútil e fatigante em conseqüência do qual só marca o dinamômetro uma força muscular de 20 e 20.

Ademais, ela acusa um pouco de dor na fonte e sua sensibilidade está desviada para a esquerda. A “pequena Stasia”, isto é, a personalidade mediúmica operante, como se quisesse indenizar-se do tempo perdido, produz um fenômeno atrás do outro, mas em forma caótica, e se mostra mais indomável do que nunca. Vários objetos são transportados de um quarto do andar térreo; um punhado de neve cai sobre a mesa, um som metálico me é produzido no bolso; um pedaço de carvão, proveniente de uma estufa a três metros de distância, nos é arrojado em cima; um relógio grande, suspenso na parede, se abre e fecha por si só; a pêra de uma campainha elétrica é posta em oscilação. Já se compreende que a médium foi minuciosamente examinada por mim, logo depois do primeiro *transporte*, todavia a maior parte dos fenômenos se deu de improviso e, em conseqüência, apesar de nos encontrarmos em plena luz, não podemos considerá-los detidamente controlados (*Annales des Sciences Psychiques*, 1909, págs. 7/8).

17 de janeiro de 1909 – Depois do almoço, produziu-se um fenômeno inesperado: o *transporte* de um cinzeiro de madeira que se achava no meu quarto do primeiro andar e que chegou no momento exato em que eu ai acender um cigarro. A produção do fenômeno determinou a auto-hipnose da médium que, a princípio, pareceu mais penosa, mas depois ela se acalmou... Dele me aproveitei para iniciar as minhas experiências (Idem, pág. 67).

19 de janeiro de 1909 (à luz do dia) – Começa-se com o *transporte* de um “manúbrio” de ginástica, com o peso de duas libras, da distância de três metros, o que não cansou a médium. Logo, *a pedido*, é transportado um punhado de neve, de fora da casa, através de portas e janelas bem fechadas. Tudo isso vou consignando de passagem, pois o fenômeno capital que me proponho investigar é o do movimento, a distância, de um mecanismo desconhecido pela médium.

28 de setembro de 1912 – “Stasia” perturba as minhas experiências, porém isso é devido ao fato de que, sentindo-se incapaz de produzir os fenômenos que lhe peço e não podendo expressar-se com palavras, trata de compensar-me de qualquer forma e foi assim que transportou o meu chapéu, colocando-o na minha cabeça.” (Idem, pág. 208/9).

Quando a “pequena Stasia” pôde comunicar-se por meio da escrita automática, o prof. Ochorowicz lhe perguntou:

“– Como fez para transportar meu chapéu através de duas portas fechadas?”

Stasia – Reduzi-o primeiramente a estado fluídico. Penso que as minhas brincadeiras não vos aborrecem.

– Não, porém trata outra vez de ser cordata, pois cansa inutilmente a médium, produzindo fenômenos sem um controle suficiente.

3 de agosto de 1912 – Coisa estranha: Durante estes dois meses, caracterizados por um esgotamento geral da médium, algumas experiências, dentre as mais difíceis, deram ótimos resultados e isto por haver seguido as instruções mi-

nistradas pelo *duplo* (isto é, por “Stasia”). Refiro-me aos interessantes fenômenos de desintegração e reintegração da matéria.” (Idem, págs. 239/40).

Para ser breve, não citarei outros casos. Entre os fenômenos enumerados alguns há muito importantes também do ponto de vista probatório: o primeiro é o *transporte* de um cinzeiro do quarto do professor no momento justo em que ele se dispunha a acender um cigarro, o que serve para demonstrar com que instantaneidade se produzem essas manifestações, porquanto elas pressupõem um fenômeno de desintegração e reintegração da matéria que constitui o objeto transportado; o segundo é o *transporte* do chapéu do professor, sempre através de portas bem fechadas; o terceiro, mais importante do que os outros, é o *transporte, a pedido*, de um punhado de neve, de fora da casa.

Observo que esses três magníficos *transportes* bastam para demonstrar a que interessantes resultados científicos se poderiam chegar se a grande capacidade investigadora do prof. Ochorowicz fosse orientada no sentido dos *transportes* e não no dos fenômenos, muito menos importante, dos movimentos de objetos sem contato.

Noto, a propósito, que o professor dizia sempre à personalidade mediúnica operante que ele não sabia o que pensar dos fenômenos desordenados de *transportes* que ela produzia e, isto fazendo, tinha aparentemente razão, porém só *aparentemente*, pois, na realidade, se os fenômenos dessa natureza se produziam de forma desordenada, a culpa era dele mesmo, porquanto pedia à personalidade mediúnica manifestações *inferiores*, que ela produzia com dificuldade, e, ao contrário, deixava de secundá-la numa ordem de manifestações que a mesma estava apta a produzir.

Ninguém pode negar que um experimentador, que se propunha a obter a máxima produção fenomênica do seu médium, está na obrigação de secundar a vontade da entidade mediúnica operante, visto que só esta pode saber de que fluídos dispõe e, por conseguinte, que categoria de fenômenos pode produzir. Ao contrário, o prof. Ochorowicz exigia de “Stasia” a produção de fenômenos que ela dificilmente conseguia produzir e que, ade-

mais, eram muito menos importantes que os outros que a mesma entidade lograva facilmente produzir.

Resultou daí que a “pequena Stasia”, a fim de utilizar-se dos fluidos de que dispunha, achou-se na contingência de produzir fenômenos de *transporte* fora do programa, isto é, inesperados e em desordem.

Repito que se isso acontecia era por culpa do professor e não da personalidade mediúnica, o que é confirmado depois, por outra passagem de sua narração, onde ele observa que, apesar do esgotamento geral de que há dois meses sofria a médium, tinha obtido fenômenos dentre os mais difíceis de desintegração e reintegração da matéria e *isto por haver seguido as instruções ministradas pelo duplo* (isto é, por “Stasia”).

Não se poderia desejar prova mais eloqüente de demonstração e, se ele houvesse seguido sempre as instruções do *duplo*, em lugar de contrariá-las sistematicamente, teria obtido o máximo do que poderia produzir o seu médium, ao contrário de reduzir-se a obter o mínimo. Se assim agisse, sua rara perícia na disposição das experiências, combinada com sua grande autoridade científica, teria trazido uma contribuição preciosa de cognições elucidativas ao serviço desse ramo das pesquisas metapsíquicas.

**Caso XXVII** – Passo a referir uma série de episódios análogos ao ocorrido com a sonâmbula do Dr. Larkin (caso XIX), no qual o *transporte* se concretizou, em plena luz e à vista de todos, na palma da mão de um espectador. Nos casos que se seguem, ao contrário, os *transportes* se concretizaram na palma das mãos dos médiuns ou em cima da mesinha mediúnica e, em alguns deles, chegou-se a observar a fase da condensação fluídica sob a forma de uma densa nebulosa.

Tiro este primeiro episódio da *Compte Rendu du Congrès Spiritualiste International de Paris* (1900, pág. 187/89).

Trata-se das notáveis experiências dos doutores Dusart e Broquet com a Srta. Marie M., prima do dr. Broquet, e que este último tratava de violentos acessos de crises histéricas que se acalmaram por encanto quando o dr. Broquet teve a idéia de assegurar-se se, na enferma, havia indícios de faculdades supra-

normais e acabou descobrindo nela uma médium notabilíssima com a qual obtiveram manifestações físicas e inteligentes de toda a sorte, contudo a sua mediunidade não tardou a dar sinal de esgotamento e depois de dois anos desapareceu completamente.

Entre os fenômenos físicos obtidos com ela, incluem-se *transportes* variadíssimos que o dr. Dusart resume nestes termos em sua relação enviada ao dito Congresso:

“Na presença de Marie se produziram em grande numero os *transportes* e muitas vezes nas melhores condições de controle desejável. Durante as nossas experiências, ela se colocava entre mim e o dr. Broquet, defronte das duas janelas que iluminavam o local. Achava-se, portanto, situada em plena luz do dia e tinha as mãos pousadas com a face palmar voltada sobre a mesa. Com um movimento rápido, levantava automaticamente uma delas e a colocava perto do ombro com a palma da mão para o alto. De nossa parte, seguíamos atentamente tal movimento e logo depois víamos pousar-lhe na mão, na extremidade, na beira ou no côncavo dela, pequenos objetos de natureza variadíssima: torrões de açúcar, balas de chumbo, caixinhas, etc. Simultaneamente Marie revira para trás a cabeça sob a influência de um transe fugacíssimo que durava apenas o tempo necessário para os *transportes*. Outras vezes eram transportadas bolinhas de madeira de cinco centímetros de diâmetro, que se usa no jogo da “Crosse”, muito difundido em todo o norte da França. Pareciam passar através do teto, caíam no sentido oblíquo e vinham do espaço diretamente para a médium. Precipitavam-se sobre a mesa ou em torno de nós, sem que as mãos da médium, pousadas abertas sobre a mesa, fizessem o menor movimento. Vimo-las também atiradas defronte e detrás dela, no momento em que levava à boca uma talhada de fruta, ainda quando as suas mãos estavam ocupadas em um serviço de cozinha e finalmente quando levava na mão direita um objeto e dava a esquerda a uma menina. Vimos cair até quatorze delas no espaço de três horas. Nas experiências da noite, Marie estendia as mãos abertas a alguns centímetros debaixo do lampadário aceso ou da lâmpada

elétrica e, no côncavo das suas mãos, víamos cair carocinhos ou outros objetos pequenos, bem como raminhos de flores. Certa noite, Marie, sentindo-se muito cansada, deitou-se vestida na cama. Em torno dela achavam-se o seu pai, o dr. Broquet e uma amiga da família. Inesperadamente ela caiu em transe, levantou os braços verticalmente acima da cabeça, com as palmas da mão abertas, vindo nelas sucessivamente depositar-se um utensílio de jardim, um pacote de cartas, um peso de madeira com o comprimento de um metro, diversos objetos de roupas, em suma, ao todo doze objetos diversos. Mal se retirava um, aparecia outro.

Em outra circunstância em que Marie caiu em transe na residência do dr. Broquet em Valenciennes, manifestou-se a personalidade mediúnica “Aline”, que disse ver a mãe de Marie, a treze quilômetros de distância, a qual, naquele momento, havia colhido um ramalhete de violetas grossas. Anunciou que ia surrupiar o ramo à mãe dela, para levá-lo a Valenciennes, o que realizou no momento.

Domingo, o dr. Broquet indagou da mãe de Marie e soube que ela havia colhido o tal ramalhete e que os garotos da vizinhança o tinham furtado, aproveitando-se da sua breve ausência de casa, já que não o tinha mais achado na mesa em que o colocara...”

Assim escreve o dr. Dusart e é caso patente para concluir que, nas condições em que se produziram os *transportes*, deve-se excluir, de modo absoluto, toda possibilidade de práticas fraudulentas, considerando-se, sobretudo, a circunstância de que muitas vezes os *transportes* não eram únicos, mas se sucediam um após outro, sem solução de continuidade, circunstância que vale para eliminar o elemento da *surpresa*, visto que, por um período de muitos minutos, os experimentadores tiveram todo o vagar para vigiar, em plena luz, as mãos, os pés e o corpo da médium.

Isto estabelecido, saliento uma modalidade, na realização dos fenômenos, que parece bem inexplicável e é a de que os experimentadores viam os objetos pousar no côncavo da mão da médium sem observar, na menor ocasião, a fase de condensação

fluídica. Pareceria, ao contrário, que a reintegração de um objeto transportado, mesmo instantânea, não poderia fugir a um olhar que observa o fenômeno e, de fato, nos outros casos que me disponho a citar, os experimentadores verificaram tal fase de condensação fluídica. Concluo daí que, presumivelmente, a causa da perplexidade em exame tem origem em uma imperfeita descrição do relator que narra que, na concha da mão da médium, *viam-se cair* ou *eram depositados* os objetos transportados, esquecendo-se de explicar se os mesmos apareciam no côncavo da mão como por encanto ou se, ao contrário, eram vistos tombar do alto, como aconteceu com as bolinhas do jogo da “Crosse”. Neste último caso tudo se explicaria, já que, se a fase de condensação do objeto transportado se verificava fora da restrita zona de observação, era natural que os seus olhares não o observassem.

**Caso XXVIII** – Extraio os seguintes episódios do pequeno volume de Henri Sausse, apóstolo do magnetismo curador e valente hipnotizador, intitulado *Des Preuves? En voila!* (Provas? Ei-las!).

Ele magnetizava ou, se quisesse, hipnotizava uma jovem de nome Louise com o fim de obterem diagnósticos e prognósticos para consulentes e, como de costume ocorre em tais casas, a sonâmbula começou a falar em nome de personalidades espirituais a que chamava *guias*, os quais produziam fenômenos de ordem mediúmica, inclusive inúmeros *transportes* em plena luz, cujo início descreve o narrador da seguinte maneira:

“Durante o sono sonambúlico, Louise me dizia frequentemente que os seus *guias* a levavam a jardins esplêndidos, onde se respirava delicioso aroma de flores. Na noite de 18 de janeiro de 1884, coloquei-a em estado sonambúlico e ela me disse que via flores mais belas do que nunca vira. O ambiente estava fartamente iluminado e eu me achava perto dela e a saturava de “fluidos magnéticos”. De súbito, ela exclamou: “Oh, que linda flor! Os *guias* me dizem que a trouxeram para vós.” Eu falei: “Então colhei-a.” E ela acrescentou: “Ei-la. Segurai-a.” Isto dizendo estendeu, na minha direção, a mão direita aberta e, sob os meus olhares,

em plena luz e a uma distância aproximada de 30 centímetros, vi formar-se e materializar se, na palma de sua mão, uma soberba rosa chá.

Esse fenômeno, absolutamente inesperado, encheu-nos todos de alegria e esperança, pelo que resolvemos resolutamente prosseguir em nossas experiências.

Devo acrescentar que, no momento em que a sonâmbula disse: “Ei-la. Segurai-a.”, senti violentas contrações no peito e, quando quis colher a rosa de sua mão, tive que esperar que cessasse a catalepsia da mão, a qual me havia endurecido os dedos.

O fenômeno se repetiu no dia 9 de fevereiro, dia em que me foram transportadas três rosas chá. Os cabos delas pareciam frescos, como se tivessem sido cortados naquele mesmo instante. Ademais as flores e as folhas estavam umedecidas de orvalho, cujas gotinhas brilhavam como diamantes à luz do lustre. Desta vez, a disposição dos fluidos fora maior e todo o corpo da sonâmbula ficara rígido por efeito da catalepsia.

Perguntei à sonâmbula: “Qual a causa que provoca este seu estado cataléptico?” Ela me respondeu: “É a dispersão dos fluidos vitais necessários ao trabalho da materialização. Quanto maior quantidade perco bruscamente tanto mais a contração se faz geral e se vós não interviésseis para restabelecer em mim o equilíbrio fluídico, eu não poderia por mim só obter resultados apreciáveis ou bem a minha saúde se ressentiria gravemente. Para chegar à produção destes fenômenos, não só é preciso o desprendimento de uma grande quantidade de fluidos meus como também devo fazer uso abundante dos vossos, quando me magnetizais, ou então os subtraio de vós e dos presentes no momento mesmo em que se produz o fenômeno de materialização de objetos transportados. Trata-se de um fenômeno muito delicado e bem complexo do qual eu mesma me certifico apenas vagamente, pelo que não estou em situação de poder explicar as suas modalidades. É um processo por demais interes-

sante, mas, por hora, é bastante saber que eu sem vós e vós sem mim nada poderemos conseguir.”

Em outra circunstância referida por Henri Sausse na *Revue Spirite* (1921, pág. 381), a mesma sonâmbula logrou ministrar importantes dados acerca das modalidades com que se verificam os fenômenos de *transporte*. Informa ela:

“Durante a desmaterialização, vejo as moléculas do objeto se desintegrarem e se separarem singularmente, ainda que conservando cada uma a sua respectiva posição. Adquirem, em tal forma, dimensões muito maiores, porém a forma inicial do objeto não varia. Nesse novo estado fluídico, os objetos não estão submetidos às leis da gravidade e à impenetrabilidade. Podem atravessar a matéria, sem deixar sinal algum de sua passagem, como podem também manter-se indefinidamente no novo estado, sem alterações. Para a rematerialização, produz-se o fenômeno inverso: as moléculas que constituem o objeto voltam a tomar o seu lugar primitivo, mas esse processo se cumpre bruscamente e requer do médium um gasto de força psíquica que, às vezes, é muito grande. Devido ao dispêndio feito, a catalepsia resulta parcial ou total, porém de todos os modos, todo fenômeno se produz em detrimento das forças do médium, cuja saúde poderia ressentir-se se o gasto de força se repetisse com muita frequência.”

Eis outro episódio semelhante aos anteriores e sucedido após longo período de interrupção das experiências, por causa do estado de saúde da médium. Escreve Henri Sausse:

“A 28 de fevereiro de 1886, perguntei à Louise, em estado sonambúlico: “Vê ainda os nossos *guias*?” “Sim”, respondeu ela. “Então lhes peço para nos transportarem um objeto qualquer e isto afim de que você readquirira a confiança que perdeu em si mesma e nos demonstrarem, mais uma vez, que ainda e sempre nos assistem.” A essas palavras, a sonâmbula estendeu a mão aberta, debaixo da luz brilhante da lâmpada do centro, e exclamou: “Olhai!” Sem que a sua mão fizesse o menor movimento, sem que os nos-

sos olhares deixassem por um só momento de observá-la, vimos formar-se, na cavidade daquela mão, uma minúscula nuvenzinha do tamanho de um ovo, nuvenzinha que se foi rapidamente condensando para logo transformar-se em uma “violeta de Parma”, cujo delicioso perfume se fez sentir em seguida. O fenômeno foi produzido em ideais condições de observação.”

O primeiro e o terceiro dos fenômenos referidos constituem dois admiráveis exemplos de fenômenos de *transporte*, nos quais os experimentadores puderam assistir, em plena luz, à condensação fluídica dos objetos transportados. No segundo episódio, o relator nada diz a respeito do mesmo detalhe, mas, em troca, diz que as flores transportadas estavam umedecidas de orvalho, cujas gotas brilhavam como diamantes, debaixo da luz da lâmpada, o que fornece outra boa prova para a demonstração da genuinidade dos fatos, enquanto a rigidez cataléptica, em que caia a sonâmbula, serve para confirmá-lo logo.

Ao mesmo tempo, é evidente que os episódios em que os assistentes vêem, em plena luz, os objetos transportados, excluem, de forma categórica, toda a possibilidade de fraude.

Eliminada esta, a outra hipótese, das “alucinações coletivas”, não poderia ser apresentada contra a realidade dos fatos, porque os objetos, que se materializaram debaixo dos olhares dos experimentadores, ficaram em seus lugares, ao passo que a hipótese extrema do embuste geral por parte dos narradores e dos experimentadores (faço notar que muitos relatos do gênero levam as firmas de todos os assistentes) não é séria, nem sustentável, e não merece ser tomada em consideração, pois não é logicamente possível duvidar-se do testemunho de tantas pessoas honestas.

**Caso XXIX** – Tiro-o do notável livro do Sr. Clive Chapman intitulado *The Blue Room* (pág. 44), no qual ele narra as suas próprias experiências de *voz direta em plena luz* com o auxílio da mediunidade de sua própria sobrinha, Srta. Pearl Judd. Esta, antes de chegar à nova fase de sua mediunidade, produziu manifestações físicas de todas as espécies, entre as quais se incluem fenômenos de *asport* e de *apport*, que quase sempre o Sr. Cha-

pman pedia e obtinha quando os membros de sua família se achavam reunidos para refeição. Numa de tais vezes, deu-se um episódio no qual já foi possível observar, em plena luz, a fase de reintegração do objeto transportado. O Sr. Chapman o relata nos seguintes termos:

“Disse que me arriscava a perder uma nota de dez xelins... Isto dizendo, dobrei-a várias vezes, reduzindo-a a um quadradozinho e a coloquei em cima da mesa, cobrindo-a com um livro. Algum tempo após, levantei o livro e a vi ainda. Começava a duvidar do êxito da experiência, mas, olhando pela segunda vez, vi que a nota havia desaparecido de debaixo dele. Quando fiz tal descoberta, entrou a mesa em vivíssima vibração, o que, no código mediúnico convencional, queria exprimir “hilaridade” por parte da entidade espiritual. Terminada a refeição, começou-se a esvaziar a mesa imediatamente e, quando a minha sobrinha estava pondo alguma louça na prateleira, fora do aposento, defronte da porta e, em conseqüência, tinha as costas voltadas para nós, lancei o olhar para a mesa e vislumbrei uma espécie de nuvenzinha do tamanho de alguns centímetros, a qual se achava a cerca de um pé da borda da mesa. Através da mesma, divisei o desenho do tapete, mas ela logo se moveu, se condensou, solidificando-se. Chamei a atenção de todos para o fenômeno e, momentos após, estava aquela nuvenzinha convertida em minha nota de dez xelins, dobrada assim como eu a havia dobrado. Foi esta a única vez que nos foi dado assistir à materialização de um *transporte* diante de nossos olhos atônitos.”

O episódio supracitado foi observado em condições de manifestação incontestável, notando-se que, no momento em que ele se produzia, a médium se achava longe da mesa e colocando louças na prateleira, com as costas voltadas para o ponto em que se verificava o fenômeno.

Como já tive ocasião de dizer bastas vezes, nas modalidades com que se produzem os fenômenos de *transporte* notam-se, muitas vezes, particularidades que espantam os profanos, de modo a torná-los perplexos e incrédulos, mesmo quando se

acham na impossibilidade lógica de negá-los. E, no caso exposto, há o detalhe de uma nota de dez xelins, dobrada pelo experimenter em um pequeno quadrado, a qual surge da nuvem fluídica na forma mesmo em que ele a tinha reduzido.

A respeito da possibilidade de tais restituições supranormais de objetos em condições absolutamente idênticas à precedente, convém repetir as explicações fornecidas pela sonâmbula do Sr. Sausse, que assim se explicou:

“Durante a desmaterialização, vejo as moléculas do objeto se desintegrarem e se separarem singularmente, ainda que conservando cada uma a sua respectiva posição. Adquirem, em tal maneira, dimensões muito maiores, porém a forma inicial do objeto não muda. Para a rematerialização, produz-se o fenômeno inverso: as moléculas que constituem o objeto voltam a tomar o seu lugar primitivo...”

Este o esclarecimento da sonâmbula, o qual deve ser racionalmente aceito, já que não se mostra só de acordo com quanto explicaram numerosas outras personalidades mediúnicas, mas completa, admiravelmente, a explicação destas últimas, acrescentando o detalhe das moléculas que, dissociando-se, conservam cada uma a respectiva posição que ocupavam na formação do objeto, tornando possível, com isto, o fenômeno da reintegração perfeita do mesmo objeto.

E, assim sendo, mostra-se então razoável e também inevitável que uma nota, com várias dobras, tenha sido rematerializada, nas condições a que fora reduzida antes da experiência.

**Caso XXX** – Colho o seguinte episódio em uma narração enviada à Revista francesa *Psychica* (1921, pág. 133), pelo Sr. A. Collas, que a completou com uma longa série de informes ilustrativos, fornecidos em resposta a um questionário apresentado pela direção da revista. Esclarece ele:

“Marie Louise, a médium, é filha de operários. Por ocasião de nossa experiência, podia ter de 25 ou 26 anos e era empregada em um negócio. Sua inteligência é comum, a instrução limitada e o temperamento impulsivo. Depois de conhecê-la de perto, tem-se a impressão de se estar diante

de um ser cujo físico não combina com o psíquico. Noto, além disso, ligeira tendência para a “idéia fixa” sob a forma de enfermidade imaginária ou outras preocupações semelhantes...

Nossas experiências prolongaram-se por dois anos e meio, com duas sessões semanais, um quarto das quais negativas.

Do ponto de vista teórico, não pude obter prova concreta de identificação espiritual, por isto deixo de pronunciar-me em relação à gênese presumível dos fenômenos...”

Após esta narração, onde há esclarecimentos a respeito da médium e do modo como se desenrolaram as experiências, passo, sem mais delongas, a relatar a episódio em apreço.

Explica o relator que, certa vez, a médium portou-se de maneira estranha durante a refeição, o que indicava ter caído espontaneamente em estado de sonambulismo e então a mesa elevou-se logo, a luz exuberante do lampadário foi amortecida e começou a sessão. Depois do que assim prossegue:

“A médium saiu lentamente do estado cataléptico, ergueu-se e dirigiu-se para o lampadário, junto ao qual eu me encontrava e a observava, em plena luz, a uma distância máxima de 50 centímetros. Colocou as mãos uma em frente da outra e procedeu como se manipulasse qualquer coisa. De fato, suas mãos se destacavam, alternadamente, até uns 50 a 60 centímetros, depois voltavam a uns 12 ou 15, enquanto não cessava de manipular algo de invisível. Pouco a pouco, porém, começou a ver-se-lhe por entre as mãos uma nebulosidade opalescente, depois um delicado véu de fumosidade esbranquiçada e trêmula, que se formava à esquerda, se extinguia para tornar à direita. Apareceram depois filamentos tênues como de teias de aranha, que se tornaram mais espessos e consistentes, tomando o aspecto de um tecido que, com rapidez fulmínea, variava de densidade e de forma. De repente, todos nós vimos, em suas mãos, um pedaço de pano, de cerca de meio metro quadrado, de cor amarela brilhante, semelhante à seda. Pudemos acompa-

nhar, em quase todas as fases, o processo de materialização e desmaterialização. Terminado o fenômeno, a médium ficou com os membros lassos e caiu por terra como um corpo morto.

Podíamos dar-nos por mais do que satisfeitos, já que raramente é possível assistir-se a um espetáculo semelhante, entretanto esperava-nos um outro, que foi como que a apoteose de nossas experiências...

Pela terceira vez a médium caiu ao chão e pudemos assistir a uma cena inesquecível. Suas feições tornaram-se cada-véricas, impressionantes, pois parecia efetivamente morta. Simultaneamente, porém, seu corpo ficou mergulhado em flores: rosas, violetas, cravos, todas peroladas de noturno orvalho e exalando delicioso perfume. Que enorme mistério! Éramos seis e cada um de nós levou para casa um ramo daquelas flores.”

Na resposta ao questionário que lhe apresentou o diretor da revista, o redator, tornando ao fenômeno de materialização do pedaço de pano, observou:

“Dir-se-ia que a matéria gerada, ou regerada, condensa-se por *linhas de força*, que um ocultista definiria como a “trama astral do tecido produzido” e que teria por centro de condensação as mãos da médium. Em nossas experiências, depois de certo número de alternativas preparatórias, parecia que a totalidade das moléculas que constituíam o objeto transportado se precipitavam repentinamente *sobre uma espécie de trama que vagamente conseguíamos vislumbrar.*”

Esta última importantíssima observação do relator é bem oportuna por completar a elucidação sugerida para o caso precedente, em relação com a modalidade com que se determina a desintegração e a reintegração das moléculas que constituem os objetos transportados. Viu-se, consoante os resultados obtidos, que em tal circunstância podia-se inferir que as moléculas dissociadas conservavam no espaço a sua respectiva posição. E agora, com a observação complementar deste outro experimentador, segundo a qual “parecia que a totalidade das moléculas que

constituíam o objeto transportado se precipitavam instantaneamente *sobre uma espécie de trama que os experimentadores vagamente conseguiam descortinar*, faz espantar na mente a idéia de que os experimentadores tenham tido ali a visão do *duplo etéreo*, primitivo e intangível, que fazia o papel de trama, sobre a qual se precipitariam, condensariam e materializariam, pela lei da afinidade, as moléculas dissociadas que, em nosso caso, constituíam o corpo do objeto transportado.” Daí se conclui que, se assim for, seremos logicamente levados a generalizar, de forma bem mais ampla e fecunda, tal princípio ou “lei da natureza”.

Observo, a propósito, que as considerações expostas se ajustam indissolúvelmente com o que expus em outro trabalho intitulado *Pensamento e Vontade* – forças plásticas e organizadoras, onde citei quatro exemplos altamente sugestivos em demonstração da existência de um fato biológico ignorado: o da circunstância de que o desenvolvimento e a organização dos seres vivos, animais e vegetais, parece dar-se por efeito de uma trama fluídica preexistente sobre a qual viriam a fixar-se, por um processo lento e contínuo, as moléculas orgânicas fornecidas pelo sangue, nos seres vivos, e pela linfa, nos vegetais. Parece, portanto, que nos fenômenos de *transporte* se assiste à exteriorização do mesmo princípio, pois, neste caso especial, a precipitação molecular se verificava tanto de forma rápida como lenta e contínua.

Em reforço ulterior da tese propugnada, lembro uma frase do Dr. Schwab no relato da experiência por ele realizada com a Sra. Marie Volhart, (caso XI). Escreve ele: “Algumas vezes a médium declarava ter sentido sobre a sua cabeça uma pedra ou uma ferradura. Colocava-se, naquele momento, a mão sobre a cabeça dela, nada se sentia, mas *a fotografia revelava, entretanto, a presença do objeto designado...*” Observo que, se a fotografia revelava a imagem do objeto transportado, tal imagem não podia ser a representação do objeto como existia naquele momento, tendo-se em conta que, achando-se ele no estado de difusão fluídica, deveria aparecer em proporções relativamente enormes e, assim sendo, dever-se-á inferir que a imagem que ficou im-

pressa na chapa fotográfica *era a da trama astral do objeto transportado, isto é, da forma arquétipo do mesmo objeto*, aquela forma arquétipo sobre a qual se precipitariam repentinamente as moléculas que constituíam o objeto transportado no momento de sua materialização. O reparo em apreço apresenta-se teoricamente importante visto que, diante dele, lícito é afirmar que nos achamos em face de uma demonstração experimental incontestável da existência da “forma arquétipo” em discussão. Desta vez é a chapa fotográfica que lhe revela a existência e a chapa fotográfica não é capaz de alucinar-se.

Quanto ao nome com que se deve designar esta “substância-forma”, fundamento de tudo que existe e de todo o ser vivo, não é o caso para subtilezas: chama-se *trama astral* ou *duplo etéreo* ou *corpo etéreo* ou *corpo fluídico* ou *perispírito*. Qualquer nome se pode aceitar desde que estejamos de acordo sobre o que o vocábulo deve significar, isto é, que, para todas as coisas inanimadas e para todo o ser vivo, existe uma “forma arquétipo” fluídica ou etérea, que teria a propriedade de atrair a si, pela lei da afinidade, as variadas moléculas orgânicas ou inorgânicas necessárias à criação de toda coisa existente nos reinos mineral, vegetal e animal. É assim que reveste, de forma tangível, a forma invisível do modelo etéreo e, destarte, se esclareceria notavelmente o mistério impenetrável da organização dos seres vivos.

Claude Bernard já havia pressentido a solução do formidável mistério quando falou de uma “idéia diretriz” posta a serviço da organização dos seres vivos. Sua genial concepção pareceu aos fisiologistas uma audaciosa teoria metafísica, visto que subentendia a idéia da existência de uma finalidade na evolução biológica da espécie. Pois bem, com a investigação das manifestações metapsíquicas, começou-se já a perceber que a intuição de Claude Bernard tinha fundamento, pois tudo concorre para demonstrar a existência de uma “idéia diretriz” na organização da vida, a qual se apresenta com a formação de um duplo etéreo que precede o *corpo carnal*, evoluindo gradativamente com ele e está sempre em precedência a ele, porquanto lhe constitui a “trama” sobre a qual deverão convergir e concretizar-se todos os elementos da matéria organizada. Os quatro exemplos, por mim

referidos na monografia ora citada, já fornecem os primeiros núcleos de provas experimentais em tal sentido e a eles se vêm juntar agora as importantíssimas provas fotográficas obtidas pelo Dr. Schwab.

Quanto à questão da gênese puramente biológica ou transcendental do citado *corpo etéreo*, não é este o momento de discutí-la. Os fisiologistas e os biólogos de tendência materialista poderão admitir-lhe a existência sem renunciar às suas convicções, enquanto os estudiosos de qualquer ordem, isentos de preconceitos de escola, poderão perceber, com maior razão, no fenômeno em exame, uma prova admirável a mais em sustentação da tese espiritualista.

O Dr. Geley aproximou-se grandemente da concepção aqui considerada quando tentou dar um cunho científico à concepção metafísica de Claude Bernard. A propósito do mistério imperscrutável que envolve o fenômeno da organização dos seres, observou:

“Ou bem devemos contentar-nos com o inclinar-nos diante do mistério e declará-lo impenetrável ou termos a coragem de confessar que a fisiologia clássica está orientada em falsa direção. E, para compreender o mistério da forma específica, do desenvolvimento embrionário e pós-embrionário, da constituição e conservação da personalidade, das reparações orgânicas e os demais problemas gerais da biologia, basta admitir uma noção que não é nova certamente, mas que deve ser encarada de modo novo: *a de um dinamismo superior ao organismo e que o condiciona*.

Não se trata apenas da “idéia diretriz” de Claude Bernard, espécie de abstração, de entidade metafísico-biológica, mas de uma noção concreta, de um dinamismo dirigente e centralizador, dominando as contingências intrínseca e extrínseca, as reações químicas do meio orgânico bem como as influências ambientes do meio exterior.” (*De l’Inconscient au Conscient*, pág. 50).

Assim falou Geley e estou de pleno acordo com ele no achar necessário estabelecer a existência de um dinamismo superior ao

organismo e que o condiciona. Reconheço, porém, que a ampla exposição por ele desenvolvida em apoio de suas asserções, exposição baseada em dados biológicos e fisiológicos e já suficiente para tal fim, concorre eficazmente para preparar uma sólida base científica para a concepção metafísica da existência de uma “idéia diretriz” na organização da vida. Isto não impede que a concepção do Dr. Geley seja ainda um tanto abstrata e isto desde quando não se chegue a designar, sobre a base dos fatos, a modalidade com que esse dinamismo superior exercita sua influência dirigente e organizadora sobre a matéria e, se chegasse a designá-la sobre a base dos fatos, então ficaria demonstrado que, em um ambiente terreno, a existência de um dinamismo imanente é revelada pela criação de uma “trama etérea” que serve de forma arquétipo de todas as coisas existentes ou seres vivos. Pois bem, viu-se que a investigação dos fenômenos metapsíquicos fornece prova experimental da legitimidade científica de tal concepção, literalmente fundamental do ser.

Em minha monografia *Pensamento e Vontade*, apresentei a mesma questão, já não do ponto de vista da desintegração e reintegração consecutiva aos fenômenos de *transporte*, mas do da força plástica e organizadora do pensamento, por força da qual se conseguem as *fotografias do pensamento*, os fenômenos de *ideoplastia* e os de *materialização de fantasmas* e assim me exprimia a respeito:

“Sei que atualmente existem sensitivos clarividentes que, observando uma planta em curso de germinação ou a larva de um inseto, declaram, espontaneamente, sem que alguém haja pensado nisto, perceber, em torno da planta em germinação, a forma fluídica da mesma planta, em pleno desenvolvimento floreal, e, em torno da larva, a forma fluídica do inseto adulto. Tudo isto parece extraordinariamente sugestivo no sentido de que as formas fluídicas dos vegetais, dos animais e dos seres humanos aparecem antes das formas orgânicas em via de desenvolvimento, de modo que, pela lei da afinidade, as moléculas da matéria orgânica ficariam em estado de gravitar infalivelmente no órgão que lhes compete em virtude do modelo fluídico existente, no qual já

estava predeterminado o ponto preciso em que devia colocar-se cada molécula.

Assim dever-se-ia dizer, do mesmo modo, nos fenômenos de ideoplastia, que a “idéia diretriz”, originada na subconsciência do médium ou na vontade de uma entidade espiritual, se exterioriza em uma forma fluídica correspondente que atrai a si as moléculas do ectoplasma, as quais, pela lei da afinidade, se vai integrar na tal forma arquétipo, assim como no órgão que lhes compete, criando, em poucos instantes, um ser vivo perfeitamente organizado.

Igualmente, a “idéia diretriz”, que preside à origem e à evolução das espécies vegetais, animais e humanas, no ambiente terrestre, exterioriza-se em uma forma fluídica que precede à criação somática, cujas fases posteriores de desenvolvimento são igualmente precedidas pelas correspondentes “formas-arquétipos” fluídicas, destinadas a servirem de modelo em torno do qual se condensará gradualmente a matéria viva, que chega às individualidades vegetal, animal e humana pelo trâmite da nutrição fisiológica.”

Assim me exprimi na citada monografia, depois do que forneci exemplos correspondentes às observações formuladas, citando episódios de *sensitivos* que, em estado sonambúlico, viram emergir, de um botão de rosa e de uma erva do prado, a “forma-arquétipo” da rosa, plenamente desenvolvida, e das florzinhas do prado inexistentes, assim como viram emergir de uma lagarta a forma-arquétipo da borboleta, em que se deveria transformar. Citei, além disso, na mesma monografia, as interessantes experiências do prof. Ochorowicz nas quais se nota um caso de *desdobramento* da forma-arquétipo de um dedal de prata, que estava no dedo da mão esquerda dele e apareceu, na fotografia, na mão direita “desdobrada” da médium.

Em tal circunstância, perguntou o professor à personalidade mediúnica de “Stasia”: “Explica-me como sucedeu o fenômeno do dedal”, ao que a médium respondeu: “Subtraí ao dedal metálico a *parte fluídica* e a condensei em meu dedo.”

É claro, portanto, que a *parte fluídica* do dedal metálico, de que fala “Stasia”, corresponde ao que aqui se chama forma-arquétipo. Donde se conclui que no precedente trabalho já havia conseguido fornecer exemplos experimentais da existência de “formas-arquétipos” pertencentes aos reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. Faltava um exemplo que se referisse ao homem. Reproduzo, pois, o seguinte interessante episódio em que uma sensitiva vê sempre emergir do corpo do filho lactente uma forma fluídica do mesmo, mas em condições de desenvolvimento notavelmente avantajado sobre o menino real. Tal observação é devida ao Dr. Maxwell que, a respeito desse caso, escreveu ao Cel. de Rochas, que a publicou na sua obra *Les Vies Successives* (As vidas sucessivas). Refere o Dr. Maxwell:

“Conheço uma sensitiva que atualmente aleita uma criança. Trata-se de uma sensitiva notabilíssima que “vê” em condições de vigília. O menino que amamenta não é seu, mas lhe foi confiado desde o nascimento. Pois bem, essa senhora, principalmente quando se acha no escuro, vê, em torno da criança, uma “sombra luminosa” da mesma, porém com traços mais desenvolvidos e um tanto maiores do que o lactente. Tal sombra, na ocasião do nascimento, era menos aderente ao pequeno do que atualmente e parece integrar-se-lhe no corpo gradativamente. O pequeno tem agora 14 meses e a “forma fluídica” dir-se-ia aderente ao mesmo por dois terços.”

Estranha mas sugestiva observação, tanto mais se considerarmos que a vidente não poderia auto-sugestionar até o ponto de alucinar-se em um sentido tão contrário à experiência e ainda mais inverossímil e absurdo para a razão humana, enquanto, pelo contrário, se prova que essa persistente visão de um *duplo* de criança, em condições de desenvolvimento sobre a criança real, concorda admiravelmente com o que se vem expondo.

Resulta daí que, com apoio nestes últimos parágrafos, surge, em seu imponente complexo, a convergência maravilhosa de todas as provas em demonstração da tese aqui propugnada. De fato, dever-se-á reconhecer que as observações dos experimentadores e dos médiuns, a propósito da modalidade com que se

realizam os fenômenos de *transporte*, concordam, admiravelmente, com as dos sensitivos videntes, que percebem a “forma-arquétipo” dos vegetais, dos animais e das crianças em processo de desenvolvimento, entretanto o episódio da subtração, por parte de uma entidade mediúnica, do *duplo fluídico* de um dedal de prata, *duplo* que ficou impresso na chapa fotográfica, corresponde ao caso acima referido pelo Dr. Schwab, que conseguiu, por sua vez, fotografar o *duplo fluídico* de um *transporte* em vias de materializar-se.

Isto posto, dever-se-á concluir que as modalidades pelas quais se produzem os fenômenos de *transporte* não só harmonizam com as modalidades pelas quais se verificam os fenômenos da *fotografia do pensamento*, do *ectoplasma* e das *materializações de fantasmas*, como concordam igualmente com as modalidades pelas quais se determinam a organização e o desenvolvimento dos seres vivos nos três reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. Somos, pois, levados a concluir que uma só grande lei cósmica governa a evolução da matéria inorgânica na base da qual deverá colocar-se uma “idéia diretriz” (no que tinha razão Claude Bernard) e que se manifesta sob a forma de um “dynamismo superior imanente que condiciona os organismos e as coisas” (tinha, pois, razão o Dr. Geley) e o condiciona criando a “forma-arquétipo” fluídico, que constitui a trama essencial de toda coisa existente e de todo ser vivo (terceira inferência, que é reforço experimental das outras duas). Enquanto isso, a convergência de todas as provas, em demonstração e ilustração dos processos ocultos com os quais opera a natureza, assume o aspecto de uma nova e fecunda descoberta científica com fundamento na qual as disciplinas biológica, morfológica e psicológica chegarão finalmente a orientar-se em direção à verdade.

O Dr. Carmelo Samona, no seu livro *Psiche Misteriosa*, teve intuição clara da solução, em tal sentido, do mistério do ser. A propósito dos fenômenos mediúnicos de ordem física, argumenta nos seguintes termos:

“Esses fenômenos, em substância, demonstram a existência, em nosso organismo, de uma energia por nós agora completamente ignorada e que, segundo todas as aparên-

cias, não acha confronto em nenhuma outra conhecida e, quando projetada fora do organismo, pelo modo de agir, poderemos considerá-la (se me permitem a imagem) como *um arquétipo potencial invisível de nosso organismo visível* e que, em condições e por motivos que nos escapam, possui o poder de tornar-se sensível ao tato ou também à vista e, neste caso, *adensa a matéria em torno de si*. Certo é que tal energia deverá exercer, em nosso organismo, alguma importante função, que ora não percebemos, e tudo nos leva a crer que, provavelmente, o grande mistério do método com o qual a natureza cria o mecanismo da vida e as várias formas dos organismos complexos *segundo linhas predeterminadas reside, seguramente, nesta energia*, cujo campo de ação parece começar a desenvolver-se naquele ponto em que hoje a biologia não sabe dar mais um passo.” (obra cit., pág. 276).

Outro investigador que teve a intuição da verdade foi o professor Frederick Bligh Bond, arqueólogo que se tornou célebre por haver exumado, com o auxílio de revelações mediúnicas, as ruínas de duas grandiosas capelas que há muitos séculos se erguiam em torno da abadia de Glastonbury e que há outros sessenta anos eram procuradas em vão por numerosos arqueólogos. Ele, em um magistral trabalho intitulado *Athanasia* e publicado na Revista *Psychic Research*, órgão da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, a propósito do ectoplasma, assim se exprime:

“Parece demonstrado poder o pensamento, em certas contingências, criar uma forma psíquica, visto que determinada substância plástica não material pode assumir a forma que se desejar. Daí a legítima inferência de que toda forma pode ser considerada como a materialização de uma idéia, tendendo os biólogos modernos a aproximar-se desta última proposição em conseqüência de suas investigações especiais.

Como corolário de tudo isto, dever-se-á inferir que o mistério do nascimento se nos apresenta como devido a *um aglomerado de átomos físicos em torno de um núcleo etéri-*

*co preexistente, que seria o centro dinâmico do ser. Somos, pois, levados a concluir que as experiências de ectoplasmia já são suficientes para se considerar provado, na base dos fatos, que, na criação das formas, a imagem mental precede a imagem psíquica (ou etérica) e esta precede a consolidação física da mesma imagem. Resulta daí que dada uma estrutura ideal criada pela imaginação, esta tenderá a concretizar-se em uma forma etérica bem precisa que dará a si própria um corpo constituído de matéria sólida, tudo isso, bem entendido, desde que se apresentem as condições indispensáveis ao caso. Em outros termos, a “idéia” acabará por materializar-se no seu duplo simbólico.” (Psychic Research, 1929, págs. 193 e 199).*

O Dr. Gustave Geley, por sua vez, comparando a gênese dos órgãos e organismos, tal como se apresenta nos fenômenos de *ectoplasmia*, com a gênese dos órgãos e organismos tal como se mostra na autogênese do embrião, argumenta nestes termos:

“Do ponto de vista da filosofia biológica, que é, no fundo, a *ectoplasmia*? Nada mais é do que a reprodução, prodigiosamente acelerada, do gênero dos órgãos e organismos. A evolução metapsíquica das formas vivas comporta, assim, os mesmos ensinamentos que a evolução normal do embrião. Esta última reproduz, muito rapidamente, as fases sucessivas da evolução das espécies, obra de séculos incontáveis. A primeira nos oferece, igualmente, em um esboço maravilhoso e sublime, o espetáculo da criação, em poucos instantes, de seres vivos cuja formação normal requer longos anos. Quando a *ectoplasmia* for minuciosamente analisada em todos os seus detalhes, ela nos fornecerá, sem dúvida alguma, a chave do prodigioso mistério da vida.” (*L’Ectoplasmie et la Clairvoyance*, pág. 384).

Pois bem, noto que, nesta última afirmativa do Dr. Geley, acerca da enorme importância futura da *ectoplasmia*, como que se esboça um vaticínio já em vias de realizar-se e isto na base da análise estabelecida em torno das relações existentes entre os fenômenos da “fotografia do pensamento”, da *ectoplasmia*, dos transportes e da *visão clarividente*, reveladoras das modalidades

ocultas com que se desenvolvem uma flor, um inseto, uma criança. Essas relações são entre si complementares, delas surge uma verdade grandiosa e insuspeitada que, convém aqui repetir, invertendo a ordem das proposições precedentes expostas, isto é, observando que na base de tudo que existe e de todo o ser vivo se descobre uma *forma-arquétipo fluídica* reguladora de todas as condensações atômicas, a qual trai a origem de um misterioso *dinamismo superior imanente no universo*, dinamismo que, em última análise, é condicionado por uma *Vontade primordial infinita, imperscrutável, divina*, assim também, em última análise, os fenômenos da “fotografia do pensamento”, da *ectoplasmia*, das *materializações de fantasmas viventes* e dos *transportes em ambientes hermeticamente fechados* são também condicionados por um ato de vontade humana, subconsciente, que, segundo os casos, pode ser obra de um vivo ou de um morto.

Tenhamos, então, em mente, com base no que aqui se expõe, que nos achamos em presença de um *Ato Criador*, verdadeiro e peculiar, que tem suas raízes no poder oculto da psique humana com a conseqüência de identificar a individualidade pensante humana com o Poder Primordial, de cujo pensamento o universo não é mais do que a realização.

## Conclusões

Recordo que, na introdução à presente classificação, expliquei que me propunha unicamente a demonstrar, sobre a base dos fatos e das induções e deduções extraídas dos fatos, que os fenômenos de *transporte* deveriam ser considerados como reais, realíssimos, porquanto foram experimental e exuberantemente demonstrados por meio de variadas provas cumulativas, incontestáveis e resolutivas.

Essa demonstração se tornava necessária, porquanto a existência real desses fenômenos supranormais era ora vigorosamente negada, ora posta em dúvida por eminentes homens de ciência, profundamente versados nas disciplinas metapsíquicas e isentos de preconceitos misoneístas, entre os quais se achavam personalidades que já há muito haviam aderido à interpretação espírita de uma parte das manifestações mediúnicas. E, refletindo sobre as causas que determinavam esse persistente ceticismo nas altas fileiras dos dirigentes do movimento metapsiquista, convenci-me de que isto era devido ao fato de não se ter nunca pensado em reunir, classificar e analisar certo número de fenômenos de *transporte* em uma monografia especial e tal falta tinha como conseqüência que, embora existissem numerosos casos do gênero, produzidos em condições indubitáveis, se encontravam eles dispersos em livros e revistas e ficaram assim ignorados pela maioria dos cultores das pesquisas metapsíquicas. Sendo esses os motivos que me induziram a escrever a presente monografia, será útil mencionar as opiniões de alguns dos mais autorizados homens de ciência que se declararam cétricos ou ainda não convencidos dos fenômenos de *transportes* e da *penetração da matéria através da matéria*.

Para começar, recordarei que Hartmann, cuja mentalidade era de tal modo aberta a quaisquer novidades científicas, desde que fundadas sobre fatos, longe de deter-se frente à fenomenologia mediúnica, a aceitou quase integralmente, inclusive as materializações de fantasmas, mas fez exceção dos fenômenos de *transporte* e da *penetração da matéria através da matéria*, que classi-

ficou entre a “categoria dos fenômenos particularmente inverossímeis”. Quanto a Frank Podmore, este se manteve irreduzível com referência aos fenômenos de *transporte*, que explica, em massa, com a hipótese da “fraude” ou da “mentira” por parte de quem os referia. E, quando se encontrava frente a episódios em que parecia logicamente absurdo recusar a hipótese em apreço, então se refugiava na hipótese alucinatória, porém, como esta não parecia também sustentável por causa do testemunho coletivo, tinha distinções, sutis e laboriosas, a fim de explicar que não tencionava referir-se a alucinações patológicas propriamente ditas, a qual se compreende logo, não podiam sempre admitir-se nos casos de testemunhos coletivos, mas sim a uma categoria especialíssima de “ilusões” ou “falsas percepções” que, em muitos casos, teria representado somente uma “reação levemente anormal dos estímulos sensoriais” ou, em outras palavras, “uma percepção em que os processos associativos teriam feito emergir uma idéia falsa”. (*Modern Spiritualism*, vol. II, pág. 247).

Mas, nem mesmo com essa laboriosíssima e obscuríssima hipótese, combinada com outras, conseguiu Podmore dar explicação a certa série de fenômenos de *transporte* obtidos com médiuns acima de quaisquer suspeitas, em sessões dirigidas por hábeis experimentadores, nas quais a natureza dos objetos transportados excluía quaisquer formas de alucinações ou ilusões. Assim, por exemplo, ele se encontrou atrapalhado e contrariado com respeito aos fenômenos de *transporte* obtidos com a médium do prof. Flournoy, Srta. Helene Smith, e com a mediunidade do Rev. William Stainton Moses, e então Podmore saiu-se do obstáculo acusando os dois médiuns de haverem fraudado conscientemente (Idem, pág. 326).

Depois, veio o conde Petrovo Solonovo que, invés de admitir a existência real dos fenômenos de *transporte*, não hesitou, por sua vez, em acusar a integérrima pessoa do Rev. Moses de práticas fraudulentas. Argumenta ele nos seguintes termos:

“Sabe-se que as provas da realidade dos fenômenos *transporte* ligam-se, em sua maior parte, ao nome Rev. Stainton Moses, pois, a não ser dele, quase nada conheço de outros episódios do gênero, dignos de atenção. Ora, por is-

so, no que se refere a Moses, não pode haver dúvida sobre o fato de que a grande maioria dos fenômenos obtidos com a sua mediunidade, inclusive os *transportes*, é suscetível de ser explicada pela fraude, necessariamente consciente em muitos casos e talvez inconsciente em outros. Também reconheço que, logo à primeira vista, parece inverossímil que um homem de sua posição social se tenha divertido, durante anos, em mistificar os seus mais íntimos amigos, porém, como é muito mais inverossímil que ele tenha tido o dom de fazer chegar, não se sabe de onde nem como, inúmeros objetos, fazendo-os penetrar em ambientes hermeticamente fechados, através de portas e paredes, conservando, apesar de tudo, as suas formas primitivas, segue-se que, em tal contingência, só temos a escolher, como já foi dito, entre um milagre físico e um milagre moral, ou então entre uma *impossibilidade física* e uma *improbabilidade moral* e, assim sendo, não há motivo para hesitar-se na escolha.” (*Proceedings of the S.P.R.*, vol. XXV, pág. 415).

Em outras palavras: o conde Petrovo Solonovo põe a questão em termos simplistas: os *transportes* são “impossíveis”, portanto é claro que o Rev. Stainton Moses fazia truques! Mais “lógico” do que isto não poderia ser! Mas, ao contrário, se os *transportes* fossem *possíveis*, onde iria parar a lógica irrefletida do emérito crítico? Ele sentir-se-ia provavelmente atormentado pelos remorsos por haver caluniado e difamado uma das mais nobres e íntegras figuras do neo-espiritualismo. Mas, antes de caluniar o próximo com tanta leviandade, não teria ele talvez o dever de aprofundar, suficientemente, as suas próprias investigações sobre os *transportes* para não cometer a enorme tolice em afirmar que, fora dos casos obtidos com o Rev. Stainton Moses, não se haviam produzido outros fenômenos do gênero, merecedores de sua atenção? Seria difícil encontrar-se um descuido mais edificante do que este como prova de tamanha ignorância sobre um assunto por parte de quem, com tanta firmeza de juízo, acusa Moses de práticas fraudulentas.

Temos, até aqui, examinado uma forma de ceticismo de tal sorte gratuita e absurda que se tivesse de tratar unicamente desta

não seria caso de levá-la em consideração. Há, porém, eminentes investigadores que possuem prudência e experiência adequadas para não negarem levemente a existência dos fenômenos de *transporte*, mas que se sentem não poder acolhê-los sem uma construção lógica de provas literalmente esmagadoras e isso por força de considerações *a priori*, de ordem científica. Ora, era nesta categoria de duvidosos, que merecem estima e respeito, que eu pensava quando me propus a escrever a presente monografia, visto que a falta de coleções de casos de *transporte*, coordenados e comentados, os priva do material bruto de fatos indispensáveis que lhes vença as hesitações em aparência mais do que justificadas, persuadindo-os de que os fenômenos em apreço não só existem, mas são perfeitamente conciliáveis com as leis fundamentais e indeclináveis da natureza.

Um desses eminentes homens de ciência, também uma autoridade no campo das disciplinas metapsíquicas, mostrou-se sempre livre de qualquer espécie de preconceitos. Com isto faço alusão ao afamado físico inglês, professor Oliver Lodge, que, como físico, não sabe como compreender o fenômeno da *penetração da matéria através da matéria*. Em uma conferência realizada em Londres, na sede da *London Spiritualist Alliance*, expressou-se ele nos seguintes termos:

“E agora vos direi que o fenômeno que não chego a conceber é o da desintegração da matéria. Mas isto se dá realmente? Sabeis que, no caso dos *transportes* em ambientes hermeticamente fechados ou no caso de um objeto retirado de uma caixa bem fechada e lacrada, os experimentadores explicam que o objeto foi desmaterializado em um lugar e rematerializado em outro. Ora, observo que há vários séculos a matéria vem sendo estudada, analisada profundamente e que, baseados nos conhecimentos adquiridos sobre o assunto, parece excessivamente árduo supor-se que os átomos que constituem o objeto possam – assim direi – serem soltos e depois repostos no lugar. Mas poderia ser que houvesse outra explicação para os *transportes*? Poderão observar-me que, nestes últimos tempos, a natureza da matéria mudou, mormente de aspecto, para a vossa mentalidade e isto

por causa das descobertas feitas com relação à constituição interior dos átomos, descobertas que vos ajudam a compreender. Pode ser, mas eu não chego a formar um conceito do fenômeno e, por mais que me esforce, as dificuldades continuam intransponíveis. Daí concluo que serão precisas provas excepcionalmente importantes e decisivas para convencer-me de que o fenômeno da desmaterialização é real. E eu não saberia dizer onde se encontra a melhor das provas de tal natureza. Talvez algum de vós saiba mais do que eu a esse respeito, pois nunca tive ocasião de assistir a experiências que me convencessem da existência dos fenômenos da desintegração e reintegração da matéria.” (*Light*, 1927, pág. 184).

Também o professor Charles Richet ficou perplexo e duvidoso do fenômeno da *penetração da matéria através da matéria* e, em conseqüência disso, também a propósito dos *transportes*, se pronunciou, porém, em termos comedidos e prudentes. Escreve ele:

“Outro tanto obscura é a questão dos *transportes*, que subtendem a *passagem da matéria através da matéria* ou mesmo a criação da matéria: duas afirmativas que são igualmente extraordinárias... Tal fenômeno (da penetração da matéria) parece bem duvidoso. Possível sim, certamente, mas até agora não provado, apesar dos relatos das experiências com Stainton Moses. Igual incerteza, ou melhor, maior incerteza nota-se a propósito dos *transportes*. Não se conhece um só *transporte* cuja realidade esteja seriamente provada. Ao contrário, quase sempre, quando se analisa, com severidade, a narração de tais experiências, fica patente que houve fraude, como sucedeu com Bailey e com Anna Roth. Entendamo-nos: eu não nego os *transportes*. Dar-se-ia prova de uma temeridade imperdoável negando-se a possibilidade de qualquer fenômeno em metapsíquica. Limito-me, pois, a afirmar que a realidade dos *transportes* ainda não está experimentalmente demonstrada. As materializações de mãos estão absolutamente demonstradas. O mesmo se diga das materializações de corpos inteiros, conquanto se

observe muito mais freqüentemente mãos materializadas. Mas, no que respeita à *passagem da matéria através da matéria* ou o fenômeno análogo dos *transportes*, nenhuma prova satisfatória até agora foi dada e, assim sendo, será prova de prudência reservando-se o próprio juízo a respeito.” (*Traité de Metapsychique*, págs. 608/9).

Também o meu amigo, engenheiro Stanley De Brath, diretor da revista inglesa *Psychic Science* e autor de várias obras metapsíquicas de notável valor científico e filosófico, ficou perplexo diante dos fenômenos de *transporte*, embora, por sua vez, guarde-se bem de negá-los e reconheça que alguns dentre eles não possam ser explicados pela fraude, mas diante da questão da enorme energia necessária para conseguir-se a desintegração da matéria, que se impõe sobretudo aos homens de ciência especializados na Física, também De Brath duvida e recalca.

Escreve ele acerca do assunto em questão:

“Chega-se, enfim, à questão dos *transportes*, a respeito dos quais ainda não me declaro plenamente satisfeito. No nº de janeiro da *Psychic Science* foi publicada uma relação de Bozzano sobre o *transporte* de um blocozinho de pirite que se achava em cima de sua secretária, a dois quilômetros de distância do lugar em que se fazia a experiência. Em tal circunstância havia faltado a força necessária para reintegrar a matéria do objeto e acharam-se os móveis e os experimentadores cobertos de finíssima camada de pó de enxofre. Ora, o fenômeno da desintegração exige uma soma de energia tão formidável que, para mim, tal dificuldade se transforma em uma objeção quase insuportável. Contudo, é verdade que, nas experiências químicas, um pedaço de metal pode dissolver-se no ácido nítrico e formar um nitrato em que todos os átomos do metal desaparecem, embora estejam presentes, em forma invisível, na solução. Tudo isso demonstra que podem existir meios de desintegração que não reclamem grande dispersão de energia.” (*Psychic Science*, 1929, pág. 119).

Em outra parte da mesma revista (pág. 83), argumenta ele sobre o mesmo tema:

“O fato pelo qual fica demonstrado que um átomo, que é constituído de *prótons* e *elétrons*, contém dentro de si mesmo mais *espaço* do que substância não nos ajuda muito a compreender a possibilidade da *passagem da matéria através da matéria.*”

E em um fascículo anterior da mesma revista (pág. 8), havia dito ele:

“No que concerne aos fenômenos de *transporte*, achamos-nos ainda no período em que se deve provar que realmente eles se produzem. Em certo ponto de vista, as sessões de Millesimo são importantes, mas os experimentadores não se devem esquecer de que as provas demonstrativas da existência real dos *transportes* não equivalem a um décimo das provas que existem em favor da *fotografia transcendental*, a qual ainda não foi aceita, como provada, por muitos investigadores em metapsíquica.”

Como se vê as dúvidas e a perplexidade do engenheiro Stanley De Brath têm, como causa, as mesmas considerações, de ordem científica, formuladas pelo professor Oliver Lodge. Não serei eu quem ousará discutir sobre energia física com duas sumidades especializadas em tal ramo de ciência e, ao contrário, declaro que compreendo toda a força de sua objeção sobre o enorme emprego de energia para obter a desintegração e a reintegração instantânea de qualquer objeto, mas... como fatos são fatos, segue-se que, do meu ponto de vista, o debate não pode ser sobre a questão da gênese da energia necessária para desintegrar um *transporte*, mas unicamente a respeito do melhor modo de convencer os eminentes homens de ciência acima referidos de que os fenômenos de *transporte* são reais, realíssimos. Depois de isto conseguido, chegará à vez de discutir a fundo e tentar-se penetrar no grande mistério implícito no fato de que um fenômeno físico, que reclama enorme soma de energia impossível de retirar-se do médium e dos assistentes, sucede, apesar de nossa incapacidade em compreendê-lo.

E, em minha opinião, dever-se-á terminar por admitir que, no caso dos *transportes*, não se trata somente de energia física, mas, acima de tudo, de energia psíquica, liberada por um ato de vontade subconsciente ou exterior.

Que sabemos nós das presumíveis reservas de energia existentes, em potência, no espírito humano e capazes de produzir, na matéria, explosões formidáveis de energia física? Noto, a propósito, que, se se admitir que a vontade subconsciente ou extrínseca pode chegar a tais cumes portentosos de potencialidade para materializar, quase instantaneamente, um fantasma, extraindo a substância necessária do organismo do médium e da atmosfera, certamente não é de maravilhar-se se a mesma vontade chega a realizar o prodígio, bem mais modesto, de desintegrar um objeto.

E, a propósito da soma formidável de *energia física* presumivelmente liberada por um ato de vontade subconsciente, não será inútil que eu cite um trecho de certa mensagem transcendental que faz referência a tal assunto: as boas idéias e as elucidações racionais em torno do mistério do ser são sempre bem vindas de onde quer que cheguem, visto que o seu valor é intrínseco. Em uma coleção de “revelações transcendentais” em que são dados ensinamentos espirituais caracterizados por uma penetração filosófica e científica altamente impressionante e sugestiva, coleção que se intitula *The New Nuctemeron* (médium Sra. Marjorie Livingstone, espírito comunicante Apolônio de Tiana), argumenta-se nos seguintes termos sobre o assunto:

“A matéria é interpenetrada pela *força* e o único poder capaz de controlá-la é a *força* correspondente e imanente no espírito humano. Tal *força* é o “elemento da vida”, a qual origina de Deus e, em conseqüência, confere à humanidade absoluto domínio sobre a matéria. Não só isto, pois o “elemento da vida” tem o poder de renovar as suas próprias reservas, subtraindo *força* ao Infinito...

Os homens de ciência se vão orientando rumo à descoberta de tal *força*, mas não lhes será concedido atingir o alvo enquanto a humanidade não estiver bastante madura para o grande acontecimento... Nas condições atuais em que

vivem os povos, seria perigoso, mesmo perigosíssimo, se o homem descobrisse a própria onipotência sobre a matéria. No tempo de hoje, os povos ainda são dominados e obsediados pelo instinto do mal e, enquanto não estiverem redimidos de tal degradante estado da alma, é indispensável que o homem, para a sua própria salvação, ignore a sua onipotência subconsciente, porque, se assim não fosse, dela se serviria para destruir a si próprio, a humanidade e a matéria, que é condição de vida para ele.”

Estas as afirmativas da personalidade espiritual comunicante. Que profunda verdade se oculta nas últimas considerações expostas! É mesmo verdade que, na hora presente, em que assistimos aterrorizados, a um bárbara porfia entre as nações a fim de descobrir o gás asfixiante mais eficaz para se destruírem reciprocamente numa guerra mundial, não apenas nas fronteiras mas onde quer que exista um centro habitado em toda extensão de um Estado – digo a verdade – se fosse concedido ao homem descobrir a *força cósmica* posta a serviço da vontade humana, os povos dela se aproveitariam para se anularem mutuamente!

Do ponto de vista que diretamente nos concerne, observo que o referido domínio da vontade sobre as *forças cósmicas*, domínio que se deveria considerar em sua dúlice manifestação, anímica e espírita, nos revelaria a origem da enorme soma de energia empregada no fenômeno da desintegração e reintegração instantâneas dos objetos transportados, ou, no outro fenômeno de *materialização de fantasmas* com desintegração e reintegração parcial e instantânea do corpo do médium e, em menor grau, no fenômeno das *levitações* de pessoas ou de mesas pesadíssimas, o que estaria de perfeito acordo com o que já se conhecia experimentalmente acerca do *pensamento* e da *vontade* no mundo dos vivos.

Basta. Voltando ao assunto em pauta, observo que, mesmo que se quisesse fazer abstração das considerações expostas, continua sempre claro que o melhor modo de vencer a controvérsia científica em discussão é o de demonstrar, com provas de fato, variadas e cumulativas, a existência real dos fenômenos de *transporte*; por isso a presente classificação é o que de mais

prático se poderia opor às dúvidas científicas formuladas pelos professores Oliver Lodge, Charles Richet e Stanley de Brath.

Achando-se as coisas nesses termos, alegro-me com o meu trabalho, no qual se acham reunidos e comentados seis casos importantes relativos ao fenômeno da *penetração da matéria através da matéria* e trinta casos de *transporte* que, na realidade, *montam a um cento*, visto que muitos dos casos em apreço são os resultados de várias experiências. Rejubilo-me, digo, porque ele será notavelmente proveitoso aos eminentes cientistas acima citados, concorrendo valiosamente para dissipar, em suas mentes, as legítimas perplexidades teóricas por eles formuladas. A esse propósito apresso-me em indicar ao professor Charles Richet que os episódios aqui considerados diferem radicalmente daqueles a que ele se refere, citando os médiuns Bailey e Anna Roth, e diferem radicalmente porquanto os episódios por mim reunidos, em grande parte, foram obtidos *a pedido* e porque foram os objetos de proporções tão grandes que não poderiam ser ocultados em parte alguma ou se demonstraram de tal gênero que não poderiam ser conservados integrais sob o corpo da pessoa (recordo os “*transportes* de gelo e neve”) ou foram conseguidos em plena luz ou, enfim, porque se pôde assistir à fase de reintegração do objeto transportado. Todas essas circunstâncias excluem, de modo definitivo, qualquer possibilidade de fraude.

Com isto considero esgotada a discussão sobre a finalidade a que me propus no presente trabalho e quanto ao método de pesquisas adotado para chegar a essa finalidade. Resta recordar que, nos comentários aos casos por mim referidos, tive o cuidado de acumular provas sobre provas para a demonstração de uma outra verdade incontestável: a de que os *transportes* se produzem por força de processo, quase instantâneo, de desintegração e reintegração que parece tão árduo aos eminentes cientistas já citados, processo que algumas vezes assume forma inversa com desintegração e reintegração de um furo nas portas e nas paredes, o que não muda a essência do fenômeno. Por brevidade, não resumirei aqui toda a argumentação adequada desenvolvida no texto em demonstração de tal verdade, limitando-me a recordar

as considerações principais: em primeiro lugar, a circunstância dos *transportes* de pedra ou de metal que bastas vezes foram encontradas tépidas, quentes ou ardentes, conforme a estrutura atômica dos mesmos objetos, o que, sobre a base das transformações físicas, dever-se-ia realizar se nos achássemos diante de um fenômeno de desintegração e reintegração rapidíssima dos átomos constituintes da matéria.

Noto, a propósito, que não se poderia encontrar outra explicação para o fenômeno térmico em apreço, fora desta aqui considerada e esse é um detalhe de grande eloqüência demonstrativa.

Recordo, em segundo lugar, os casos referidos, de experimentadores que, em plena luz, assistiram ao fenômeno de reintegração do objeto transportado e é este também um detalhe de importância resolutiva. Lembro, em terceiro lugar, a circunstância de que, ao serem interrogadas a respeito, as personalidades mediúnicas (que deveriam saber o que fazem e como o fazem) informaram, concordes entre si, que desmaterializavam e rematerializavam os objetos transportados ou uma seção adequada das portas ou das paredes, concordâncias estas bem importantes tanto mais que os médiuns, por meios dos quais foram obtidas as explicações, ignoravam, absolutamente, que entidades mediúnicas tivessem antes dado informações idênticas. Acrescento, enfim, que recentemente, por iniciativa do *British College of Psychic Science*, de Londres, foram feitas numerosas tentativas a fim de serem fotografados os *transportes* no instante mesmo em que se reintegravam e, com a mediunidade do Sr. Lynn (um mineiro), obtiveram-se várias fotografias muito animadoras. Entre outras coisas, chegou-se a fotografar uma colherinha de sal no momento mesmo em que se materializava. Nessa fotografia, publicada no n° de julho de 1929 da *Psychic Science*, observa-se que a colherinha está provida de um longo pedúnculo retorcido, o qual, presumivelmente, se liga ao médium e serve para fornecer a energia necessária ao trabalho.

Parece-me, portanto, que se deva considerar também resolvida essa questão das modalidades com que se realizam os fenômenos de *transporte*. Naturalmente, ao afirmar isto, não tenciono presumir que os homens de ciência tenham de considerar-se

compensados de quanto tenham feito, até agora, nesta parte das pesquisas psíquicas; muito ao contrário, têm eles o dever de recomeçar a questão por conta própria, experimentando pacientemente, analisando e controlando os resultados conseguidos pelos seus predecessores, pois que somente a eficácia cumulativa de um grande número de experiências concordantes pode conferir a um fenômeno, ainda não conquistado pela ciência, o valor experimental exigido. Isto, porém, não impede que no restrito ambiente dos iniciados nas investigações metapsíquicas, isto é, no terreno dos competentes no assunto, não se possa reconhecer, desde já, o valor incontestável das provas fornecidas pelos casos aqui considerados. Quanto aos não iniciados na nova ciência, esses poderão esperar e é bom que esperem.

Termino, referindo-me, de passagem, à questão teórica vertente sobre a gênese presumível dos fenômenos de *transporte*. A esse propósito, apresso-me a observar que os fenômenos em exame, por serem de ordem física, não podem por si mesmos fornecer provas diretas em demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano, mas, ao mesmo tempo, acrescento que a hipótese espírita não tem necessidade dos *transportes* para ser demonstrada.

De qualquer sorte, os fenômenos de *transporte* poderiam fornecer boas provas *indiretas* em tal sentido, levando-se em conta que os mesmos se realizam com o auxílio de faculdades supra-normais inerentes à personalidade integral subconsciente, assim como inerentes já se revelaram as faculdades de clarividência no presente e no futuro. Tudo isso significa que, na personalidade humana integral, encontram-se, em estado latente, potencialidades maravilhosas de toda sorte, as quais, não tendo escopo algum durante a existência terrena, deverão ser consideradas atividades e faculdades espirituais em estado latente na subconsciência, à espera de emergirem e se exercitarem em um ambiente apropriado depois da crise da morte. Já o afirmiei repetidas vezes: o animismo prova o Espiritismo e se não houvesse fenômenos anímicos faltaria base ao Espiritismo.

Não ignoro que um eminente fisiologista, benemérito das disciplinas metapsíquicas, enquanto sempre afirmou corajosamente

a existência real de uma casuística supranormal, mesmo sem renunciar as suas convicções teóricas em torno do “pensamento função do cérebro” não ignoro que esse fisiologista tentou recentemente explicar biologicamente a existência das faculdades supranormais subconscientes, pressupondo que elas representam um “sexto sentido” em gestação, o qual se preparava para emergir e fixar-se estavelmente na espécie humana. Não mencionarei aqui as observações de fato, de ordem biológica, fisiológica, etnológica, histórica e metapsíquica que contradizem, de modo resolutivo, tal ponto de vista e não o farei porque demasiadas vezes já as discuti em outros trabalhos meus.

Limito-me, portanto, a considerar a hipótese do “sexto sentido” sob outro ponto de vista e é que tudo concorre para demonstrar que as faculdades supranormais subconscientes nunca se tornarão normais e isto porque são inconciliáveis com as condições em que se realiza a vida terrena.

Se a clarividência no presente e no passado, combinada com a leitura do subconsciente “alheio” se tornasse um “sentido biológico”, em tal caso ficariam para sempre violadas e demolidas as condições essenciais de toda a convivência social, o que quer dizer que os segredos mais íntimos e mais zelosos com que se desenvolve a vida privada individual, conjugal, familiar, estariam à mercê de todas as comadres linguarudas e de todos os mandriões da vizinhança.

E, se a “clarividência no futuro” se tornasse, por sua vez, um “sétimo sentido”, ficaria paralisada toda iniciativa humana e cada indivíduo não teria senão que cruzar os braços, esperando fatalmente desenvolver-se e cumprir-se, matematicamente, o seu próprio destino, previsto e inevitável, e se os fenômenos de *transporte* se tornassem um “oitavo sentido” então cada um poderia tomar, impunemente, do próximo tudo que lhe agradasse: haveres, tesouros, riquezas. E parece-me que basta.

Noto que, das observações expostas, surge uma outra consideração rigorosamente lógica, embora bastante curiosa, e é que somente aos propugnadores da existência e da sobrevivência da alma é racionalmente concedido afirmar a *origem subconsciente* dos *transportes*, das premonições, das precognições, das profeci-

as, das visões clarividentes no presente e no passado, bem como dos fenômenos de *ideoplastia*. Aos positivista-materialistas não é logicamente concedido atribuir as manifestações em apreço aos poderes da subconsciência sem caírem em uma enorme contradição de termos, visto que, com isto, teriam de admitir que existam, na subconsciência, faculdades supranormais maravilhosas, emancipadas dos vínculos do tempo e do espaço, mas destinadas a permanecer sempre subscientes e inúteis como inconciliáveis com as condições em que se verifica a existência humana.

Segue-se daí que os positivista-materialistas não poderão subtrair-se, de modo algum, às conseqüências logicamente desastrosas e, ao mesmo tempo, inevitáveis, da objeção aqui exposta. De fato, para que outras finalidades existiriam então na subconsciência humana as faculdades supranormais? Como justificar-lhes a gênese, do ponto de vista biológico? Não fica talvez clara a grande verdade acima apresentada, isto é, que elas representam sentidos e faculdades da existência espiritual, destinados a emergirem e exercitarem em ambiente apropriado, depois da crise da morte? Mas, ao mesmo tempo, não fica igualmente claro que um positivista-materialista não poderá nunca, por uma comodidade teórica, afirmar a existência dessas faculdades sem cair numa enorme e insustentável contradição de termos? Repito, pois, que, do ponto de vista aqui considerado, dever-se-á concluir que somente os espiritualistas têm pleno direito de afirmar que uma parte das manifestações em exame têm, presumivelmente, origem nos poderes da subconsciência já que, assim afirmando, vêm simplesmente a reconhecer que *o homem é também um espírito encarnado* e, em conseqüência, que, em dadas condições especiais de diminuição vital do organismo, as suas faculdades espirituais subscientes chegam a emancipar-se, em parte, dos vínculos da carne, emergindo, por momentos fugazes, ao limiar da consciência normal.

Fica, pois, entendido que unicamente os espiritualistas são lógicos quando atribuem aos poderes da subconsciência uma parte dos fenômenos portentosos, inerentes à casuística metapsíquica, enquanto que os positivista-materialistas não podem fazer outro tanto sem caírem em uma enorme heresia científica, se-

gundo a qual existiriam, na subconsciência humana, faculdades psíquicas e atividades supranormais muitíssimo superiores às normais, que seriam literalmente inconciliáveis com a evolução biológica da espécie e não teriam finalidade alguma, salvo de emergirem esporadicamente da subconsciência em períodos de êxtase psíquico nos indivíduos, porém mais especialmente nas crises de enfermidades graves e no momento pré-agônico. Por quê? Para que? Nenhum positivista-materialista jamais conseguirá desembaraçar-se dessa confusão de questões insolúveis, o que equivale a reconhecer que aos negadores da sobrevivência não resta outra via de salvação que recusar-se cega e obstinadamente a admitir a existência de uma casuística supranormal.

Isto estabelecido reconheço, baseado na análise comparada dos fatos, que se deva ter como presumível que uma parte dos fenômenos de *transporte* tenha origem em um ato de vontade da personalidade subconsciente do médium, o que, repito, não deveria pasmar grandemente quando se levar em conta as considerações expostas. Quero dizer que, se o espírito humano sobrevive ao corpo, então o homem é um espírito encarnado, mesmo quando ainda encarnado, e, assim sendo, nada mais natural que, nas crises de diminuição vital a que pode estar sujeita uma pessoa (e o *transe* é um estado provocado por minoração vital), devam emergir, em momentos fugacíssimos, as suas faculdades espirituais com a produção de manifestações supranormais assim como as mesmas faculdades já emergiam espontaneamente durante o sono natural, o desmaio, o êxtase, a hipnose, a narcose e o coma.

Destas considerações esboça-se uma outra pela qual somos levados a reconhecer que, se assim é, então se deverá logicamente admitir que o que pode realizar um espírito encarnado deve poder realizá-lo, ainda melhor, um espírito desencarnado, daí a inferência inevitável de que se muitos *transportes* são de ordem subconsciente, outros devem ser de natureza espírita, o que leva a concluir que a questão vertente sobre a gênese dos fenômenos de *transporte* não é questão que se possa resolver a golpes de sentenças dogmáticas pró ou contra a sua interpretação espírita, mas se deve resolver analisando, minuciosamente, caso por caso.

A título de exemplo, recordo que, em nossas experiências de doze anos sobre os fenômenos em referência, das quais forneci exemplos nesta classificação, sucedeu certa vez que se manifestou uma entidade espiritual de um turco (caso XVI) que se expressou em língua turca (o que conseguimos autenticar) e, quando lhe pedimos para trazer um objeto qualquer de seu país, caiu, tinindo, no chão, uma moeda turca.

Ora, observo que, se levarmos em conta que nenhum dos presentes conhecia a língua turca, achamo-nos racionalmente na obrigação de admitir que, em tal circunstância, houvesse intervenção de uma entidade extrínseca ao médium e aos presentes e, se assim é, então também o *transporte* da moeda turca deverá ser atribuído à mesma entidade espiritual e não à personalidade integral subconsciente do médium.

Saliento ainda outra circunstância de fato, que me parece de tal modo importante e sugestiva, que força a refletir seriamente, antes de atribuir a faculdade de produzir os *transportes* à personalidade subconsciente do médium. Tal circunstância já ficou patente no episódio ocorrido, em nossas experiências com Eusápia Paladino (caso XII), no qual o espírito-guia, depois de haver trazido um grande pão, levou-o subitamente de volta e, quando lhe pedimos que o tornasse a trazer, observou: “Pertence à padaria que fica perto daqui. Se quer ficar com ele, dê-me dois soldos.” Neste caso eu havia observado que o ato de escrupulosa honestidade, de que havia dado prova o *espírito-guia* de Eusápia Paladino, estendia-se, em regra geral, às personalidades mediúnicas que dirigem os fenômenos de *transporte*, segundo se observa o modo como se realizam todos os casos, e a natureza dos objetos transportados demonstra tudo isto, de maneira impressionante. Terminava eu declarando que me reservava para comentar, nas conclusões, tal circunstância de fato, que assumia grande importância teórica do ponto de vista da gênese presumível de uma boa parte dos fenômenos de *transporte*.

Cumpro agora a minha promessa. E observo, antes de tudo, que os opositores da hipótese espírita, quando discutem a respeito dos *transportes*, se valem da circunstância de que os objetos transportados são insignificantes e privados de valor comercial,

donde repisaram mais do que nunca no fato, para eles evidentíssimo, de que os fenômenos em questão não podem ter outra origem senão em um ato de vontade subconsciente. E fazem salientar, a propósito, quanto parece absurdo e inverossímil que uma entidade espiritual nada melhor tivesse para deixar como donativo aos viventes que uma pedra, um raminho, uma pérola falsa e assim por diante. Pois bem, tal circunstância de fato se traduz, ao contrário, na mais formidável abjeção que se possa lançar contra a tese da origem subconsciente dos fenômenos de *transporte*.

A tal propósito, convém, antes de tudo, recordar que as personalidades mediúnicas explicam o fato da escassez de valor comercial dos objetos transportados, observando, *concordes entre si*, que isso sucede porque não lhes é lícito furtar e algumas vezes acrescentam que poderiam procurar objetos de valor, não pertencentes a ninguém, mas que lhes é proibido fazê-lo porque não se devem prestar a satisfazer uma baixa avidez de lucro.

Reconheço que uma análise superficial das explicações expostas levaria a considerá-las “desculpas esfarrapadas”, forjadas, para ingênuos, pelas personalidades sonambúlicas subconscientes, porém uma análise mais aprofundada das mesmas explicações conduz, ao contrário, a conclusões diametralmente opostas.

Reflitamos por um momento. Quando, efetivamente, a explicação, em massa, dos fenômenos de *transporte* tivesse que ser procurada exclusivamente na hipótese anímica, quer dizer, nas faculdades supranormais inerentes à personalidade integral subconsciente do médium, fica claro que, em tal caso, não deveriam existir outras restrições na escolha dos objetos a serem transportados senão as relativas ao volume e peso dos mesmos objetos, isto é, que se as vontades reunidas do médium e dos presentes se achassem concordes em desejar o *transporte* de um dado objeto, esse deveria, infalivelmente, ser transportado aos seus pés, o que deveria verificar-se indiferentemente, tanto no caso em que o objeto pertencesse a um dos presentes, quanto no caso em que pertencesse a estranhos, tanto se tratasse de uma moeda de cobre quanto fosse uma moeda de ouro, tanto de um

cartão de visita quanto de uma nota de banco, tanto de uma pérola falsa quanto de uma verdadeira.

Ao contrário. Todos sabem que tal equivalência entre os objetos transportados não existe, isto é, se um experimentador desejasse o *transporte* de uma moeda de cobre, de um cartão de visita especial, de uma pérola falsa, ele muito freqüentemente veria seu desejo atendido, mas, quando, ao contrário, quisesse, intensamente, o *transporte* de uma moeda de ouro que *não fosse sua* ou de uma nota pertencente a outrem ou uma pérola genuína a ser subtraída de uma casa de negócio, ele não poderia esperar nunca que a sua cobiça fosse satisfeita... Por quê? Por quê? Que relações existem entre um fenômeno mediúnico de ordem física e os ditames da ética? Não fica claro que, se uma relação existe então o fato se mostra literalmente inexplicável pela hipótese do subconsciente? E não fica, pelo contrário, do mesmo modo claro, que a relação em apreço é plausibilíssima, baseando-se nas explicações fornecidas pelas personalidades mediúnicas? Em outros termos: se a gênese dos fenômenos de *transporte* fosse puramente anímica, em tal caso os tesouros dos escrínios alheios deveriam ser transportados aos pés dos experimentadores que os desejassem, mas como semelhante portentoso, embora desejadíssimo por bom número de médiuns e experimentadores, não se produziu nunca e nunca se realizará na prática, como explicar as severas restrições de ordem moral que governam os *transportes*, sem exorbitar da hipótese anímica?

As considerações expostas resultam de tal eficácia persuasiva em favor da origem extrínseca dos fenômenos de *transporte* que induzem o autor a suspender seu próprio juízo, porquanto ele não sente urgência alguma em atribuir os *transportes* à intervenção extrínseca. Quanto mais se reflete sobre a circunstância misteriosa em exame tanto menos se chega a conceber como seja possível explicá-la sem se recorrer à hipótese espírita.

Concluo, portanto, convidando os propugnadores irredutíveis da hipótese anímica a se dignarem de esclarecer-me a respeito.

## Nota final

O professor Charles Richet teve a gentileza de comunicar-me um caso de *transporte* por ele mesmo registrado, caso cujo valor teórico é enorme, motivo pelo qual lhe manifesto, publicamente, os meus mais vivos agradecimentos.

Para ilustração dos fatos, reproduzo aqui certo trecho da carta com que o prof. Richet acompanhou a narração do caso em apreço.

Caro Colega,

Eis um fato que vos relato e que cabe inteiramente em vossos escritos sobre os fenômenos de *transporte* (*Luce e Ombra*, 1930, *passim*).

Ele é inédito. Se vos interessar, podeis publicá-lo.

A pessoa que mo narrou é um dos meus excelentes amigos, no qual tenho absoluta confiança.

Trata-se do visconde Saul de Vitray, neto da famosa condessa de Ségur (Rostopchine em solteira), que escreveu tantos livros encantadores para as crianças, livros que foram certamente traduzidos para o italiano.

Este caso (ainda inédito) me parece ser muito curioso.

Infelizmente o conde e a condessa de Vitray não continuaram as suas experiências. Depois do *transporte* de seu filhinho, tiveram medo e interromperam as experiências...

### **Relato do visconde Saul de Vitray-Ségur**

“Estas as manifestações que se verificaram em Buenos Aires, no ano de 1891.

Reuníamos-nos quatro pessoas para interrogar a mesa mediúnica, coisa por nós considerada como passatempo.

As sessões eram feitas em um vasto aposento fracamente iluminado pela luz exterior, o que determinava uma obscuridade relativa e permitia o controle de nossos movimentos. No decurso de uma dessas sessões aconteceu pousar, em cima da mesa, um grande punhado de “violetas de Parma”,

com flores e hastes entrecruzadas. Podia pesar bem um quilo.

Perguntamos ao espírito que manejava a mesa qual a origem de semelhante presente, em pleno inverno, e nos foi respondido que as violetas tinham vindo de Mar del Plata, lugar de veraneio dos habitantes de Buenos Aires, sito a mais de 250 quilômetros de distância da Capital.

Diante de nosso espanto, o espírito, pela mesa, acrescentou: “Para fazer as flores penetrarem na sala, decompus-lhes a matéria para depois reconstituí-la.” Tal explicação aumentou o nosso interesse, em vista do que lhe pedimos: “Trazei-nos uma nota de banco.” Transcorrido breve instante, um golpe surdo nos avisou que o fenômeno já fora produzido. Encontramos de fato, em cima da mesa, uma cédula novíssima, de cinco centavos, divisão mínima da moeda da época.

Já era um belo resultado, mas nós pedimos logo: “Trazei-nos uma nota de 1000 piastras.” A tal pedido, pela mesa, ele respondeu: Não posso fazê-lo, pois seria um furto. Trouxe-lhes uma mota de cinco centavos, que tirei da caixa-forte de um banco, porque considero insignificante o prejuízo causado, mas, para uma soma importante, *não posso operar*.

Animados pelos resultados obtidos, continuamos a interessar-nos pelo brinquedo e, *a pedido*, os mais diversos objetos existentes na sala levantaram vôo e vieram pousar em cima de nossa mesinha. Quando o leve ruído produzido pelo objeto transportado nos avisava que o fenômeno estava se realizando, acendia-se um fósforo e encontrávamos o prodígio. A pedido nosso, os mesmos objetos, consistentes em ninharias de todas as espécies e chaves das fechaduras, voltaram a tomar os seus respectivas lugares.

Acontecia algumas vezes que, aos nossos pedidos demasiadamente exigentes, não dava resposta durante várias horas, mas a longa espera não nos cansava e prosseguíamos em nosso interessante passatempo.

Em uma dessas sessões, que já durava três horas e havia se prolongado até às 11 horas da noite, o espírito que operava pela mesa, evidentemente aborrecido com a nossa insistência, nos ordenou: “Tratem de cear e depois voltem aqui.”

Levantamo-nos a rir e a gracejar e nos dirigimos para a sala de jantar, situada no fundo de uma fileira de quartos dos quais o primeiro era o nosso dormitório e servia, ao mesmo tempo, de sala das sessões. Ali se achava adormecido o nosso filhinho em sua caminha de ferro, cercada de uma grade alta. O nosso pequeno Paulo, que a guerra de 1914 iria arrebatá-lo para sempre, tinha então nove meses e ainda não andava.

Para melhor compreensão do que se segue, adianto que havíamos licenciado a ama e que no apartamento não dormiam criados. Nós quatro, os evocadores do espírito, éramos, com o menino, as únicas pessoas presentes.

Terminada a ceia, apanhei um lampião a petróleo e, precedendo os demais, dirigi-me para a sala das sessões, na qual, como disse, havíamos deixado adormecido o nosso filhinho, quando, inesperadamente, divisei, no quarto contíguo, acorçado perto de uma cadeira, no meio do quarto, o nosso pequeno Paulo, com os olhos fechados, choramingando de sono.

Tal espetáculo inaudito arrancou de todos nós expressões de horror, principalmente pelo fato de ter o menino sido transportado, para aquele ponto, por uma força “desconhecida”.

Esse acontecimento, imprevisto, foi causa de desistirmos, para sempre, de nossas experiências.”

a.) Visconde Saul de Vitray-Ségur.

Esta a interessantíssima relação que me foi remetida pelo prof. Richet. O *transporte* do menino, de um quarto para outro, indubitavelmente que é importante, mas, do ponto de vista teórico, tal importância é bem inferior à que está implícita no

fenômeno de *transporte* de uma nota de banco de ínfimo valor, combinado com a resposta obtida pelos experimentadores quando pediram o *transporte* de uma cédula de grande valor.

E a importância do incidente em apreço está em relação direta com as minhas considerações precedentes sobre o fato de que as personalidades mediúnicas, que atendem aos experimentadores quando estes pedem um cartão de visita, não o fazem quando solicitam uma cédula bancária ou outros objetos de valor, considerações fundadas inabalavelmente em resultados obtidos durante oitenta anos de experiências no mundo inteiro, mas que tiveram sempre a má sorte de não satisfazerem plenamente a alguns críticos sofisticados, segundo os quais as considerações expostas não eram confirmadas por exemplo em que fosse praticamente demonstrada a capacidade das personalidades mediúnicas de transportar, *a pedido*, uma nota de banco.

E eis que se verificou o fenômeno pedido, sem com tal contradizer, de modo algum, as minhas conclusões, ou melhor, confirmando-as, ao contrário, admiravelmente, com a resposta fornecida pelo espírito aos experimentadores, que pediram o *transporte* de uma segunda cédula, mas de mil piastras. O espírito, de fato, respondeu: “Não peso fazê-lo, pois seria um furto. Trouxe uma nota de cinco centavos, que tirei da caixa-forte de um banco, porque considero insignificante o prejuízo causado, mas, para uma soma importante, *não posso operar*.” Nestas últimas palavras acha-se uma asserção muito sugestiva e também concordante com o que expressei nas minhas conclusões. Por que então não podia ele operar quando se tratava de uma cédula de grande valor? Quem lho impedia? Não está claro que tais palavras confirmam exatamente as afirmativas de tantas outras personalidades mediúnicas que asseguram que “entidades superiores” lhes proibem fazê-lo? E não somos forçados a reconhecer, em homenagem à lógica, que, se os fenômenos de *transporte* se verificassem apenas graças às faculdades supranormais subconscientes, os desejos combinados dos médiuns e dos assistentes não teriam, como consequência, pôr-lhes aos pés os tesouros dos cofres alheios?

Acrescento que, no modo de proceder das personalidades mediúnicas, nota-se outra particularidade mais do que nunca eloqüente no sentido espiritualista e é de que as mesmas personalidades se recusam, outrossim, a transportar objetos de valores diversos não pertencentes a ninguém, informando-lhes que lhes é proibido fazê-lo porque não devem prestar-se a satisfazer a baixa avidez de lucro. Como esclarecer-se, pela hipótese do subconsciente, esse escrúpulo, quase exagerado, das personalidades mediúnicas na observação de regras austeras de uma perfeita moralidade? Pretender-se-ia talvez que essas admiráveis aplicações de ética evangélica sejam sempre herança comum de todas as personalidades subconscientes? Respondo que nunca poderia entender que, na subconsciência de um ladrão arrombador de cofres, haja uma personalidade tão pura e ilibada que lhe recuse a posse de valores que a ninguém pertenciam. Mas há outra coisa a salientar a tal propósito, pois ao refletir que os metapsiquistas materialistas consideram as personalidades mediúnicas como “criações efêmeras do pensamento coletivo”, então parece mais do que nunca enorme o absurdo de atribuir a personalidades fictícias de tal natureza princípios morais sublimes em aberto contraste com a vontade coletiva geradora dessas personalidades. E mesmo que se quisesse refugiar na outra hipótese propugnada pelos referidos metapsiquistas materialistas, segundo a qual as personalidades mediúnicas seriam manifestações proteiformes da “personalidade integral subconsciente” dos médiuns, personalidade provida de faculdades supranormais capazes de produzir os fenômenos de *transporte*, teríamos sempre que indagar por que uma personalidade integral subconsciente, destinada a extinguir com a morte do corpo, deveria mostrar-se tão evangélica, moralmente tão austera, tão indiferente ao bem-estar da parte consciente de si mesma, desde que esta última, como a primeira, está *destinada a extinguir com a morte do corpo*. Os romanos da decadência eram infinitamente mais lógicos quando exclamavam: “Embriaguemo-nos com vinho e amor, saboreemos os gozos da riqueza, pois a vida é breve e tudo termina com a morte.”

Mesmo que se quisesse abrir mão da única hipótese logicamente sustentável, aceitando a sobrevivência (e, portanto, a espiritualidade) da personalidade subconsciente para daí atribuir-lhe a produção dos fenômenos de *transporte*, em tal caso seria mais verossímil supô-la dotada de uma elevação moral excepcional, mas ficaria sempre por resolver uma questão literalmente inconciliável com a ética imaculada com que se quereria gratificá-la e é que não se saberia explicar como tal personalidade integral subconsciente poderia mentir constantemente, insulsamente, infamemente camuflando a si mesmo com as vestes de uma sucessão de espíritos desencarnados, vinculados afetivamente aos presentes. Nem poderia evitar-se a dificuldade, observando que tal suceda por efeito de sugestão e auto-sugestão, já que neste caso não se trataria mais de “personalidade integral subconsciente” do médium, mas sim de uma personalidade sonambúlica efêmera (tem-se notado, efetivamente, que a “personalidade integral subconsciente” emerge apenas nos estados profundos da hipnose e *não é sugestionável*). Achando-se as coisas nestes termos, segue-se que não se poderia gratificar uma “personalidade sonambúlica” extremamente sugestionável, privada de vontade, destinada a viver uma hora para depois diluir-se no nada, com o atributo sublime de uma moralidade perfeita.

Convenhamos: tudo concorre para demonstrar que não se poderia cogitar de uma prova mais eficaz do que esta aqui considerada para provar a intervenção de entidades espirituais na realização dos fenômenos de *transporte*.

Repito, portanto, meu desafio: Quem for de parecer contrário queira expor publicamente as suas razões e eu replicarei.

**FIM**

## Notas:

---

<sup>1</sup> Os termos técnicos são:

- *apport*, quando a coisa é levada de fora para dentro, e
- *asport*, quando é levada de dentro para fora.

Dessa forma, o neologismo *trazimento*, aplicado aos casos do gênero, não tem razão de ser. *Transporte* é o termo já consagrado e com esta designação me refiro a ambos os casos, salvo em raras exceções nas quais para melhor diferenciação, no texto, aplico um ou outro, para melhor compreensão do leitor (Nota do tradutor).